



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA

FRANCIELI HENNIG

RELAÇÃO ENTRE PRÁTICAS EDUCATIVAS PARENTAIS
E MEMÓRIAS DE CUIDADOS NA INFÂNCIA

FLORIANÓPOLIS - SC
2008

FRANCIELI HENNIG

**RELAÇÃO ENTRE PRÁTICAS EDUCATIVAS PARENTAIS
E MEMÓRIAS DE CUIDADOS NA INFÂNCIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Psicologia, sob a orientação do Prof. Dr. Mauro Luis Vieira.

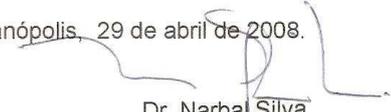
FLORIANÓPOLIS - SC
2008

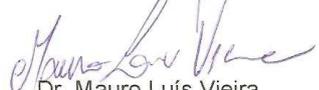
Francieli Hennig

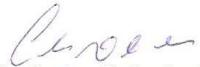
Relação entre práticas educativas parentais e memórias de cuidados na infância

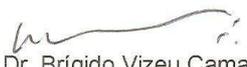
Dissertação aprovada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Mestrado, Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 29 de abril de 2008.


Dr. Narbal Silva
(Coordenador - PPGP/UFSC)


Dr. Mauro Luís Vieira
(PPGP/UFSC-Orientador)


Dr. Carlos Roberto de Oliveira Nunes
(FURB-Examinador)


Dr. Brígido Vizeu Camargo
(PPGP/UFSC-Examinador)

Dr. José Baus
(PSI/UFSC-Suplente)

Aos meus pais que sempre demonstraram seu amor
por mim e que sempre estiveram ao meu lado,
apoando-me e incentivando-me em todos os
momentos da minha vida.

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, Dr. Mauro Luís Vieira, pelo apoio, incentivo e colaboração na construção deste trabalho.

Aos meus pais por me incentivar a sempre acreditar e sonhar e pelo apoio e compreensão nesses dois anos de mestrado.

Ao Carlos, pelo companheirismo, paciência, apoio, incentivo durante estes anos e pela leitura cuidadosa que fez deste trabalho, que me auxiliou nas correções finais.

À equipe do NEPeDI, especialmente as amigas Viviane e Gabriela pelo apoio e colaboração na análise dos dados.

A todos os colegas de mestrado, com os quais compartilhei angústias e alegrias durante estes dois anos, especialmente à Camilla pela amizade, apoio e incentivo e aos amigos João e Alex, pela amizade, disponibilidade, auxílio e colaboração.

Ao professor da graduação Carlos Roberto de Oliveira Nunes que despertou o interesse pela pesquisa e a curiosidade sobre as questões relativas ao comportamento humano.

A todas as pessoas que aceitaram e colaboraram com a realização deste estudo, sem as quais este trabalho não seria possível.

A todos que de alguma forma contribuíram para a concretização deste trabalho.
Muito Obrigada.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS.....	IV
SUMÁRIO.....	V
RESUMO.....	VIII
ABSTRACT.....	IX
ÍNDICE DE FIGURAS.....	X
ÍNDICE DE TABELAS.....	XII
1. INTRODUÇÃO.....	14
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	18
2.1. As Modificações nas Crenças e Atitudes sobre a Educação dos Filhos.....	18
2.2. Práticas Educativas e Estilos Parentais.....	20
2.3. O Modelo de Estilos Parentais de Gomide.....	25
2.4. Estudos sobre Transmissão Intergeracional.....	30
2.5. A Importância da Lembrança.....	37
2.6. Memórias de Cuidados na Infância.....	40
3. OBJETIVOS.....	43
3.1. Geral.....	43
3.2. Específicos.....	43
4. MÉTODO.....	44
4.1. Caracterização.....	44
4.2. Participantes.....	44
4.2.1 Grupo Mães.....	45
4.2.2 Grupo Pais.....	46
4.3. Contexto da Pesquisa.....	48
4.4. Instrumentos de Coleta de Dados.....	48
4.4.1. Ficha de Identificação.....	48
4.4.2. Inventário de Estilos Parentais – IEP.....	49
4.4.3. Inventory for Assessing of Parental Rearing Behaviour – EMBU.....	50
4.5. Procedimento.....	51
4.5.1. Coleta de Dados.....	52
4.6. Análise dos Dados.....	52
5. RESULTADOS.....	56

5.1. Contexto de Criação – Grupo Mães.....	56
5.1.1. Local de Criação e Presença dos Pais Biológicos.....	56
5.1.2. Principal Cuidador.....	57
5.1.3. Ambiente Familiar.....	59
5.2. Resultados do Inventário de Estilos Parentais – Grupo Mães.....	61
5.2.1. Dimensões do IEP e Variáveis de Caracterização da Amostra.....	71
5.2.2. Correlações entre as Dimensões do IEP.....	72
5.2.3. Dimensões do IEP e Escolaridade da Respondente.....	73
5.2.4. Dimensões do IEP e Condições Materiais, Clima na Infância, Relação Conjugal dos Pais e Conflitos entre os Pais da Respondente	73
5.2.5. Dimensões do IEP e Conflitos entre a Respondente e o Pai, entre a Respondente e a Mãe, Afetividade do Pai e Afetividade da Mãe.....	74
5.3. Resultados EMBU – Grupo Mães.....	75
5.3.1. Correlações entre as Dimensões do EMBU.....	76
5.3.2. Dimensões do EMBU e Condições Materiais, Clima na Infância, Relação Conjugal dos Pais e Conflitos entre os Pais da Respondente.....	77
5.3.3. Dimensões do EMBU e Conflitos entre a Respondente e o Pai, entre a Respondente e a Mãe, Afetividade do Pai e Afetividade da Mãe.....	79
5.4. Correlações entre Práticas Educativas Parentais e Memórias de Cuidado na Infância – Grupo Mães.....	80
5.5. Contexto de Criação – Grupo Pais.....	82
5.5.1. Local de Criação e Presença dos Pais Biológicos.....	82
5.5.2. Principal Cuidador.....	82
5.5.3. Ambiente Familiar.....	84
5.6. Resultados do Inventário de Estilos Parentais – Grupo Pais.....	85
5.6.1. Dimensões do IEP e Variáveis de Caracterização da Amostra.....	93
5.6.2. Correlações entre as Dimensões do IEP.....	94
5.6.3. Dimensões do IEP e Escolaridade do Pai.....	95
5.6.4. Dimensões do IEP e Condições Materiais, Clima, Relação Conjugal e Conflitos entre os Pais Durante a Infância dos Participantes.....	96
5.6.5. Dimensões do IEP e Conflitos com o Pai, Conflitos com a Mãe, Afetividade do Pai e Afetividade da Mãe.....	97
5.7. Resultados EMBU – Grupo Pais.....	98

5.7.1. Correlações entre as Dimensões do EMBU.....	99
5.8. Correlações entre Práticas Educativas Parentais e Memórias de Cuidado na Infância – Grupo Pais.....	100
6. DISCUSSÃO E CONCLUSÃO.....	101
6.1 Práticas Educativas Parentais.....	101
6.1.1. Interrelações entre as Práticas Educativas.....	106
6.2. Memórias de Cuidados na Infância.....	107
6.3 Memórias de Cuidados na Infância e Práticas Educativas Parentais.....	108
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	115
8. REFERÊNCIAS.....	119
9. ANEXOS.....	129

HENNIG, Francieli. Relação entre Práticas Educativas Parentais e Memórias de Cuidados na Infância. Dissertação de Mestrado em Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis (SC). 2008. 136 páginas.

RESUMO

O objetivo desta pesquisa foi identificar a relação entre memória de cuidados recebidos na infância e práticas educativas parentais. Participaram do estudo 80 indivíduos, 60 mães e 20 pais, que possuíam pelo menos um filho na faixa etária entre 12 e 18 anos, residentes na cidade de Blumenau-SC. A coleta de dados foi realizada por meio da aplicação de um inventário de estilos parentais e do EMBU (Egna Minnen av Barndoms Uppfostran – Minhas memórias da infância). Os resultados apontaram que existe relação entre as memórias de cuidados na infância e práticas educativas parentais. No grupo de mães, lembranças do pai durante a infância tiveram impacto nas práticas educativas na vida adulta. Quanto mais lembranças de rejeição as participantes tiveram por parte do pai na infância, menos utilizam a monitoria positiva com seus filhos e mais se observa a presença da punição inconsistente e do abuso físico nas práticas educativas. A dimensão calor emocional do pai também interferiu nas práticas maternas. Quanto mais calor emocional do pai foi lembrado entre as mães, mais estas fazem uso da monitoria positiva na educação de seus filhos e menos utilizam a punição inconsistente e o abuso físico com seus filhos. Foi constatado ainda, no grupo de mães, correlação negativa entre lembranças de calor emocional da mãe na infância e utilização de abuso físico com o filho. Quanto mais calor emocional da mãe foi lembrado na infância, menos o abuso físico é utilizado enquanto prática educativa. No grupo de pais, lembranças de super-proteção da mãe na infância apresentou correlação com disciplina relaxada na prática educativa com o filho. Conclui-se que existem relações significativas entre memórias de cuidados na infância e práticas educativas parentais.

Palavras-chave: estilos parentais - práticas educativas parentais - memórias de cuidados na infância – transmissão intergeracional.

HENNIG, Francieli. The relationship between memories of parental rearing in childhood and parental educational practices. Master Thesis in Psychology Graduate Program. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis (SC), Brazil. 2008. 136 páginas.

ABSTRACT

The aim of this research was to identify the relationship among memories of parental rearing in childhood and parental educational practices. In total, 60 mothers and 20 fathers, with at least one child between 12 and 18 years, were the subject of research. The collection of data was accomplished through the application of the Parental Style Inventory by Gomide (2006) and of EMBU (Egna Minnen av Barndoms Uppfostran – My memories of the childhood). The results indicate that there is relationship among the cares in the childhood and parental practices. In the mothers' group, father's memories during the childhood had impact in the educational practices in the adult life. The more the father's rejection memories the participants had on the childhood, less they use the positive monitoring with your children and more the inconsistent punishment and physical abuse is observed in the educational practices. The father's emotional warmth also interfered in the maternal practices. The more the father's emotional warmth was reminded among the mothers; more these make use of the positive monitoring in your children's education and fewer use inconsistent punishment and physical abuse with your children. It has been noted that, in the mothers' group, there is a negative correlation among memories of the mother's emotional warmth in the childhood and use of physical abuse with the son. Thus, the more the mother's emotional warmth was reminded in the childhood, less the physical abuse is used while educational practice. In the father's group, memories of the mother's over-protection in the childhood presented correlation with slacked discipline in practice educational with the son. In conclusion, it has been found that there is a significant relationship among memories of cares in the childhood and parental educative practices.

Key-words: parental style – parental rearing memories – intergeracional transmission – parenting.

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1:	Porcentagem referente ao principal cuidador nas diferentes faixas etárias.....	58
Figura 2:	Porcentagem referente à pessoa citada como a mais importante nos cuidados durante a infância e juventude das participantes.....	59
Figura 3:	Porcentagem referente aos resultados em monitoria positiva na amostra de mães.....	63
Figura 4:	Porcentagem referente aos resultados em comportamento moral na amostra mães.....	64
Figura 5:	Porcentagem referente aos resultados em punição inconsistente na amostra mães.....	65
Figura 6:	Porcentagem referente aos resultados em negligência na amostra mães.....	66
Figura 7:	Porcentagem referente aos resultados em disciplina relaxada na amostra mães.....	67
Figura 8:	Porcentagem referente aos resultados em monitoria negativa na amostra mães.....	68
Figura 9:	Porcentagem referente aos resultados em abuso físico na amostra mãe.....	69
Figura 10:	Distribuição em porcentagem do índice de estilo parental na amostra de mães.....	70
Figura 11:	Porcentagem referente ao principal cuidador apontado pelos pais nas diferentes faixas etárias.....	83
Figura 12:	Porcentagem referente à pessoa citada como a mais importante nos cuidados durante a infância e a juventude no grupo de pais.....	83
Figura 13:	Porcentagem referente aos resultados da prática comportamento moral no grupo de pais.....	86
Figura 14:	Porcentagem referente aos resultados da prática monitoria positiva no grupo de pais.....	87
Figura 15:	Porcentagem referente aos resultados da prática comportamento monitoria negativa no grupo de pais.....	88

Figura 16:	Porcentagem referente aos resultados da prática negligência no grupo de pais.....	89
Figura 17:	Porcentagem referente aos resultados da prática disciplina relaxada no grupo de pais.....	90
Figura 18:	Porcentagem referente os resultados da prática punição inconsistente no grupo de pais.....	91
Figura 19:	Porcentagem referente os resultados da prática abuso físico no grupo de pais.....	92
Figura 20:	Distribuição em porcentagem do índice de estilo parental do grupo de pais.....	93
Figura 21:	Correlações entre lembranças da infância e práticas educativas parentais de mães e pais.....	112

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1:	Ocupação – grupo mães.....	45
Tabela 2:	Escolaridade – grupo mães.....	46
Tabela 3:	Ocupação – grupo pais.....	47
Tabela 4:	Escolaridade – grupo pais.....	48
Tabela 5:	Mediana, moda, valores mínimos e máximos sobre o contexto de criação na infância das mães pesquisadas.....	61
Tabela 6:	Mediana, moda e escore máximo e mínimo das práticas educativas utilizadas pelas participantes.....	62
Tabela 7:	Postos médios de cada prática educativa. materna.....	69
Tabela 8:	Comparação entre as dimensões do IEP das mães e a variável trabalho remunerado.....	71
Tabela 9:	Correlação entre as dimensões do IEP na amostra de mães.....	72
Tabela 10:	Correlações entre as dimensões do IEP e as variáveis: idade, escolaridade e idade do filho.....	73
Tabela 11:	Correlações entre as dimensões do IEP e as variáveis: condições materiais, clima, relação conjugal dos pais e conflitos entre os pais da respondente durante a infância.....	74
Tabela 12:	Correlações entre as dimensões do IEP e as variáveis: conflitos entre a respondente e o pai, conflitos entre a respondente e a mãe, atitude afetuosa do pai e atitude afetuosa da mãe durante a infância.....	75
Tabela 13:	Mediana, moda e escore máximo e mínimo em cada dimensão do EMBU do grupo de mães.....	76
Tabela 14:	Correlações entre as dimensões do EMBU no grupo de mães.....	77
Tabela 15:	Correlações entre as dimensões do EMBU e as variáveis: condições materiais, clima, relação conjugal dos pais e conflitos entre os pais da respondente durante a infância.....	78
Tabela 16:	Correlações entre as dimensões do EMBU e as variáveis: conflitos entre a respondente e o pai, conflitos entre a respondente e a mãe, atitude afetuosa do pai e atitude afetuosa da mãe durante a infância...	80

Tabela 17:	Correlações entre as dimensões do EMBU e as dimensões do IEP no grupo de mães.....	81
Tabela 18:	Mediana, moda, escores máximos e mínimos das práticas educativas paternas.....	85
Tabela 19:	Comparação entre dimensões do IEP e a variável sexo do filho no grupo de pais.....	94
Tabela 20:	Correlações entre as dimensões do IEP no grupo de pais.....	95
Tabela 21:	Correlações entre as dimensões do IEP e as variáveis: condições materiais, clima, relação conjugal dos pais e conflitos entre os pais dos participantes durante a infância.....	96
Tabela 22:	Correlações entre as dimensões do IEP e as variáveis: conflitos entre o respondente e o pai, conflitos com a mãe, afetividade do pai e afetividade da mãe - grupo pais.....	97
Tabela 23:	Mediana, moda e escore máximo e mínimo para cada dimensão do EMBU no grupo de pais.....	98
Tabela 24:	Postos médios de cada dimensão do EMBU do grupo pais.....	98
Tabela 25:	Correlações entre as dimensões do EMBU no grupo de pais.....	99
Tabela 26:	Correlações entre as dimensões do EMBU e as dimensões do IEP no grupo de pais.....	100

1. INTRODUÇÃO

A interação entre pais e filhos tem despertado interesse enquanto área de pesquisa nas últimas décadas. Neste sentido, Bussab (2000) adverte que esta atenção especial a este tema se dá devido à proeminência com que aparece nas diversas culturas e em virtude do modo pelo qual parece exercer influência marcante no desenvolvimento das pessoas.

Segundo Bussab (2000), os cuidados parentais têm sido entendidos como ponto de partida para o desenvolvimento de sistemas sociais diferenciados. Desta forma, o trabalho de Keller (1998), que a partir de um estudo intercultural, propõe que diferentes sistemas de criação, refletiriam diferenças nas proporções dos tipos possíveis de cuidados, com mais contato face a face e menos contato corporal no padrão ocidental e vice-versa no padrão não ocidental. Para Keller, tais padrões influenciariam no sentido do desenvolvimento de uma espécie de “personalidade cultural”, de orientação individualista ou coletivista. De acordo com Bussab, investigações como as de Keller podem contribuir para desvendar as especificidades do desenvolvimento humano.

Entretanto, outra forma de estudar as interações entre pais e filhos é através das práticas educativas parentais. Darling e Steinberg (1993) ressaltam que o interesse sobre este tema surgiu a partir da década de 1930. Período, em que os pesquisadores estavam interessados em encontrar respostas a questões como: "Qual a melhor forma de educar os filhos?" e "Quais são as conseqüências que podem ser provocadas no desenvolvimento das crianças educadas por diferentes modelos de pais?" (Darling & Steinberg, 1993). Atualmente encontra-se um rico conjunto de pesquisas que respondem a estas questões e apontam direções especialmente no sentido das conseqüências de diversas práticas educativas sobre o comportamento dos filhos. Além disso, conta-se com estudos que apontam quais as práticas parentais mais adequadas em termos de suas conseqüências sobre o comportamento dos filhos. Grande parte dos estudos encontrados na literatura tem focado as estratégias educativas parentais através da investigação das práticas educativas e/ou dos estilos parentais.

O termo estilo parental foi revisado por Darling e Steinberg (1993), os quais propõem que o mesmo pode ser entendido como o contexto em que os pais influenciam seus filhos através de suas práticas, de acordo com suas crenças e valores. Para Darling e Steinberg, as práticas parentais são comportamentos definidos por conteúdos específicos e

por objetivos de socialização. Assim, a utilização de diferentes práticas parentais pode ter como objetivo o mesmo efeito no filho, dependendo das crenças e valores dos pais.

Alvarenga (2001) argumenta que as práticas parentais revelam-se como estratégias para suprimir comportamentos considerados inadequados ou incentivar a ocorrência de comportamentos adequados. Já os estilos parentais constituem-se como o conjunto de atitudes, que criam um clima emocional em que se expressam os comportamentos dos pais. Incluem as práticas parentais e outros aspectos da interação pais-filhos, tais como: tom de voz, linguagem corporal, descuido, mudança de humor (Darling & Steinberg, 1993). São expressões dos pais em direção aos seus filhos, que caracterizam a natureza da interação entre eles (Reppold, Pacheco, Bardagi & Hutz, 2002).

Para Gomide (2003), as práticas parentais caracterizam-se como estratégias e técnicas utilizadas pelos pais para orientar o comportamento dos filhos, sendo o estilo parental o resultado de um conjunto de práticas educativas que podem, dependendo da frequência e intensidade, desenvolver tanto comportamentos pró-sociais como anti-sociais. A autora mencionada, após oito anos de estudos, desenvolveu um inventário para avaliar o estilo parental, ou seja, as estratégias e técnicas utilizadas pelos pais para educar seus filhos (Sampaio & Gomide, 2007).

O estudo sobre estilos parentais é de grande relevância, pois envolve a família e conseqüentemente toda a sociedade. Todas as pessoas receberam uma educação que de alguma forma foi importante para a sua constituição. O estudo dos estilos parentais trata da educação de filhos de uma forma objetiva, investigando o conjunto de comportamentos dos pais que cria um clima emocional em que se expressam as interações pais-filhos, tendo como base a influência dos pais em aspectos comportamentais, emocionais e intelectuais dos filhos (Weber, Prado, Viezzer & Brandenburg, 2004). Além disso, pesquisas na área das práticas parentais de cuidado são fundamentais por ampliar o conhecimento sobre as práticas educativas, sendo inegável sua importância e relevância social, por proporcionar o avanço no conhecimento teórico, que por sua vez, implicará em intervenções sociais, através da divulgação de informações e do auxílio na implementação de políticas públicas, que poderão beneficiar pais e filhos.

Conforme aponta Weber et al. (2004), além da influência sobre diversos aspectos no desenvolvimento dos filhos, os estilos parentais podem estar determinando o estilo parental que os filhos vão adotar futuramente, através de uma transmissão intergeracional de estilos parentais. Neste sentido, parece haver um consenso na literatura sobre a transmissão do comportamento agressivo, o qual foi investigado por inúmeros estudos (Simons,

Whitbeck, Conger & Chyi-In, 1991; Capaldi & Patterson, 1991; Dubow, Huesmann & Boxer, 2003).

Apesar de alguns estudos nacionais demonstrarem a concordância intergeracional (Almeida, 1987; Oliveira et al., 2002; Dias & Lopes, 2003; Vitali, 2004), outros estudos, como o de Benincá e Gomes (1998) mostram a existência de duas forças antagônicas, uma a favor da descontinuidade (evidenciada pelo surgimento de novos padrões educacionais) e outra no sentido da continuidade, no que se refere à linearidade familiar). Além disso, todas as pesquisas citadas, exceto o estudo de Vitali (2004), envolveram participantes de diferentes gerações, geralmente mães e as suas mães.

Oliveira et al. (2002) encontraram uma correlação positiva entre o autoritarismo de avós e mães, ou seja, as filhas educadas por mães autoritárias tenderam a adotar este mesmo estilo parental com seus próprios filhos. Entretanto, será que isto ocorre de maneira geral? Será que pais repetem a maneira como foram educados? Como ressalta Darling e Steinberg (1993), ainda pouco se sabe sobre o porquê de os pais adotarem um estilo parental ou outro.

Além dos estudos sobre a transmissão das práticas educativas, encontra-se na literatura pesquisas voltadas para as implicações das memórias de cuidados na infância nos comportamentos de jovens e adultos. Estes estudos se dividem quanto ao enfoque, alguns abordam as memórias de cuidados na infância e suas implicações no estilo de vinculação atual (Pacheco, Costa & Figueiredo, 2003; Rodrigues et al. 2004) e outros, enfocam suas implicações na relação mãe e filho (Belsky, Youngblade & Pensky, 1990).

Belsky et al. (1990) investigaram as lembranças de cuidados na infância de 92 mães durante o último trimestre de gravidez e constataram que o processo de transmissão intergeracional parece variar em função da qualidade marital, com histórias problemáticas durante a infância, predizendo afeto maternal negativo e histórias de apoio predizendo afeto maternal positivo. Deste modo, lembranças de rejeição durante a infância refletiram negativamente no afeto materno para com a criança, quando a qualidade conjugal foi percebida como pouco positiva, entretanto, quando o relacionamento conjugal foi percebido como muito positivo, as lembranças de rejeição ou falta de apoio não refletiram no afeto para como filho.

Rodrigues et al. (2004) investigaram de que modo as memórias de cuidados na infância contribuem para o estilo de vinculação de grávidas adolescentes. Os resultados deste estudo corroboraram os dados da literatura, ou seja, adultos seguros descrevem suas figuras de vinculação primárias como tendo sido carinhosas, disponíveis, atentas e capazes de responder às necessidades sentidas, têm recordações mais positivas das figuras parentais na

infância e representam os progenitores como mais benevolentes e menos punitivos que os sujeitos com vinculação insegura, os quais recordam práticas de cuidados parentais mais inadequadas e referem-se às figuras de vinculação como menos protetoras e carinhosas, mais intrusivas, inconsistentes, inacessíveis e mais rejeitantes.

Contudo, poucas pesquisas como de Belsky et al. (1990) exploram as implicações das memórias de cuidados na infância nos comportamentos parentais. Diante da importância de conhecer as memórias de cuidados na infância de pais e mães e a relação entre estas e as práticas educativas utilizadas na interação com seu filho, delineou-se a seguinte pergunta de pesquisa: **Qual a relação entre as práticas educativas utilizadas pelos pais e a memória de cuidados recebidos na infância?**

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 As Modificações nas Crenças e Atitudes sobre a Educação dos Filhos

Conforme aponta Biasoli-Alves (2002), o tema família nos remete a sua função na sociedade. É a família que vai dimensionar as práticas educativas da prole, compor o ambiente em que a criança vai viver, e estabelecer modos e limites das interações entre pais, filhos, netos. Cabe a ela propiciar o desenvolvimento nos primeiros anos de vida do bebê, condições para a formação da identidade e manter a convivência e as trocas efetivas entre seus membros, incluindo o cuidado ao focalizar pais e filhos e à transmissão de valores (Biasoli-Alves, 2002)

A partir de uma revisão sobre o tema, Biasoli-Aves (2002) argumenta que para a família garantir a socialização é necessário: a) existência de uma relação afetiva entre os adultos e criança, que promova o sentimento de segurança; b) que o controle disciplinar seja menos punitivo e mais de forma preventiva, com explicação do que é certo e errado e seu porquê; c) que o ambiente seja estruturado com normas consistentes, que sirvam de referência para a criança e suas aprendizagens; e d) que seja possibilitada à criança de forma gradual, fazer escolhas, promovendo um grau de independência de acordo com os limites de sua idade e competência.

Entretanto, a maneira de socializar as crianças não tem sido a mesma ao longo dos tempos. Neste sentido, Bronfenbrenner (1995) citado por Biasoli-Alves (2002) destaca alguns fatores relacionados à modernização no modo de criar os filhos: 1) aumento da escolarização que produz brechas entre as gerações e auxiliou também na profissionalização da mulher e no seu afastamento das tarefas exclusivamente domésticas; 2) exigência de mobilidade dos novos casais com seus filhos e distanciamento de sua família de origem; 3) alterações nos papéis masculinos e femininos: entrada da mulher no mundo do trabalho e maior participação do homem nas atividades domésticas e no cuidado das crianças; 4) perda do prestígio da mulher como dona-de-casa e diminuição do valor social na função de criar os filhos; 5) conhecimento médico-científico e discurso psicológico sobre relações interpessoais; 6) diminuição do tamanho das famílias, tanto em relação ao número de adultos,

quanto ao número de crianças; 7) aumento de serviços destinados aos cuidados das crianças, como a escolarização precoce.

Biasoli-Alves (2002) faz um retrospecto histórico sobre a parentalidade e aponta que no início do século XX as crenças e atitudes sobre a criação dos filhos esteve vinculada basicamente à religião e ao sistema em que as mães foram educadas. Os adultos tinham o controle e a obediência das crianças por meio da punição severa, despendiam pouco agrado e elogios e expressões como “você não fez mais do que sua obrigação” eram comuns nesta época; os pais não davam explicações do porquê de suas ordens e proibições e a exigência era regra quanto aos padrões sociais, são os excessos sempre reprimidos.

Nas décadas 50 e 60 a pediatria, através da moralidade higienista, influenciou as crenças e atitudes sobre a infância. O comportamento da criança neste período ainda é controlado, porém de forma menos punitiva, já que o objetivo era proporcionar uma infância feliz e despreocupada (Biasoli-Alves, 2002). Observa-se segundo a autora, tanto a exigência quanto a afetividade.

Além das modificações sobre a compreensão da criança e das práticas educativas empregadas pelos pais ao longo dos tempos é possível constatar que o modelo de pai também mudou a partir da década de 70. Segundo Pleck e Pleck (1997), entre os fatores que implicaram nesta mudança estavam o movimento do feminismo e a inserção da mulher no mercado, exigindo do pai a divisão igualitária nos cuidados e auxílio na educação dos filhos. Conforme apontam Prado, Piovanotti e Vieira (2004) até o início do século vinte a mãe era vista como a principal responsável pela criação dos filhos e foi somente a partir da metade do século vinte, que o modelo de pai mudou para um pai mais envolvido intensamente com seus filhos e é este modelo, segundo os autores, que impulsiona as investigações científicas. Os trabalhos de Rohner e Veneziano (2001) e Veneziano (2003) demonstram este novo enfoque das pesquisas sobre cuidados parentais e advertem sobre a importância do apoio, calor, conforto e cuidados para a qualidade do relacionamento pais e filhos e argumentam que o amor por parte do pai é tão importante quanto o materno para o bem-estar dos filhos.

No final do XX, o conhecimento divulgado por especialistas na área infantil: pediatras, professores e psicólogos exercem influência sobre as crenças e atitudes sobre educação de filhos e a orientação é permitir, não tolher, não frustrar e não desestimular a criança (Biasoli-Alves, 2002). Neste período, de acordo com a autora, pais são criticados se cultivam alguma autoridade sobre os filhos, os quais, conseqüentemente se mostram cada vez mais impulsivos e explosivos, gerando frustrações nos pais e os levando a adotar outras estratégias para conter os filhos, como punição física e verbal.

Para Biasoli-Alves (2002) as transformações observadas no decorrer das últimas décadas no modo de conceber a relação pais e filhos parecem ser fruto do conhecimento técnico científico, que acaba gerando insegurança nos pais quanto à forma de pensar a educação das gerações mais novas. Neste sentido, Ribeiro (2003) destaca que nos dias atuais os pais estão imersos numa grande quantidade de informação que provém de profissionais, dos meios de comunicação e mesmo dos elementos da rede social de apoio, quer sejam amigos ou membros da família.

Além disso, os fatores que caracterizam a sociedade atual como o aumento da competitividade no sentido do individualismo, o agravamento de fenômenos como o desemprego, a violência, as doenças sexualmente transmissíveis trouxeram implicações para a forma como atualmente as crianças são educadas Ribeiro (2003). Esse autor ressalta, ainda, que esses aspectos implicam também em alterações na estrutura familiar, designadamente o acréscimo de situações de divórcio e de famílias monoparentais e reconstruídas, assim como a falta de apoio intergeracional, que tem repercussão na educação dos mais jovens. Essas modificações sociais e familiares refletem no modo como são vivenciadas a maternidade e a paternidade nos nossos dias.

2.2. Práticas Educativas e Estilos Parentais

As relações entre pais e filhos, e de modo mais específico as práticas educativas parentais, têm sido alvo de pesquisas e livros, e até mesmo de programas vinculados pela mídia, revelando-se como campo de pesquisa de interesse público. De acordo com Alvarenga e Piccinini (2001) muitas pesquisas enfocam as possíveis implicações das práticas educativas no desenvolvimento infantil, onde os problemas de comportamento têm sido enfatizados como uma das variáveis relacionadas às práticas educativas parentais.

Os pais enquanto agentes de socialização procuram direcionar o comportamento dos filhos a fim de seguir certos princípios morais e adquirir comportamentos que conduzam à independência, autonomia e responsabilidade, bem como, esforçam-se para diminuir comportamentos considerados inadequados ou desfavoráveis socialmente. Deste modo, as práticas educativas parentais caracterizam-se como as diversas estratégias e técnicas utilizadas pelos pais para orientar o comportamento dos filhos. Já o conjunto de práticas utilizadas pelos pais é denominado estilo parental (Gomide, 2003).

O estilo parental pode ser definido como uma constelação de atitudes direcionadas à criança, que criam um clima emocional, no qual os comportamentos dos pais são expressos. Estes incluem comportamentos com objetivos direcionados que os pais manifestam através das práticas parentais e comportamentos com objetivos não direcionados, como gestos, mudanças de entonação da voz ou expressões emocionais espontâneas (Darling & Steinberg, 1993). Segundo Darling e Steinberg (1993), esta definição de estilo parental embasou diversos estudos sobre socialização conduzidos durante a terceira e quarta década do século XX, interessados especialmente na influência do comportamento dos pais no desenvolvimento da criança. Neste contexto, de acordo com as autoras, tinham-se de um lado os behavioristas, interessados em desvendar como o reforçamento parental conduzia ao desenvolvimento da criança e de outro, a teoria freudiana que defendia que os determinantes básicos do desenvolvimento estavam inevitavelmente em conflito com os desejos parentais e requisições sociais.

O conceito de estilo parental foi inicialmente utilizado por Baldwin em 1949, que estudou as conseqüências em termos de risco e proteção de dois estilos parentais: o estilo democrático-recíproco, caracterizado pela tentativa amistosa de envolver a criança no processo decisório familiar, e o estilo autoritário - impositivo e hostil aos interesses e vontades da criança (Darling & Steinberg, 1993). Baumrind, em 1971, retomou a linha de pesquisa de Baldwin, através da análise de diversos dados observacionais e atitudes auto-relatadas dos pais, acrescentou mais um estilo parental: o permissivo, o qual compreende tanto a falta de controle, quanto de expectativas de uma conduta madura da criança (Oliveira et al., 2002).

Conforme Darling e Steinberg (1993), Baumrind focalizou em suas pesquisas a influência da variação normal da autoridade parental no desenvolvimento precoce da criança. Articulou e ampliou o conceito de controle parental, antes definido como severidade, uso da punição física, discussão. Em contraste, Baumrind defendeu que a disposição parental para socializar suas crianças é conceitualmente distinta da severidade parental e usou o conceito de controle para referir-se às tentativas dos pais de integrar a criança à família e à sociedade, pela exigência da conformidade (Darling & Steinberg, 1993).

Segundo Costa, Teixeira e Gomes (2000) o trabalho de Baumrind de 1966, integrou tanto aspectos comportamentais quanto afetivos envolvidos na criação dos filhos, impulsionando o estudo dos estilos parentais. Baumrind enfatizou a autoridade que os pais exercem sobre os filhos, como decorrente das crenças e valores parentais, e não considerou a

autoridade parental como uma dimensão contínua; e propôs tipos parentais que foram chamados inicialmente de autoritativo, autoritário e permissivo (Costa et al., 2000)

De acordo com Gomide (2006) os pais autoritativos são aqueles com uma atitude calorosa e compreensiva e promovem autonomia psicológica, sendo firmes no estabelecimento das diretrizes comportamentais, ao contrário dos autoritários, os quais se caracterizam pela exigência e baixos níveis de afetos positivos e autonomia psicológica. Baumrind, segundo Bem e Wagner (2006), caracterizou o estilo permissivo, como aquele em que os pais demonstram afeto, são comunicativos e receptivos com seus filhos, demonstram ainda, pouco controle parental, utilizando pouco castigo e mostram-se tolerantes aos impulsos da criança, deixando-a regular suas atividades.

Lamborn, Mounts, Steinberg e Dornbusch (1991) realizaram uma pesquisa com 4100 adolescentes entre 14 e 18 anos de idade, que foram classificados entre 1 de 4 grupos (autoritativo, autoritário, indulgente ou negligente). Estes adolescentes foram avaliados em termos do desenvolvimento psicossocial, desempenho escolar, comportamentos de internalização e problemas de comportamento. Os resultados deste estudo indicaram que adolescentes que perceberam seus pais como autoritativos mostraram mais aspectos positivos de desenvolvimento (índice alto de competência psicológica e baixo índice de disfunção comportamental e psicológica), enquanto o inverso foi constatado entre os adolescentes que perceberam seus pais como negligentes. Adolescentes que caracterizaram seus pais como autoritários foram razoavelmente bem nas medidas de obediência e conformismo, mas tiveram autoconceito mais baixo que os demais. Filhos de pais indulgentes apresentaram um alto senso de autoconfiança, mas relataram com frequência abuso de substâncias e baixo desempenho escolar. Parte destes adolescentes (2300 indivíduos) respondeu os mesmos questionários um ano depois, numa pesquisa de Steinberg, Lamborn, Darling, Mounts e Dornbusch (1994), através da qual foi constatado que as diferenças de ajustamento do adolescente conforme o estilo parental de seus pais mantiveram-se ou ainda aumentaram após um ano da pesquisa inicial.

No Brasil, diversas pesquisas têm explorado a área de práticas e estilos parentais: as crenças parentais sobre cuidado com os filhos (Lordelo, Fonseca & Araújo, 2000; Ribas Jr., Seidl de Moura & Bornstein, 2003); a relação entre estilos parentais ou práticas educativas e comportamentos dos filhos (Alvarenga & Piccinini, 2001; Weber, Viezzer & Brandenburg, 2003; Oliveira et al., 2002; Bolsoni-Silva & Maturano, 2002; Weber, Biscaia, Paivei & Galvão, 2002; Salvo, Silves & Toni, 2005; Motta, Falcone, Clark & Manhães, 2006, Salvador, 2007); as habilidades sociais parentais e relações entre pais e filhos (Sicuro &

Lohr, 2006; Cia, Pereira, Del Prette & Del Prette, 2006); a percepção dos filhos e/ou dos próprios pais sobre os estilos parentais (Costa et al., 2000; Carvalho & Gomide, 2005; Weber, Prado, et al., 2004); as estratégias educativas conforme o nível socioeconômico da família (Bem & Wagner, 2006); o abuso físico nas práticas educativas (Ceconello, Antoni & Koller, 2003; Weber, Viezzer & Brandenburg, 2004); as práticas educativas e doenças crônicas dos filhos (Picanço, 2006; Piccinini, Castro, Alvarenga, Vargas & Oliveira, 2003); a relação entre as relações conjugais e parentais (Oliveira et al., 2002; Braz, Dessen & Silva, 2005) e a transmissão intergeracional (Benincá & Gomes, 1998; Oliveira et al., 2002; Dias & Lopes, 2003; Vitali, 2004, Weber, Selig, Bernardi & Salvador, 2006).

Pode-se constatar que os estudos nacionais na área das práticas educativas parentais enfocam suas interrelações com outras temáticas como, crenças, metas de socialização, habilidades sociais parentais, bem como, as conseqüências dos estilos parentais e práticas utilizadas pelos pais sobre os filhos, tema que têm sido foco de inúmeras pesquisas sobre as quais serão discorridas ao longo do texto. Contudo, entre os estudos nacionais citados, apenas os últimos investigaram transmissão intergeracional dos estilos parentais (Benincá & Gomes, 1998; Oliveira et al., 2002; Dias & Lopes, 2003; Vitali, 2004, Weber et al., 2006).

De acordo com Gomide (2004) as práticas educativas negativas (monitoria negativa, disciplina relaxada, punição inconsistente, abuso físico e negligência) estão correlacionadas ao desenvolvimento do comportamento anti-social. Oliveira et al.(2002) observaram que filhos de mães autoritárias em geral, apresentam comportamentos de externalização, ou seja, agressão verbal ou física, destruição de objetos, mentira, assim como comportamentos de internalização que incluem: retração social, depressão, ansiedade. Filhos de pais autoritários também foram descritos como tendo tendência para um desempenho escolar moderado, sem problemas de comportamento; porém com pouca habilidade social, baixa auto-estima e alto índice de depressão (Lamborn, 1991; Cohen & Rice, 1997; Darling, 1999).

A negligência também está correlacionada à *deficits* comportamentais. Estudos indicam que filhos de pais negligentes possuem baixo rendimento escolar, sintomas depressivos e baixa auto-estima (Radziszewska, Richardson, Dent & Flay, 1996; Darling, 1999). Além disso, Weber, Biscaia et al. (2002) observaram que estas crianças possuem maior índice de estresse.

Entretanto, estilos parentais adequados, como é o caso do autoritativo estão associados a aspectos positivos: competência social, assertividade, comportamento independente de crianças (Baumrind, 1966); melhor desempenho no estudo (Steinberg,

Darling & Fletcher, 1995; Cohen & Rice, 1997), uso de estratégias adaptativas (Aunola, Stattin & Nurmi, 2000), maior grau de otimismo (Weber et al., 2003). Em adolescentes o estilo autoritativo está relacionado a melhores níveis de adaptação psicológica, competência social, auto-estima, desempenho acadêmico, autoconfiança e menores níveis de problemas de comportamento, ansiedade e depressão (Baumrind, 1966; Lamborn et al., 1991; Steinberg et al., 1994). São vistos também, como socialmente e instrumentalmente mais competentes do que os filhos de pais não autoritativos (Darling, 1999).

Como aponta Weber, Prado et al. (2004), o estilo parental autoritativo mostra-se bastante adequado para uma educação saudável dos filhos. Adotar este estilo, segundo as autoras, implica em pais que se envolvam na educação, respondendo às necessidades que a criança tem de atenção, incentivo, auxílio, diálogo e diversão, bem como supervisionar e monitorar os comportamentos do filho, exigindo obediência de regras e limites e o cumprimento de deveres. Pais devem ser responsivos, mas também exigentes, respeitar os direitos dos filhos, mas fazê-los respeitar seus papéis. Há uma posição de controle de um lado e uma posição de compreensão e bi-direcionalidade de outro, que oferece à criança maior autonomia e auto-afirmação (Weber, Prado, et al., 2004).

Weber, Prado, et al. (2004) investigaram os estilos parentais entre famílias de 239 crianças de 9 a 12 anos e seus respectivos pais. Os resultados mostraram que a maioria dos pais e das mães foi classificada como negligente (45,4%). O estilo autoritativo foi representado por (32,8%), o autoritário por 10,1% e o indulgente por 11,8% da amostra. As autoras consideraram elevado o percentual do estilo negligente, pois englobou quase metade da amostra. Apesar dos pais terem se percebido como mais responsivos e exigentes do que seus filhos perceberam, a correlação entre as respostas dadas pelas crianças e por seus pais foi significativa e positiva. Além disso, a percepção das crianças, de suas mães, foi correlacionada com a percepção delas de seus pais.

No estudo de Weber, Prado et al. (2004) foi verificada também uma diferença significativa entre meninos e meninas quanto à exigência, sendo que os pais (pai e mãe) são um pouco mais exigentes com as filhas do que com os filhos. As autoras apontam que as diferenças encontradas podem ter uma explicação cultural, pois, normalmente, se imagina que as meninas precisam de mais cuidados por serem mais frágeis, e que por sua vez, os meninos são fortes, têm mais autonomia e acabam sendo mais negligenciados por seus pais. O fato de a diferença encontrada ter sido na dimensão de exigência mostra que os pais controlam mais a filha do que o filho, confirmando a possível influência cultural. Sobre o comportamento de pais e mães, os resultados obtidos mostraram uma concordância entre as

respostas, o que, de acordo com as autoras, pode resultar em desvantagem para algumas crianças, especialmente no caso dos estilos negligente, autoritário ou permissivo, ou seja, uma criança que possui ambos os pais com o mesmo estilo não terá possibilidades de compensação para a criança, uma vez que pai e mãe seguem um mesmo padrão de comportamento (Weber, Prado, et al., 2004).

Gomide (2006) encontrou diferenças entre as práticas educativas de pais e mães e gênero do filho. As mães apresentaram maiores índices de monitoria positiva e comportamento moral com as filhas, porém maiores índices de abuso físico e disciplina relaxada com os filhos. Já entre os pais, Gomide verificou que estes apresentaram maiores índices de comportamento moral com as filhas e maiores escores em abuso físico com os filhos. Resultados que refletem diferenças entre as práticas empregadas pelos em relação ao gênero do filho. Entretanto Zach e Keller (2002) observaram 58 pais e mães em interações com seus bebês e verificaram que maior tempo era despendido para o filho do mesmo sexo. Assim, mães passaram mais tempo com suas filhas e pais passaram mais tempo em interação com seus filhos.

Como visto anteriormente muitos estudos a partir da década de 60 utilizam o modelo de Diana Baumrind para investigar os estilos parentais. Entretanto, dispomos também de um modelo nacional de estilos parentais, o qual foi desenvolvido pela pesquisadora Paula Gomide e tem sido ponto de partida para diversas pesquisas nacionais na área das práticas educativas (Gomide, 2001; 2003; Pinheiro, 2003; Gomide, Salvo, Pinheiro & Sabbag, 2005; Gomide, Millan et al., 2005; Carvalho & Gomide, 2005; Salvo, Silvaes & Toni, 2005; Gomide, 2006; Sampaio & Gomide, 2006; Prust & Gomide, 2007; Coelho & Murta, 2007).

2.3. O Modelo de Estilos Parentais de Gomide

Dentre os pesquisadores brasileiros Paula Gomide (2006) é uma autora de destaque na área das práticas educativas parentais por desenvolver um modelo de estilos parentais, bem como um inventário para avaliá-los. Neste modelo estilos parentais os estilos parentais são divididos em: Estilo Parental Positivo e Estilo Parental Negativo. O estilo parental é resultante de sete práticas educativas, as quais são divididas da seguinte forma:

A) Práticas educativas positivas:

- **Monitoria Positiva** - refere-se ao uso adequado da atenção e a distribuição de privilégios, estabelecimento adequado de regras, distribuição segura e

contínua de afeto, acompanhamento e supervisão das atividades escolares e de lazer (Gomide, 2006).

- **Comportamento Moral** - envolve a promoção de condições favoráveis ao desenvolvimento da empatia, senso de justiça, responsabilidade, trabalho, generosidade e conhecimento do certo e do errado em relação ao uso de drogas e álcool, drogas e sexo seguro sempre seguido pelo exemplo dos pais (Gomide, 2006).

B) Práticas educativas negativas:

- **Negligência** - Está relacionada à falta de atenção e responsabilidades por parte dos pais às necessidades dos filhos, omissão de auxílio ou simplesmente quando os pais interagem sem afeto, sem amor (Sampaio & Gomide, 2007)
- **Abuso Físico e Psicológico** - disciplina através de práticas corporais negativas, ameaças e chantagens de abandono e humilhação (Gomide, 2006).
- **Disciplina Relaxada** – refere-se ao não cumprimento das regras estabelecidas (Sampaio & Gomide, 2007).
- **Punição Inconsistente** – verificada quando pais punem ou reforçam os comportamentos de seus filhos, orientando-se pelo humor e não pelo ato praticado, agindo de forma não contingente ao comportamento da criança (Sampaio & Gomide, 2007).
- **Monitoria Negativa** – também denominada de supervisão estressante (Sampaio & Gomide, 2007), caracteriza-se pelo excesso fiscalizações sobre a vida dos filhos e instruções independente de seu cumprimento, o que gera um ambiente de convivência hostil (Gomide, 2006).

Pinheiro (2003) considera a possibilidade de que toda família utilize tanto de ações educacionais positivas quanto negativas. Porém o que determinará se o estilo parental é de risco ou não risco ao desenvolvimento de comportamentos anti-sociais é a frequência com que as diferentes práticas são utilizadas pelos pais na interação com seus filhos.

As pesquisas que deram origem ao Inventário de Estilos Parentais tiveram início em 1998, quando as questões referentes às práticas estavam sendo objetos de avaliação (Sampaio & Gomide, 2007). Segundo as autoras, era interesse, neste momento, avaliar tanto o pertencimento das questões à categoria (práticas educativas) quanto à adequação da

linguagem utilizada. Para isso, foram aplicados questionários sobre as práticas educativas utilizadas pelos pais na educação dos filhos, observando-se também, os comportamentos anti e pró-sociais das crianças em sala de aula. Os resultados iniciais indicaram a necessidade de reformulação do questionário quanto ao número de alternativas referentes à monitoria positiva (31) e monitoria negativa (72), indicando também que provavelmente as questões do questionário relativas a estilos parentais inadequados refletiram condutas anti-sociais nas escolas (Sampaio & Gomide, 2007).

Conforme afirmam Sampaio e Gomide (2007), a última versão do instrumento foi testada durante 2002 e 2003 com uma amostra de adolescentes de diferentes segmentos, o que permitia comparar: diferença de gênero, grupos de risco (infratores, vítimas de abuso sexual) e não risco (estudantes), além de classes sociais (adolescentes de escolas públicas e particulares).

Gomide (2006) aponta cinco pesquisas importantes realizadas com o Inventário de Estilos Parentais (IEP) a fim de encontrar a validade interna e externa do instrumento, as quais são descritas a seguir:

1) O estudo de 2003 de Carvalho, que comparou as respostas de pais e filhos ao IEP, identificando que não houve diferenças estatisticamente significativas em relação ao índice de estilo parental tanto para a mãe quanto para o pai, ou seja, o índice de estilo parental reflete o conjunto das sete práticas educativas, de modo que existe confluência de percepção entre os membros da família (Gomide, 2006). Estes dados permitem que os pesquisadores confiem na fidedignidade dos dados coletados por intermédio dos filhos, os quais estarão refletindo também a percepção dos pais (Gomide, 2006, Sampaio & Gomide, 2007).

2) A pesquisa de Pinheiro (2003), identificou as práticas parentais em famílias de risco e não-risco através de entrevistas de profundidade com duas mães, dois pais e quatro filhos adolescentes. As famílias foram classificadas como de risco ou não em função do índice de estilo parental do IEP do filho em relação aos pais: não-risco quando o índice foi igual ou maior que 7 e risco quando o índice de estilo parental foi menor ou igual a -8. Os resultados deste estudo revelaram: a) prevalência de práticas educativas negativas nas famílias de risco (excessivo uso de todas as práticas educativas negativas, incluindo negligência e o abuso físico e raras utilizações das práticas positivas) e b) uso disciplinar adequado nas famílias de não-risco (uso apropriado da monitoria positiva e comportamento moral na educação dos filhos e raras utilizações de monitoria negativa, punição inconsistente

e disciplina relaxada). O que segundo Gomide (2006), vai em direção à validade do construto deste modelo de Estilo Parental, em que questões do IEP refletem a dinâmica familiar.

3) Gomide (2006) faz menção do estudo de Weber (2004), que investigou sessenta famílias, trinta de risco e trinta de não-risco, conforme índice de estilo parental dos adolescentes. Um questionário foi aplicado em todos os participantes, o qual abrangia os seguintes temas: culpa, vergonha, empatia, honestidade, justiça e generosidade, opiniões positivas sobre o trabalho e ausência de práticas anti-sociais. Além disso, vinte famílias, dez de cada grupo, participaram de um debate estimulado por uma história infantil “Cachinhos de ouro”, onde se buscou verificar a presença ou ausência das variáveis selecionadas. Os testes estatísticos mostraram que os escores dos adolescentes correlacionaram-se positivamente como os de seus pais e as médias dos escores dos questionários de comportamento moral das famílias de risco são estatisticamente diferentes das famílias de não-risco. Através da análise do discurso extraído do debate sobre a história infantil constatou-se diferenças qualitativas entre os dois grupos, em que o grupo de não-risco apresentou mais comportamentos socialmente adaptativos, empatia, generosidade, culpa, vergonha, honestidade e justiça, com apenas uma citação de comportamento agressivo. No grupo de risco não apareceram sentimentos de culpa, apenas uma família citou vergonha, empatia e reparação do dano e sessenta por cento da amostra advertiu que resolveria o problema com agressividade (Gomide, 2006).

4) Gomide, Salvo et al. (2005) correlacionaram os índices do IEP de 8 famílias: 4 de risco e 4 de não-risco com outros três instrumentos: 1) Inventário Habilidades Sociais (IHS) - Dell Prette e Dell Prette; 2) Inventário de Estresse de Lipp e 3) Inventário Beck de depressão, buscando a validação externa do IEP. Em síntese os resultados encontrados indicaram correlação significativa e negativa entre IEP e o Inventário de Depressão e entre o Inventário de Estresse e uma correlação significativa e positiva entre o IEP e o IHS-fator 2 (auto-afirmação na expressão de sentimentos positivos), ou seja, quanto mais negativo o índice do IEP, maiores índices de depressão e estresse foram encontrados nos membros das famílias pesquisados e, por outro lado, quanto maior o índice do IEP, maior o índice do fator 2 do IHS e vice-versa (Gomide, Salvo et al., 2005). Os resultados deste estudo corroboram os dados da literatura, que apontam que famílias de risco têm práticas negativas, altos níveis de estresse e depressão e baixos escores em habilidades sociais (Gomide, Salvo et al., 2005). De acordo com Sampaio e Gomide (2007), estes resultados apontam ainda, para a validade externa do instrumento.

5) O quinto estudo citado por Gomide (2006) é a pesquisa de Berri (2004), que realizou um programa de intervenção com mães de adolescentes infratores baseados nas práticas educativas do IEP. Participaram do programa 5 mães, que encontram-se com a pesquisadora em oito sessões de uma hora e meia, nas quais foram abordadas as práticas educativas do abuso físico e da monitoria positiva, pois o excesso de punição física e a dificuldade em demonstrar afeto aos filhos tinham sido as principais dificuldades apontadas inicialmente pelas mães. Para avaliar o programa foi realizado um *follow up* após um mês do término do programa, no qual duas mães relataram que tanto elas quanto seus filhos haviam melhorado seu relacionamento e estavam utilizando novas formas de tratar as dificuldades vividas por eles. A terceira mãe, que durante o programa dizia que seu filho era ótimo e que não tinha os problemas mencionados pelas demais, passou a adotar uma atitude mais realista, mostrando raiva e descontentamento que a situação causava. A quarta mãe, muito agressiva durante o programa continuou com o padrão agressivo de relacionamento familiar e a quinta mãe que se esquivou de realizar a maioria das tarefas propostas durante o programa aparentemente não mudou seu padrão disciplinar.

Sampaio e Gomide (2007) argumentam que a validação do Inventário de Estilos Parentais foi resultado de duas pesquisas: 1) Gomide e Sampaio e 2) Gomide e Maggi, ambas realizadas por meio do PIBIC/CNPQ durante o ano de 2004. Na primeira o IEP foi aplicado em 633 alunos de colégios estaduais e particulares (amostra de não-risco) e na segunda, o mesmo estudo foi desenvolvido, porém em uma amostra de risco, constituída por 136 adolescentes de uma instituição para jovens infratores e abrigos para adolescentes vítimas de abuso. Segundo Sampaio e Gomide (2007), através da análise dos resultados destas duas pesquisas, foram constatadas diferenças estatisticamente significativas entre os grupos, onde as médias das práticas positivas da amostra de risco foram menores, quando comparadas as de não-risco em ambos os pais (pais e mães). Além disso, a partir dos dados provenientes dos testes estatísticos, foram elaboradas as tabelas normativas, que permitem identificar se o respondente está em um nível de risco e qual a gravidade dele (Sampaio & Gomide, 2007). Estas tabelas correspondem às páginas 58 e 59 do manual de aplicação (Gomide, 2006)

Como já mencionado, diversos estudos nacionais tiveram como base o modelo de Gomide, entre eles está o de Salvo et al. (2005), que realizaram um estudo com 30 crianças entre 11 e 13 anos utilizando o IEP e Child Behavior Check List, a fim de verificar se as variáveis do IEP estavam relacionadas a problemas de comportamento nas crianças e encontraram os seguintes resultados: a monitoria positiva materna como preditora de sociabilidade nos filhos, sendo sua ausência preditora de comportamento agressivo; o

comportamento moral materno apareceu como prática preditora de atividades e competência social e a monitoria negativa materna foi preditora de problemas com a atenção e da escala de internalização. A falta de monitoria positiva e a presença da monitoria negativa materna foram preditoras da subescala externalização e a monitoria negativa materna aliada à disciplina relaxada materna foram preditoras da subescala de ansiedade/depressão.

O estudo de Salvo et al. (2005) que vai de acordo com o que é apontado por Gomide (2003, 2004), que a presença das práticas positivas estão associadas a comportamentos pró-sociais na criança, bem como aos estudos de sobre os efeitos positivos do estilo autoritativo (Baumrind, 1966; Lamborn et al, 1991; Steinberb et al; 1994 & Darling, 1999) e as conseqüências negativas do estilo autoritário (Cohen & Rice, 1997; Oliveira et al, 2002).

2.4. Estudos sobre Transmissão Intergeracional

Muitas pesquisas até o início da década de 80 buscaram caracterizar os estilos parentais, sem preocupar-se com o estudo sistemático de possíveis dimensões subjacentes aos estilos parentais (Darling & Steinberg, 1993). Desta forma, a questão da intergeracionalidade dos estilos parentais é uma questão a ser mais estudada.

Jenning e Niemi (1968) citados por Benincá e Gomes (1998) advertem que o conceito de geração passou a ser utilizado de forma especial no final da década de 60 para explicar o papel diferenciado de cada extrato de idade como força ativa no processo de mudança social. Neste período, as diferenças entre gerações tornaram-se objeto de estudo dos pesquisadores interessados nos movimentos estudantis.

Nos dias atuais constata-se, por um lado, pesquisas a favor da continuidade intergeracional e de outro, pesquisas que defendem a descontinuidade entre as gerações, o que demonstra não haver um consenso sobre o tema. Benincá e Gomes (1998) sugerem que no Brasil, as pesquisas centram-se sobre a questão da descontinuidade entre gerações, que refletem o processo acelerado de mudança social, principalmente nas camadas médias.

Dentre os estudos brasileiros que enfocaram a questão da concordância intergeracional na maternidade, destaca-se o de Almeida (1987), que comparou mães que encontravam-se na primeira gravidez, com idades entre 25 e 30 anos (mães dos anos 80), e suas respectivas mães (mães dos anos 50). A autora verificou que a mãe dos anos 50 ao se

tornar avó, tendia a exercer um poder autoritário sobre a filha, buscando impor seus padrões relativos à maternidade, mas ao ver-se impossibilitada de fazê-lo, devido à confrontação por parte da filha, a mãe dos anos 50 se transformava por reação e se identificava com a causa da filha. Assim, foi observada a desvalorização da experiência e uma avaliação negativa dos seus modelos de maternidade, quando comparados com as representações destas mesmas experiências vividas pela filha. Assim, observou-se no estudo mencionado uma forte predisposição no grupo de mães dos anos 80 de se distanciarem da ameaça de reprodução do modelo de maternidade de suas mães.

Benincá e Gomes (1998) examinaram um conjunto de descrições e entendimentos de mudanças em idéias e comportamentos familiares através de três gerações e identificaram três importantes modificações: 1) as transformações nas regras de coesão e socialização familiar, 2) a ampliação do espaço da mulher na vida familiar e profissional, com a redefinição da função paterna, e 3) as alterações nos valores educacionais. As relações intergeracionais mostraram-se organizadas segundo os autores, por duas forças antagônicas: a descontinuidade, no sentido da promoção de padrões alternativos e da modernidade social; e a da continuidade, no sentido de promoção da linearidade familiar. De acordo com os autores, a atual geração de pais vive uma fase de transição: ao mesmo tempo em que tem consciência do que não devem fazer, ainda não encontram um padrão adequado de comportamento para passar aos filhos. O que exige a atenção dos pesquisadores, tanto no sentido de ampliar e pormenorizar o entendimento destas questões através de um programa sistemático e continuado de pesquisa sobre relações familiares em diversas regiões brasileiras, quanto propor modos de orientação e auxílio para mães e pais (Benincá & Gomes, 1998).

Oliveira et al. (2002) encontraram uma correlação positiva entre as medidas de autoritarismo da avó materna e da mãe. Quanto mais a mãe percebeu sua experiência de criação pregressa como autoritária, mais ela relatou um estilo parental igualmente autoritário para com a criança, sendo que essa transmissão intergeracional foi mediada pelo relacionamento conjugal conflituoso da mãe. Assim, a experiência relacional com uma mãe autoritária, na infância, é repetida no estilo parental da geração seguinte através do aumento da atitude conjugal conflituosa. Entretanto, semelhantes relações intergeracionais não foram encontradas para o estilo parental democrático-recíproco. Para os autores, uma hipótese destes resultados seria a dificuldade de caracterizar este estilo.

Dias e Lopes (2003) investigaram as representações de maternidade de jovens mães e das suas mães, focalizando três dimensões: a) representação de si mesma como mãe, b)

representação de sua própria mãe (ou filha) como mãe e c) representação de como uma boa mãe deveria ser. Nos resultados foram encontrados alguns padrões de semelhança entre as características utilizadas pelas filhas e mães para descreverem-se a si próprias como mães, as suas mães/filhas e a boa mãe. No entanto, o conflito esperado em relação à maternidade não ocorreu. Não se evidenciou nenhum tipo de contestação de modelos de maternidade no grupo de mães jovens. Nenhuma delas manifestou desejo consciente de ser diferente de suas mães. Ao descreverem sua mãe/filha como mãe, tanto as mães como as jovens mães procuraram ressaltar o lado bom de sua relação, não se referindo aos problemas ou discordâncias entre elas. Tal fato pode estar ligado, segundo os autores, a certa idealização da relação mãe-filha.

Atualmente, encontra-se na literatura um conjunto de conhecimentos empiricamente embasados sobre a transmissão entre gerações do comportamento agressivo. Pais que receberam educação severa e/ou foram vítimas de maus tratos na infância apresentam maior risco para repetir esta experiência com seus próprios filhos (Capaldi & Patterson, 1991; Simons et al., 1991; Muller, Hunter & Stollak, 1995; Dubow et al., 2003; Hops, Davis, Leve & Sheeber, 2003). Outros estudos enfocam a transmissão de atitudes parentais de rejeição (Lundberg, Perris, Schlette & Adolfsson, 2000; Whitbeck et al., 1992). Entretanto, como aponta Oliveira et al (2002) embora o estilo autoritário englobe algumas dessas práticas e atitudes, ainda não há evidência da intergeracionalidade do autoritarismo, enquanto estilo parental e pouco se sabe sobre práticas ligadas à proteção (Oliveira, 1998; Rutter, 1998).

Simons et al. (1991) testaram a transmissão da disciplina severa através de um modelo baseado na teoria da aprendizagem social. As análises mostraram que avós que se engajaram em práticas agressivas produziram, nos dias atuais, pais que geralmente utilizavam práticas similares, sendo que este efeito foi mais forte nas mães quando comparadas aos pais. Para Cecconello et al. (2003) estes resultados confirmam a existência do ciclo de violência, em que pessoas tratadas com severidade na infância crescem utilizando prática similar com seus próprios filhos. Este ciclo de violência é explicado pela teoria da aprendizagem social.

De acordo com Bandura (1979), precursor da escola da aprendizagem social, os fenômenos de aprendizagem resultantes da experiência direta podem ocorrer através da observação de outras pessoas e suas conseqüências, o que é denominado modelação. Assim, a severidade dos pais em uma geração pode influenciar diretamente a parentalidade da próxima geração, através do efeito de modelação simples, ou pode ser transmitida indiretamente, através do estilo de relacionamento interpessoal ou das crenças parentais (Cecconello et al., 2003). Deste modo, pais, professores e outros agentes de socialização que

utilizam punição podem inadvertidamente, estar criando modelos de agressão e violência no trato com as pessoas. Assim, aquele que recebe punição pode aprender que agressão é um meio “eficiente” de lidar com os outros. Eficiente porque geralmente a pessoa que usa da punição é reforçada pelas conseqüências da mesma no ambiente, conseguindo de forma imediata supressão do comportamento do outro pelo uso do poder e da coerção.

Simons et al. (1991) sugerem algumas explicações para a transmissão intergeracional: 1) pais que foram expostos a altos níveis de disciplina severa na infância podem desenvolver uma filosofia que favorece a severidade e a disciplina física, que justifica sua maneira de criar ou educar a criança; 2) esta forma pode resultar na aprendizagem de uma série de práticas disciplinares agressivas, que passarão a ser utilizadas no futuro; 3) a personalidade hostil e agressiva também contribui, uma vez que os pais tendem a utilizar comportamentos agressivos para com as pessoas em geral, incluindo os próprios filhos. Entretanto, Simons et al. (1991) salientam que estas hipóteses, não são mutuamente excludentes.

Entretanto, alguns estudos como o de Ceconello (2003) demonstram o rompimento da transmissão intergeracional. O autor mencionado constata que em determinadas situações houve o rompimento do ciclo de violência em famílias cujos pais foram submetidos na infância a altos níveis de maus tratos e abuso. Os fatores que contribuíram para esta interrupção foram: a manutenção de um relacionamento amoroso estável; a participação em psicoterapia e grupos de auto-ajuda e a rede de apoio social estabelecida com pessoas significativas e com recursos disponíveis como centro de saúde, trabalho e igreja. De acordo com Ceconello (2003) estes fatores propiciaram o estabelecimento da harmonia no ambiente familiar, com relações entre pais e filhos permeadas por afeto e equilíbrio de poder.

Hops et al. (2003) realizaram uma pesquisa longitudinal que incluiu três gerações. Participaram do estudo 39 jovens adultos (G2) e seus filhos (G3), estes jovens adultos já haviam participado anos antes com seus pais (G1) de um estudo sobre ajustamento psicossocial de adolescentes, sendo acompanhados por 6 anos. Na primeira parte do estudo o grupo pais (G1) e filhos (G2) responderam questionários sobre ajustamento familiar, G1 respondeu o inventário *Child Behavior Checklist* (CBCL) em relação aos seus filhos G2 (que ainda eram adolescentes) e todos os membros da família foram também filmados em tarefas de resolução de problemas. Anos depois, quando estes adolescentes eram jovens pais eles responderam o mesmo CBCL sobre seus filhos (G3), sendo novamente filmados, agora em interações com mesmos. Propositamente, foram selecionados neste estudo os jovens adultos (G2), cujos resultados na primeira aplicação do CBCL eram de agressividade.

A análise dos resultados deste estudo demonstrou a relação intergeracional entre agressividade parental (G1) e a agressividade parental (G2), também foi constatado relação entre agressividade parental (G1) e funcionamento agressivo nos adolescentes (G2), o qual teve correlação com subsequente agressividade nas crianças do G3. Os autores apontam as limitações do estudo, como o caso do tamanho da amostra e recomendam a outros pesquisadores explorar em que extensão a agressividade no G1 vai predizer a agressividade no G2. Por fim, concluem que os resultados encontrados na pesquisa demonstram a perpetuação do ciclo de agressão através das gerações.

Weber, Viezzer, et al. (2004) realizaram uma pesquisa com crianças e adolescentes com o intuito de identificar as práticas disciplinares utilizadas por seus pais ou familiares e a opinião das crianças e dos adolescentes sobre o uso de punições corporais e de castigos (não corporais). Os resultados indicaram que apesar de as crianças apresentarem reações negativas diante da punição corporal, há uma tendência de elas seguirem o modelo de educação oferecido por seus pais ou responsáveis. Das crianças que já apanharam 63,4% consideraram a palmada importante para um melhor comportamento e 51,2% pretendem bater em seus filhos futuramente. Entre as que nunca apanharam, 78,3% não consideraram a palmada importante e 77,8% não pretendem bater em seus filhos. Segundo as autoras, a passagem do modelo de uma geração para outra é uma das razões para que a punição corporal venha se mantendo ao longo da história como prática educativa, que forma um círculo vicioso difícil de ser questionado e rompido.

Vitali (2004) analisou os estilos parentais por meio de duas escalas que avaliam as dimensões de exigência e responsividade de pais e avós de adolescentes provenientes de camadas populares (renda inferior a três salários mínimos). As escalas de responsividade e exigência de Lamborn e colaboradores de 1991, foram aplicadas em 42 adolescentes e seus pais e mães, assim os escores dos adolescentes se referiam ao estilo de seus pais e os escores das escalas aplicadas com os pais identificavam os estilos dos avós. Entre os resultados, o autor encontrou maior exigência tanto entre as avós quanto entre as mães. O escore dos homens (pais e avôs) foi menor em exigência, entretanto, pais e avôs não apresentaram diferenças, ou seja, mães replicaram o comportamento das avós e pais replicaram comportamento de seus pais (Vitali, 2004).

Com relação à responsividade Vitali (2004), encontrou maiores escores também entre mães e avós, porém não houve diferenças quanto ao sexo na transmissão intergeracional, ou seja, a responsividade das avós não se diferenciou da responsividade das mães e dos pais. Já no caso dos avôs a responsividade, não houve diferenças entre os

resultados dos pais; porém, entre as mães, a responsividade foi maior na segunda geração. O autor verificou a transmissão de estilos em 30 casos: 17 foram do estilo negligente, 12 do autoritativo, 1 do indulgente, com uma prevalência dos casos de transmissão do estilo das mães (17 casos) em relação ao dos pais (13 casos). Assim, foi observado mais transmissão dos estilos entre as mães e as suas mães, sendo que os pais foram a maioria do grupo não transmissão, a hipótese para este resultado segundo Vitali é que a função da mãe seja mais sólida e mais próxima do que a função do pai na educação dos filhos.

Pinheiro (2003) realizou um estudo de profundidade em 4 famílias, duas considerados como não risco, ou seja, predominância de práticas educativas positivas, conforme IEP (famílias 1 e 2), e duas famílias de risco, nas quais predominavam as práticas educativas negativas conforme modelo de Gomide (famílias 3 e 4), sendo um dos aspectos analisados a transmissão intergeracional, onde os pais das duas famílias respondiam ao IEP tanto sobre seus filhos, quando sobre seus pais. Através desta análise intergeracional, a autora observou que a mãe 3 e ambos os pais da família 4 reproduziram as práticas negativas recebidas na infância. Porém, também verificou que a mãe 1 e que ambos os pais da família 2 superaram as práticas negativa. Comparada a mãe que superou as práticas intergeracionais negativas às mães 3 e 4 (que mantiveram ou mesmo aumentaram os índices de práticas negativas), constatou-se que estas indicaram altos índices de negligência para suas mães, muito superiores ao da mãe 1. O mesmo foi observado ao se comparar a mãe 2, que também superou a transmissão intergeracional negativa, com as mães 3 e 4. Pinheiro sugere que esta prática educativa pode ser um indicativo para a manutenção negativa intergeracional nas mulheres.

Ao analisar os pais, Pinheiro (2003) observou superação das práticas negativas no pai 2 e ao compará-lo aos pais 3 e 4 que não superaram a herança intergeracional negativa, constatou-se novamente a presença da negligência nos pais, entretanto, ausente ou baixa nas mães e a baixíssima monitoria positiva e negativa paterna. Porém, a comparação dos resultados dos inventários de estilos parentais indicou que a monitoria negativa da mãe do pai 2 era muito baixa, contudo, nas mães dos pais 3 e 4 a pontuação desta prática foi muito elevada. Neste sentido a autora sugere a influência de algumas práticas educativas no gênero da prole, sendo que as mulheres pareceram ser mais suscetíveis à negligência materna e os homens à monitoria negativa de suas mães.

A segunda análise em relação à transmissão intergeracional feita por Pinheiro (2003) foi baseada nos discursos, através dos quais a autora constatou a importância da empatia e do abuso psicológico/emocional como elementos de análise. Neste sentido, a

autora levanta a hipótese de que a falta de empatia percebida em ambos os pais e o uso de abuso emocional constituíram uma parceria com riscos para adoção de práticas educativas negativas e conseqüentemente, sua continuidade entre as gerações, sendo o contrário também verdadeiro, ou seja, a presença da empatia ou a ausência de abuso emocional em pelo menos um dos pais poderia ser o diferencial para o filho romper a transmissão intergeracional negativa (Pinheiro, 2003).

Weber et al. (2006) realizaram um estudo investigando as três gerações (avó/mãe/neta) em 7 famílias de classe média, foram analisadas 12 escalas: relacionamento afetivo, regras, envolvimento, reforçamento, comunicação positiva dos pais, dos filhos, comunicação negativa, punição inadequada, modelo, sentimento dos filhos, clima conjugal positivo e negativo. Os resultados demonstraram que não houve diferenças entre as gerações nestas escalas, com exceção na comparação entre a primeira e terceira geração nas seguintes escalas: relacionamento afetivo em relação à mãe, envolvimento em relação às mães e comunicação positiva dos filhos em a relação à mãe. As pesquisadoras também constataram neste estudo que a maioria relatou maior envolvimento com as mães comparadas aos pais. Apesar de este estudo ter encontrado transmissão intergeracional em 91,7% das variáveis analisadas, na família 6, a mãe (segunda geração) mencionou rejeição por parte dos pais na infância, mas conseguiu modificar este padrão demonstrando afeto para sua filha.

Hops et al. (2003) argumentam que o escopo de pesquisas que examinam a questão da transmissão intergeracional da parentagem ainda é pequeno e um grupo substancial de pesquisas enfocam a continuidade geracional das práticas abusivas. Entretanto os autores alertam sobre questões metodológicas das mesmas e a dificuldade de investigar como se dá esta transmissão intergeracional das práticas abusivas.

A explicação de Seligman e Csikszentmihalyi, (2000) para o fenômeno de continuidade comportamental de uma geração para a outra em relação às práticas autoritárias, é a possibilidade do mundo social promover mais a continuidade de risco do que de proteção, e melhores previsões de critérios socialmente indesejáveis do que desejáveis.

Rutter (1998) argumenta que ainda não se sabe até que ponto a continuidade e a descontinuidade intergeracionais são fenômenos objetivos ou restritos à experiência subjetiva. Isso pode depender do construto em questão e da variação dos conceitos ao longo das gerações envolvidas. Além do mais, poucas são as pesquisas brasileiras que investigaram o fenômeno da transmissão intergeracional dos estilos parentais, sendo que Vitali (2004) adverte a necessidade de outros estudos para a compreensão do processo de transmissão

intergeracional dos estilos e práticas educativas e para que novos resultados sejam divulgados e possam orientar o trabalho dos profissionais.

Como o presente estudo teve como objetivo investigar a hipótese de transmissão intergeracional dos estilos parentais tendo em vista a lembrança que os pais possuem sobre as práticas que foram submetidos durante a infância, segue uma reflexão acerca da importância da lembrança.

2.5. A Importância da Lembrança

A partir da década de 70, observou-se um aumento no interesse de se estudar a memória numa perspectiva que a considera um objeto social coletivo, devido à retomada do conjunto de estudos desenvolvidos entre 1920 e 1940 por Maurice Halbwachs, o que proporcionou nesses últimos 35 anos a proposição de novos problemas teóricos para as áreas da história, da sociologia, da antropologia e da psicologia social, entre outras (Nascimento & Menandro, 2005). Como analisa Brandão (1998), Halbwachs enfoca a questão da lembrança na relação eu-e-meu-mundo (social). Desta maneira, a atividade criadora da memória submete-se aos princípios da socialização de quem recorda e da sociabilidade do que se recorda.

Como argumentam Nascimento e Menandro (2005) não é possível pensar o surgimento e a continuidade de culturas humanas sem tomar como condição indispensável a possibilidade dos indivíduos armazenarem e comunicarem informações.

Jedlowski (2001) afirma que memória na linguagem científica e cotidiana refere-se a um vasto conjunto de fenômenos não completamente homogêneos. Em um sentido mais amplo, memória pode ser considerada como a capacidade de um sistema responder a eventos acumulando a informação resultante e modificando sua estrutura de modo que a resposta a eventos subsequentes é afetada por aquisições prévias. Em um sentido mais estreito, memória significa a faculdade humana de, preservando certos traços de experiências passadas, dar acesso a esses – ao menos em parte – através de lembranças.

Nascimento e Menandro (2005) citam as contribuições do inglês Barlett sobre a questão da memória, que podem ser assim resumidas: 1) os hábitos sociais e as interpretações pessoais exercem importante influência no processo de memorização e recapitulação da informação, função essa que se prolonga no tempo atuando na reestruturação do sentido da

informação, o que altera continuamente a configuração com que as informações são memorizadas; 2) dados obtidos a partir de diferentes grupos étnicos mostram que a cultura desempenha papel fundamental na maior ou menor probabilidade de fixação de conteúdos; 3) a memorização não é independente de processos emocionais e as lembranças são narradas, muitas vezes, associadas a uma carga emocional que as acompanha, e em cuja origem também está implicada a cultura.

Numa tentativa de discernir os vários tipos de memória, Connerton (1999) propõe a seguinte divisão: a) Memórias Pessoais: diz respeito àqueles atos de recordação que tomam como objeto a história de vida de cada um. Falamos delas como memórias pessoais porque se localizam num passado pessoal e a ele se referem; b) Memórias cognitivas: abrangem as utilizações do verbo “recordar” em que se pode dizer que recordamos o significado de palavras, das linhas de um poema, das piadas, de histórias, do traçado de uma cidade, de equações matemáticas, de princípios da lógica, ou de fatos sobre o futuro. Para existência desta memória o nosso conhecimento pressupõe, de algum modo, a ocorrência anterior de um estado pessoal cognitivo ou sensorial; c) Memória-hábito: consiste pura e simplesmente na nossa capacidade de reproduzir uma determinada ação. Recordar como se lê, escreve ou anda de bicicleta é, em cada um dos casos, uma questão de sermos capazes de fazer estas coisas, de forma mais ou menos eficiente, quando tal necessidade surge.

Assim, nos deteremos mais especificamente no primeiro tipo de memórias: aquelas a que chamamos memórias pessoais, sendo interesse deste estudo as memórias referentes aos cuidados e práticas parentais na infância. Neste sentido, Halbwachs (1990) afirma que quanto mais distantes os fatos recordados, maior a probabilidade de que nos venham à lembrança em conjunto, sobressaindo-se claramente nesse conjunto, as similitudes dos eventos, mais do que a sua diferenciação. Halbwachs coloca também, as lembranças de um grupo dividem-se em dois planos, no primeiro, as lembranças dos acontecimentos e das experiências que condizem a um número maior de pessoas e que resultam quer de sua própria vida, quer de suas relações com os grupos mais próximos. No segundo plano, encontram-se as lembranças que ocorreram com pouca frequência em um único membro do grupo.

Bosi (1979) apud Brandão (1998) adverte que a memória possui uma função decisiva no processo psicológico total, pois permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo "atual" das representações. Através da memória, o passado não só vem à tona, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece

como força subjetiva, sendo ao mesmo tempo, profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora.

Nascimento e Menandro (2005, p.10) colocam a seguinte questão: “Se a própria dinâmica da Memória possibilita que negociemos continuamente no passado nosso presente e nossas expectativas quanto a um futuro deles decorrente, mantendo nessa negociação uma coerência que nos é tão cara, por que se tem insistido tanto numa “cristalização” do passado na forma de autobiografias?” Nascimento e Menandro (2005) argumentam que uma hipótese é a atenção dada no passado, ao discurso historiográfico, que valorizou sobremaneira as memórias privadas. O interesse pela produção de relatos autobiográficos proporcionou ao investigador social a possibilidade de acesso a novas fontes para investigação da memória. Deste modo, e também de acordo com uma progressiva valorização do sentimento da infância a partir dos séculos XVI e XVII na Europa, a avaliação de que a própria vida merecia ser contada produziu uma quantidade razoável de relatos sobre os tempos de menino (Nascimento & Menandro, 2005).

Sobre as lembranças da infância, Nascimento e Menandro (2005) ressaltam a presença do elemento saudoso em diversas falas sobre estas memórias, o que aponta que os sujeitos, ainda que de forma diferente, avaliam e tomam partidos na disputa entre o seu passado, mesmo que duro, e o presente, mesmo que incerto. Foi este o intuito do presente estudo, buscar o que os pais lembravam sobre como foram cuidados na infância, bem como suas próprias práticas parentais com seus filhos, identificando a relação entre estas duas temáticas.

2.6. Memórias de Cuidados na Infância

Como evidenciado em capítulos anteriores existem muitos dados na literatura sobre as conseqüências das práticas educativas sobre o desenvolvimento infantil, bem como a transmissão intergeracional do comportamento agressivo. Entretanto, faz-se necessário o levantamento de estudos a respeito das implicações na vida adulta dos cuidados recebidos na infância. Estudos que são discutidos neste capítulo.

Belsky et al. (1990) investigaram 92 mães e suas memórias da infância, constatando que lembranças de rejeição e falta de apoio na infância refletiram negativamente no afeto para com a criança, quando a qualidade da relação conjugal também era percebida como pouco positiva. Entretanto, quando a qualidade conjugal era percebida como positiva, as

lembranças de rejeição ou falta de apoio não refletiam no afeto materno atual. No estudo de Belsky et al, a qualidade da relação conjugal revelou-se como um fator de proteção.

O estudo de Oliveira et al. (2002) também evidenciou a questões do relacionamento conjugal. Neste estudo, quanto mais as mães perceberam sua experiência de criação progressa como autoritária, mais relataram um estilo parental igualmente autoritário para com a criança, sendo a transmissão intergeracional mediada pela atitude conjugal conflituosa da mãe. Assim, a experiência relacional com uma mãe autoritária, na infância, se repetiu no estilo parental da geração seguinte através de um aumento da atitude conjugal conflituosa.

Zavaschi et al. (2002) realizaram uma revisão da literatura dos últimos dez anos sobre os estressores presentes na infância associados à depressão na vida adulta. A maioria dos estudos consultados encontraram uma associação significativa entre trauma por perdas na infância e depressão na vida adulta, com variação na intensidade das associações observadas. A associação de trauma por perda na infância com depressão na vida adulta vem sendo estudada atualmente em diferentes dimensões teóricas. As abordagens neurobiológica e genética têm buscado alterações funcionais e estruturais do cérebro, decorrentes de experiências adversas precoces, a fim de identificarem padrões neurobiológicos que fornecem substrato para a maior vulnerabilidade e regulação dos afetos, contudo a maioria destes estudos são com animais (Zavaschi et al., 2002).

Na mesma linha de estudo, Carvalho e Coelho (2005) realizaram uma pesquisa com 9 mulheres entre 40 e 60 anos de baixa renda e com diagnóstico de depressão. Através da análise das histórias de vida os autores contataram que perdas (caracterizadas por morte ou abandono dos pais, ausência de cuidados na infância e dificuldades econômicas, entre outros fatores) tiveram implicações na saúde física e mental das participantes.

Whitbeck et al. (1992) estudaram três gerações em uma amostra de 451 famílias. Na primeira visita a cada família, todos os membros completaram um questionário a respeito de características individuais, processo familiar, circunstâncias econômicas da família. Na segunda visita (duas semanas depois) os membros da família foram filmados em várias tarefas de interação, mas antes foi solicitado para cada membro responder um pequeno questionário sobre áreas de desentendimento entre os familiares. Na primeira tarefa estruturada os 4 membros sentaram em volta da mesa e ganharam alguns cartões para ler e discutir (pais, performance escolar, casa e importância de eventos familiares). Depois de passados 35 minutos o entrevistador retornou e descreveu a segunda tarefa, sendo as próximas 3 tarefas completadas de forma similar: A segunda tarefa era de 15 minutos e também envolveu os 4 membros, os 3 tópicos foram selecionados a partir do questionário

aplicado no início da sessão e foi solicitado aos membros discutir e tentar resolver o que eles identificaram como mais problemático. A terceira tarefa envolvia somente os irmãos (15 minutos), onde foram entregues cartões (como eles se sentiam com o tratamento dos seus pais, na sua relação com amigos, seus objetivos e inspirações). A quarta tarefa (30 minutos) envolveu apenas o casal, que teve que discutir sua relação, áreas de concordância e discordância, educação dos filhos, finanças e planos para o futuro.

Os resultados encontrados por Whitbeck et al. (1992) fornecem evidências da continuidade entre rejeição parental e efeitos depressivos nas descendências das duas gerações e da transmissão direta e indireta (através do afeto deprimido). Os resultados foram mais consistentes para as mulheres, do que para os homens, nos quais lembranças das mães G1 afetaram o comportamento parental, mas não refletiu em efeitos depressivos. Por outro lado, nos homens, lembranças de cuidados parentais pelos pais G1 tiveram efeitos similares àqueles do G2 mulheres. Em todos os casos, o comportamento de rejeição dos pais G2 teve efeitos semelhantes nos adolescentes deprimidos. Whitbeck et al. (1992) concluem que a história de rejeição pelos pais aumenta a probabilidade de efeitos depressivos nos adultos, que por sua vez, aumenta a probabilidade de comportamentos parentais de rejeição.

Estudos sobre estilo de vinculação (Pacheco et al., 2003; Rodrigues et al., 2004) baseiam-se na teoria de Bowlby (1990), que propõem que as experiências significativas são internalizadas na forma de modelos de relacionamento, os quais uma vez formados são resistentes a mudanças. Assim, geralmente as pessoas na sua vida adulta estabelecerão padrões similares de relacionamento que tiveram com as pessoas significativas na infância, geralmente mãe e pai.

Rodrigues et al. (2004) investigaram de que modo as memórias de cuidados na infância contribuem para o estilo de vinculação de grávidas adolescentes. Os resultados deste estudo corroboraram os dados da literatura, ou seja, adultos seguros descrevem suas figuras de vinculação primárias como tendo sido carinhosas, disponíveis, atentas e capazes de responder às necessidades sentidas, têm recordações mais positivas das figuras parentais na infância e representam os progenitores como mais benevolentes e menos punitivos que os sujeitos com vinculação insegura. Estes últimos recordam práticas de cuidados parentais mais inadequadas, referindo que as figuras de vinculação foram menos protetoras e carinhosas, mais intrusivas, mais inconsistentes, mais inacessíveis e mais rejeitantes.

Maia e Willians (2005) fizeram uma revisão dos fatores de risco e proteção ao desenvolvimento infantil e citaram Barnett (1997) que argumentou que 30% das crianças maltratadas produzirão abuso ou negligência em suas crianças no futuro, e 70% de pais que

maltratam seus filhos foram maltratados quando crianças. Este autor, também afirma que grande parte dos pais possui características que podem prejudicar seus filhos, mas muitos não permitem que tais características interfiram no cuidado destinado a eles. Contudo, Barnett cita que pais que maltratam são menos positivos e dão menos suporte na educação de seus filhos. São mais negativos, hostis e punitivos do que pais que não maltratam. Tendem a reagir de forma mais negativa do que outros pais a reações da criança como por exemplo, o choro.

Pesquisas como as citadas neste capítulo são importantes por demonstrar a repercussão das memórias de cuidados na infância na vida adulta. Entretanto, pouco se sabe sobre as conseqüências daquelas nas práticas parentais de cuidados atuais, objetivo principal deste estudo.

3. OBJETIVOS

3.1. Objetivo geral:

Identificar e avaliar as relações entre memórias de cuidados na infância e práticas educativas parentais.

3.2. Objetivos específicos:

- Identificar as práticas educativas parentais utilizadas por pais e mães;
- Caracterizar as lembranças de pais e mães dos cuidados parentais recebidos na infância;
- Relacionar as práticas educativas de pais e mães às lembranças cuidados recebidos na infância.

4. MÉTODO

4.1 Caracterização

A pesquisa realizada configura-se como um estudo correlacional, pois procura estabelecer a relação entre as variáveis pesquisadas, ou seja, a lembranças de cuidados recebidos na infância e as práticas educativas atuais, quantificando esses padrões de relação.

4.2 Participantes

No total 80, indivíduos participaram do presente estudo, 60 do sexo feminino e 20 do sexo masculino, que possuíam pelo menos um filho na faixa etária de 12 e 18 anos, residentes em uma cidade do estado de Santa Catarina, situada na região do vale do rio Itajaí. Os dados foram organizados em dois grupos: grupo 1, mães e grupo 2, pais.

Os critérios para a inclusão foram: 1) possuir pelo menos um filho entre 12 e 18 anos; 2) que as mães e os pais residissem com seus filhos. Esta faixa etária dos filhos foi escolhida devido a algumas questões do Inventário de Estilos Parentais exigirem certa autonomia dos filhos, como por exemplo a questão 1) Quando meu filho sai, ele conta espontaneamente onde vai.

Como o alvo deste estudo foram pais e mães de filhos adolescentes e devido a dificuldade de encontrá-los em um único local, o procedimento de acessibilidade dos participantes foi semelhante a uma técnica bastante utilizada em outros países e denominada *snowball* (bola de neve). A técnica *snowball* consiste em procurar participantes por indicações de pessoas conhecidas, deste modo as pessoas indicadas indicam outras pessoas e assim sucessivamente até que a amostra esteja completa. A importância da técnica se dá devido às indicações, pois tendo indicações de conhecidos o participante poderá confiar no pesquisador e responder mais fielmente às questões.

4.2.1 Grupo Mães:

A idade das mães variou entre 29 a 55 anos e a média de idade foi de 40 anos e nove meses e a maioria (46 mães) possuíam trabalho remunerado. Destas três não responderam sua ocupação. Entre as demais, as profissões variavam entre funções sem

exigência de nível técnico (auxiliar de serviços gerais, revisora), de nível técnico (cabeleireira, auxiliar de enfermagem) e nível superior (dentista, médica, administradora).

Tabela 1: Ocupação – grupo mães

Ocupação	Frequência
Administradora	1
Setor administrativo	1
Assistente comercial	1
Atendente de farmácia	1
Auxiliar cozinha	1
Auxiliar de enfermagem	1
Auxiliar de limpeza	1
Auxiliar de produto	1
Auxiliar de secretária	1
Auxiliar educativa	1
Auxiliar financeiro	1
Auxiliar serviços gerais	1
Balconista	1
Cabeleireira	1
Comerciante	2
Comercio próprio	1
Corretora de imóveis	1
Costureira	3
Dentista	3
Depiladora	1
Desenvolvimento de produto	1
Empregada doméstica	1
Funcionária Pública Municipal	1
Gerente	1
Marketing	1
Médica	1
Passadeira	1
Produtora de eventos	1
Professora	2
Professora de alemão	1
Promotora de vendas	1
Psicóloga	1
Revisora	2
Secretária	1
Serviços Gerais	1
Técnica de Higiene Dental	1
Total	43

Com relação à escolaridade foi atribuído 1 - Ensino Fundamental incompleto; 2- Ensino Fundamental Completo; 3-Ensino Médio Incompleto; 4-Ensino Médio Completo; 5- Ensino Superior Incompleto; 6-Ensino Superior Completo; 7-Pós-graduação Especialização.

Assim, a moda de escolaridade das mulheres foi ensino médio completo, escolaridade de 14 participantes da amostra. As frequências com reação a escolaridade deste grupo podem ser observadas na tabela 2:

Tabela 2: Escolaridade – grupo mães

Escolaridade	Frequência
Ensino médio completo	14
Pós-graduação especialização	10
Ensino fundamental incompleto	9
Ensino superior completo	9
Ensino médio incompleto	7
Ensino superior incompleto	7
Ensino fundamental completo	4
Total	60

Quanto ao estado civil, 41 participantes eram casadas ou possuíam uma união estável, 13 eram separadas, 5 disseram ser solteiras e 1 era viúva. Em relação ao número de filhos, 31 das mulheres que participaram da pesquisa possuía dois filhos, 19 possuía um filho, 5 tinham três filhos, 4 possuíam quatro filhos e apenas 1 participante tinha cinco filhos.

4.2.2 Grupo Pais:

O grupo formado pelos pais foi de um tamanho inferior ao que era esperado no planejamento inicial da pesquisa ($n=20$), devido à dificuldade de acesso e disponibilidade dos pais em participarem da pesquisa. Entretanto, esta amostra foi incluída nas análises com o propósito de verificar seus resultados, tendo em vista que muitas pesquisas na área de transmissão intergeracional têm explorado esta questão através da investigação de mães (Almeida, 1987, Benincá & Gomes, 1998; Dias & Lopes, 1998; Serbin et al., 1998, Oliveira et al., 2002). Deste modo, apesar do número inferior de participantes, comparados ao grupo mães, incluir estes pais foi uma decisão em relação a este estudo, pelas informações pertinentes a estes participantes, promovendo um ponto de partida para futuras pesquisas.

De modo geral este grupo assemelhou-se à caracterização do grupo anterior em relação à idade e ocupação. A idade dos participantes variou entre 32 e 55 anos, sendo 42 anos e oito meses a média de idade. Entre os participantes, apenas um não respondeu sua

ocupação, sendo que entre os demais, como no caso das mulheres, as ocupações variavam entre os diversos níveis de qualificações. A relação completa das ocupações do grupo de pais pode ser observada na tabela 3.

Tabela 3: Ocupação – grupo pais

Ocupação	Frequência
Auxiliar de Manutenção	1
Auxiliar Expedição	1
Cabeleireiro	1
Ceramista	1
Comercio próprio	1
Consultor	1
Dentista	3
Educador Físico	1
Mecânico	1
Motorista	1
Oficial de Justiça	1
Projetista	2
Representante comercial	1
Funcionário Público	1
Técnico Têxtil	1
Total	19

Sobre o estado civil dos participantes, quase a totalidade do grupo (19 participantes) eram casados e apenas um mencionou ser solteiro. Uma explicação para este resultado era que entre os fatores de inclusão estava a necessidade de o filho residir com o respondente.

Em relação à escolaridade, a moda deste grupo diferiu do grupo composto pelas mães, situando-se em ensino superior completo, faixa de escolaridade de 8 participantes da amostra. A distribuição das frequências dos diferentes níveis de escolaridade pode ser visualizada na tabela 4.

Tabela 4: Escolaridade – grupo pais

Escolaridade	Frequência
Ensino fundamental incompleto	4
Ensino médio incompleto	3
Ensino médio completo	2
Ensino superior incompleto	2
Ensino superior completo	8
Pós-graduação:mestrado	1
Total	20

4.3 Contexto da Pesquisa

O presente estudo foi realizado na cidade de Blumenau, localizada na bacia do Itajaí-Açu, no nordeste do Estado de Santa Catarina a 130 quilômetros da capital do estado de Santa Catarina. A área de Blumenau é de 505,8 quilômetros quadrados: 192 de área urbana e 313,8 quilômetros de área rural, dividindo-se administrativamente em 30 bairros.

O Instituto de Pesquisas Sociais (IPS) da Fundação Universidade de Blumenau, com base nos dados brutos do IBGE de 2000, estimou a população em 2006 de 301 mil 333 habitantes, destes 147,537 homens e 153,796 mulheres. Em 2000 os dados do IBGE de acordo com o IPS, para população com a faixa etária entre 35 e 54 anos era de 70 mil 257 habitantes e o número de crianças e adolescentes com faixa etária entre 13 e 18 anos é de 22 mil 850 habitantes.

4.4 Instrumentos de Coleta de Dados

4.4.1 Ficha de Identificação:

Para caracterização da amostra foi utilizada a ficha de identificação, que foi disponibilizada aos participantes juntamente com os dois inventários que serão mencionados a seguir. Esta ficha abrangia aspectos sociodemográficos referentes à idade, nível de escolaridade, profissão, estado civil, número de filhos, idade e sexo dos filhos, presença de filhos adotivos ou enteados e se os filhos residiam na mesma casa dos participantes. Fator que se constituía como um dos requisitos da pesquisa.

Questões sobre a infância dos respondentes também foram abordadas neste instrumento, sendo que as mesmas foram elaboradas no Projeto Milênio, subprojeto Investimento e Cuidados Parentais: Aspectos Biológicos, Ecológicos e Culturais¹ e foram incluídas por abordar aspectos sobre a infância dos participantes. Cada participante respondeu sobre o contexto em que foi criado: local, se presenciou morte ou separação dos pais biológicos, por quem foi criado e quem considerava como sendo o principal cuidador. Ainda, em outras cinco questões, os respondentes avaliavam o ambiente familiar em que foram criados, os recursos materiais disponíveis à família, o relacionamento conjugal dos pais, os conflitos familiares e a atitude do pai e da mãe separadamente, para com o respondente. Estas questões foram respondidas através de uma escala de 1 à 5, na qual cada participante assinalava uma nota para cada questão. Por exemplo, na questão que avaliava os recursos materiais da família na época em que era criança, 1 seria vivia muito bem e 5 passei muita dificuldades, passando por 2, 3 e 4.

4.4.2 Inventário de Estilos Parentais – IEP:

Para avaliar as práticas educativas utilizadas pelos participantes foi utilizado o Inventário de Estilos Parentais (Anexo 3) elaborado por Gomide (2006). Este inventário é composto por 42 questões que abordam as sete práticas educativas, sendo seis questões para cada prática educativa distribuída ao longo do inventário. Cada uma das sete práticas pode ter um total máximo de 12 pontos e mínimo de zero.

Cada questão consiste em uma frase, na qual o respondente deve indicar a frequência com que age em cada situação: sempre (se considerar que agiu daquela forma entre 8 a 10 vezes em 10 episódios); às vezes (se considerar que agiu daquela forma entre 3 a 7 vezes em 10 episódios); e 0 (se considerar que agiu daquela forma entre 0 a 2 vezes em 10 episódios).

Para o somatório das práticas educativas é somado a pontuação das questões correspondentes a cada prática utilizando a seguinte critério: sempre=2, às vezes=1 e nunca=0. E o índice de estilo parental é obtido somando os escores das práticas positivas (monitoria positiva e comportamento moral) e subtraindo-se o somatório das práticas

¹ Este projeto foi aprovado pelo CNPq através do Edital Instituto do Milênio (2006). O Projeto do Milênio tem como coordenadora geral a professora Maria Emília Yamamoto (UFRN), sendo a professora Maria Lucia Seidl de Moura (UERJ) coordenadora e a professora Eulina da Rocha Lordelo (UFBA) vice coordenadora do subprojeto.

negativas (punição inconsistente, negligencia, disciplina relaxada, monitoria negativa e abuso físico), conforme crivo de avaliação do IEP. Este cálculo tem como resultado um valor numérico, que é indicativo de maior ou menor risco educacional para o filho, conforme interpretação dos resultados.

O IEP possui três versões: 1) a criança ou o adolescente responde sobre o pai, 2) a criança ou o adolescente responde sobre a mãe e 3) o pai ou a mãe respondem sobre sua forma de educar os filhos. Foi esta versão auto-aplicada a utilizada neste estudo, sendo que, no caso do respondente ter mais de um filho na faixa etária solicitada, deveria fazer uma anotação em relação a qual filho (idade e sexo) estava respondendo o inventário.

Por tratar-se de um instrumento brasileiro, o inventário de estilos parentais de Gomide (2006) traz vantagens às pesquisas realizadas em nossa realidade e é a partir deste modelo que as práticas educativas no estudo proposto serão avaliadas. Entretanto, nenhuma pesquisa, utilizando o IEP anteriormente, investigou a questão da transmissão intergeracional. Neste sentido, o presente estudo pode enriquecer o arcabouço de pesquisas deste modelo teórico, pois se propõem estudar as práticas educativas parentais por meio da aplicação do IEP (2ª. geração) e os cuidados recebidos na infância (1ª. geração).

4.4.3 Inventory for Assessing of Parental Rearing Behaviour - EMBU²:

A fim de avaliar os participantes sobre as percepções dos comportamentos de cuidados de seus pais, utilizou-se o Inventory for Assessing of Parental Rearing Behaviour (EMBU), instrumento elaborado por Perris, Jacobson, Lindstorm, Von Knorring e Perris, (1980). A versão validada para a população portuguesa é de Canavarro (1996), cujo estudo revelou bons índices de confiabilidade e validade do instrumento e valores de consistência interna adequados.

A versão original do instrumento continha 81 questões, o que segundo Arrindell et al. (1999), trazia desvantagens práticas por caracterizar-se como um teste longo, o que levou à construção de uma versão reduzida que pode ser utilizada com adultos quando o tempo de aplicação é limitado. Deste modo, foi utilizada nesta pesquisa a forma reduzida (23 itens) do EMBU (Anexo 4), validada inicialmente por Arrindell et al. (1999) em uma amostra constituída por 2442 estudantes de quatro países: Itália, Hungria, Guatemala e Grécia. Estudo

² Acrônimo de Egná Minnem Beträffande Uppfostran (Minhas Memórias de Criação).

posteriormente, estendido por Arrindell et al. (2001) a 791 estudantes do leste da Alemanha e Suécia. Resultados que demonstraram a validade e confiabilidade do instrumento recomendado como equivalente funcional do EMBU original de 81 itens.

O instrumento é composto por 23 questões que avaliam a frequência com que sucederam determinadas práticas educativas durante a infância e adolescência do indivíduo, em relação ao pai e à mãe separadamente, numa escala tipo Likert de 4 pontos: “Não, nunca”, “Sim, ocasionalmente”, “Sim, frequentemente” e “Sim, a maior parte do tempo”.

As 23 questões agrupam-se criando 3 dimensões que medem rejeição, calor emocional e super-proteção, com respectivamente 7, 6, e 9 itens. A dimensão rejeição refere-se ao conjunto de comportamentos dos pais tendentes a modificar a vontade e o comportamento do filho, que são sentidos pelo mesmo como uma rejeição de si como indivíduo. Um exemplo disto é “Os meus pais eram severos ou zangavam-se comigo sem me explicarem porquê.” No calor emocional o comportamento dos pais perante o filho faz com que este se sinta confortável na sua presença, confirmando a ideia aprovação por parte dos seus genitores. Por exemplo: “Os meus pais elogiavam-me”. A super-proteção é caracterizada pelo comportamento parental de proteção excessiva de experiências indutoras de *stress* e adversidades, elevado grau de intrusão e tentativa de conhecer todas as atividades dos filhos, além de imposição rígida de regras e exigência de obediência. Por exemplo: “Quando eu chegava em casa tinha que contar tudo o que tinha feito”

O inventário foi escolhido por seu reconhecimento e utilização em diversas pesquisas em diferentes países (Perris, Jacobsson, Lindström, Knorrning & Perris, 1980; Ross, Campbell & Clayer, 1982; Huang, Someya, Takahashi, Reist & Tang, 1996; Arrindell et al., 1999; Arrindell et al., 2001; Aluja, Del Barrio & Garcia, 2006a; Aluja, Del Barrio & Garcia, 2006b).

4.5 Procedimento:

O projeto de pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos da Universidade Federal de Santa Catarina, seguindo as resoluções 196/96 e 251/97, sendo aprovado no dia 26 de março de 2007, sob o número de registro 030/07 (Anexo 1).

Todos os participantes receberam orientações sobre todos os aspectos relacionados ao formato da pesquisa, sigilo dos dados, responsabilidade dos pesquisadores e profissionais

envolvidos, possibilidade de deixarem de participar da pesquisa a qualquer momento e o direito a recusar a participação na mesma. A inclusão na pesquisa foi condicionada à assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo 2), garantindo os cuidados éticos necessários para a elaboração da pesquisa.

4.5.1 Coleta dos dados:

Cada participante contatado recebeu o termo de consentimento livre e esclarecido, a ficha de identificação, o IEP e o EMBU, que eram respondidos em casa ou no trabalho e posteriormente devolvidos a pesquisadora.

4.6 Análise dos Dados

Todos os dados foram analisados por meio do *Statistical Package of Social Sciences* (SPSS versão 11.0). Foi realizada uma análise descritiva dos dados para caracterização da amostra e as práticas parentais e memórias de cuidados na infância em termos de frequência (F). Apesar do número de participantes em cada grupo ser inferior a 100, foi utilizada a porcentagem (P) nos gráficos com a finalidade de facilitar a visualização dos resultados.

O mesmo procedimento foi realizado com relação às questões relativas à infância dos participantes. Nestas, três tiveram suas pontuações invertidas, com a finalidade de facilitar a compreensão dos resultados. As questões foram: 1) como você avalia as condições materiais de sua família na época em que você era criança, a escala de resposta era de 1 (vivia muito bem) a 5 (passei muita dificuldade); 2) como você avalia o ambiente (clima) de sua família na época em que você era criança, onde as opções de resposta eram 1 - muito tranquilo a 5 - muito tumultuado e 3) como você avalia o relacionamento conjugal de seus pais durante sua infância, na qual as respostas também eram de 1 a 5, 1 indicando muito feliz e 5 muito infeliz. Nestas questões apenas foi invertida a pontuação, assim, quanto maior a pontuação, melhores condições materiais, melhor o clima e o relacionamento conjugal dos pais.

Foram ainda utilizadas as medidas de tendência central: moda e mediana na descrição dos resultados referentes ao contexto de criação, às práticas educativas parentais e

às memórias de cuidados na infância. A primeira foi escolhida por seu cálculo resultar da ordenação de todos os valores com a tomada do valor que está no meio. Neste sentido, Dancey e Reidy (2006) apontam que a mediana é mais adequada quando são constados valores extremos. Entretanto, a moda foi utilizada também, por caracterizar-se pelo valor que aparece com maior frequência. Optou-se pela apresentação das duas medidas pelas suas características diferenciadas. No entanto, Dancey e Reidy (2006) afirmam que algumas vezes não se tem uma medida de tendência central apropriada e deve-se admitir que a amostra não apresenta um valor típico.

Para análise dos dados optou pelo uso de estatística não paramétrica, devido à variabilidade dos dados, onde a análise de algumas dimensões mostrou dados muito dispersos. Apesar dos testes paramétricos serem preferidos pelos psicólogos, em alguns estudos não se pode utilizá-los devido aos dados não satisfazerem as condições necessárias para o seu uso, como no caso de dados assimétricos ou amostras pequenas ou desiguais (Dancey & Reidy, 2006).

A apuração das sete dimensões do IEP foi realizada conforme instruções de Gomide (2006): cada resposta “nunca” recebeu pontuação 0, “às vezes”, pontuação 1 e “sempre”, pontuação 2. Após este procedimento foi realizado o somatório de cada dimensão conforme se segue:

- A. Monitoria positiva: questões 1, 8, 15, 22, 29, 36
- B. Comportamento moral: questões 2, 9, 16, 23, 30, 37.
- C. Punição Inconsistente: questões 3, 10, 17, 24, 31, 38.
- D. Negligência: questões 4, 11, 18, 25, 32, 39.
- E. Disciplina relaxada: questões 5, 12, 19, 26, 33, 40.
- F. Monitoria negativa: questões 6, 13, 20, 27, 34, 41.
- G. Abuso físico: questões 7, 14, 21, 28, 35, 42.

Como pode ser observado, o número de questões em cada dimensão é homogêneo (seis questões cada dimensão), o que corresponde a uma pontuação máxima de 12 pontos por dimensão. Todos os participantes eram avaliados quanto a sua pontuação em todas as dimensões.

Tanto no IEP, quanto no EMBU, nos casos em que os participantes deixaram de responder uma questão, foi feito o seguinte procedimento: tomou-se nota de todos os resultados das demais questões correspondentes a mesma dimensão da questão omitida e optou-se pela moda da dimensão para aquele participante.

O *ANOVA de Friedman*, conforme Dancey e Reidy (2006, p.548) “um equivalente não-paramétrico do *ANOVA* de medidas repetidas e uma generalização do teste *Wilcoxon* aplicado a mais de dois grupos”, foi utilizado a fim de avaliar se as diferenças entre os escores em cada dimensão do IEP eram significativas.

Foi calculado o Índice de Estilo Parental, conforme Gomide (2006), através do somatório das práticas positivas (A + B) e das práticas negativas (C + D + E + F + G) e, em seguida, subtração das práticas negativas das positivas. Conforme fórmula: $iep^3 = (A + B) - (C + D + E + F + G)$. Assim, como ressalta Gomide (2006), o índice de estilo parental negativo indica práticas parentais negativas, que neutralizam ou se sobrepõem às práticas positivas. Da mesma forma, o índice de estilo parental positivo indica uma forte presença de práticas positivas (Gomide, 2006).

Os índices de estilo parental foram convertidos em percentuais por meio de uma tabela do manual de aplicação, apuração e interpretação (Gomide, 2006, pp. 58 e 59). Da mesma forma foi feito com cada prática educativa separadamente, que também tinham através da sua pontuação um percentual indicativo. Estes percentuais são base para a seguinte interpretação:

a) Percentuais de 80 a 99: Estilo parental ótimo, com presença marcante das práticas parentais positivas e ausência das práticas negativas.

b) Percentuais de 55 a 75: Estilo parental regular, acima da média, porém indica-se o aprimoramento das práticas parentais.

c) Percentuais de 30 a 50: Estilo parental regular, mas abaixo da média. Aconselha-se participação em grupos de treinamento de pais.

d) Percentuais de 1 a 25: Estilo parental de risco, aconselhando-se a participação em programas de intervenção terapêutica, em grupo, de casal ou individualmente, desenvolvidos para pais com dificuldades em práticas educativas, nas quais sejam enfocadas as conseqüências do uso de práticas negativas em detrimento das positivas.

Nas comparações entre os resultados dos dois principais instrumentos (IEP e EMBU) com os demais dados sociodemográficos da amostra foi utilizado o teste *Mann-Whitney*. Segundo Dancey e Reidy (2006), uma alternativa para o teste T, com a vantagem de ser mais simples, pois não envolve o cálculo de médias, desvios padrões e erros padrões, exigindo, como no *Wilcoxon*, que os escores das duas condições estejam ordenados.

³ Índice de estilo parental

A análise das dimensões do EMBU obedeceu-se aos fatores apontados por Arrindell et al. (1999):

- a) Rejeição: itens 1, 4, 7, 13, 15, 16, 21.
- b) Calor Emocional: itens 2, 6, 12, 14, 19, 23.
- c) Super-proteção: itens 3, 5, 8, 10, 11, 17, 18, 20, 22.

Cada resposta “Não, nunca”=1, “Sim, ocasionalmente”=2, “Sim, freqüentemente”=3 e “Sim, a maior parte do tempo”=4, exceto na questão 17, na qual o escore era inverso: “Não, nunca”=4, “Sim, ocasionalmente”=3, “Sim, freqüentemente”=2 e “Sim, a maior parte do tempo”=1. Como o número de questões diferia entre as dimensões, para o cálculo dos escores, foi somada a pontuação de cada dimensão, dividida pelo número de questões. Procedimento que tornou os escores homogêneos e passíveis de comparações.

Com o objetivo de verificar as correlações entre dimensões do IEP e dados dos respondentes (coletados a partir da ficha de identificação) foi aplicado teste ρ de Spearman, que segundo Dancey e Reidy (2006) é similar ao r de Pearson e utilizado quando os dados não satisfazem as condições dos testes paramétricos. Também foram verificadas, através deste teste, as correlações entre dimensões do EMBU e os dados da ficha de identificação.

O teste ρ de Spearman foi ainda utilizado a fim de comparar as respostas do IEP e do EMBU, verificando a correlação entre as práticas educativas atuais e as lembranças de cuidados recebidos na infância.

5. RESULTADOS

Serão apresentados inicialmente os dados gerais relativos ao grupo mulheres, composto pelas 60 participantes deste estudo, bem como todos os resultados obtidos através das análises.

5.1 Contexto de Criação - Grupo Mães

Os dados referentes ao contexto de criação foram obtidos a fim de caracterizar a infância das participantes. Neste sentido, as questões abrangeram: o contexto em que as participantes foram criadas; os principais acontecimentos relacionados aos progenitores; as pessoas que as criaram nas diferentes faixas etárias; a opinião das participantes sobre o principal cuidador durante a infância; as condições materiais e recursos disponíveis; o relacionamento conjugal dos pais; a intensidade de conflitos entre os pais; a qualidade da relação entre a participante e a mãe em termos de conflitos; a qualidade da relação entre a participante e o pai em termos de conflitos; afetividade por parte da mãe e afetividade por parte do pai. Estes dados foram necessários para a contextualização da infância e compreensão dos resultados obtidos a partir do EMBU, especialmente em relação aos cuidadores e o relacionamento entre estes e a participantes.

5.1.1 Local de Criação e Presença dos Pais Biológicos

Primeiramente as participantes foram questionadas sobre o contexto principal em que foram criadas e encontrou-se que a maioria foi criada na zona urbana, representado por 42 participantes criadas na zona urbana e 18 participantes, na zona rural.

Os acontecimentos relacionados aos progenitores durante a infância das participantes enfocaram a separação ou divórcio entre os pais e a perda dos pais biológicos. Neste sentido, pode-se dizer que a maioria teve a presença de ambos os pais biológicos durante sua infância e adolescência, apenas 7 respondentes presenciaram a separação dos pais durante este período. Com relação a perda dos pais, 12 participantes a relataram: até os

11 anos de idade duas participantes relataram morte da mãe biológica e duas, do pai biológico; acima dos 11 anos, uma participante relatou morte de ambos os pais, duas a morte da mãe biológica e cinco perderam o pai biológico.

5.1.2 Principal Cuidador

As participantes foram questionadas sobre o principal cuidador de acordo com as faixas etárias: a) até os 6 anos de idade; b) dos 7 aos 11 anos de idade; e c) a partir dos 11 anos de idade e os resultados se mostraram do seguinte modo (n=59): até os 6 anos, grande parte da amostra (54 mães) relatou que os pais biológicos foram os principais cuidadores, duas participantes mencionaram que foram os pais juntamente com os avós, outras duas relataram que foram os avós e uma disse que foi a mãe biológica:

Entre os 7 e 11 anos, os pais biológicos também foram citados como os principais cuidadores, sendo mencionados por 52 participantes, em seguida teve-se a mãe biológica, a qual foi referida por 4 participantes, 1 respondente mencionou os avós, o mesmo ocorreu com mãe biológica e madrasta, e pais biológicos e avó.

Mais pessoas foram mencionadas como principal cuidador no período em que as respondentes tinham acima de 11 anos de idade. Ainda assim, os pais biológicos foram novamente os mais referidos, o sendo por 44 participantes. A segunda pessoa mais mencionada foi a mãe biológica (9 respondentes). Também tivemos menções de avós; pai biológico; mãe e padrasto; pai e madrasta; pais biológicos e avós; e outras pessoas, cada qual sendo apontado por uma pessoa. Todos os resultados sobre principal cuidador conforme as diferentes faixas etárias podem ser visualizados na figura 1:

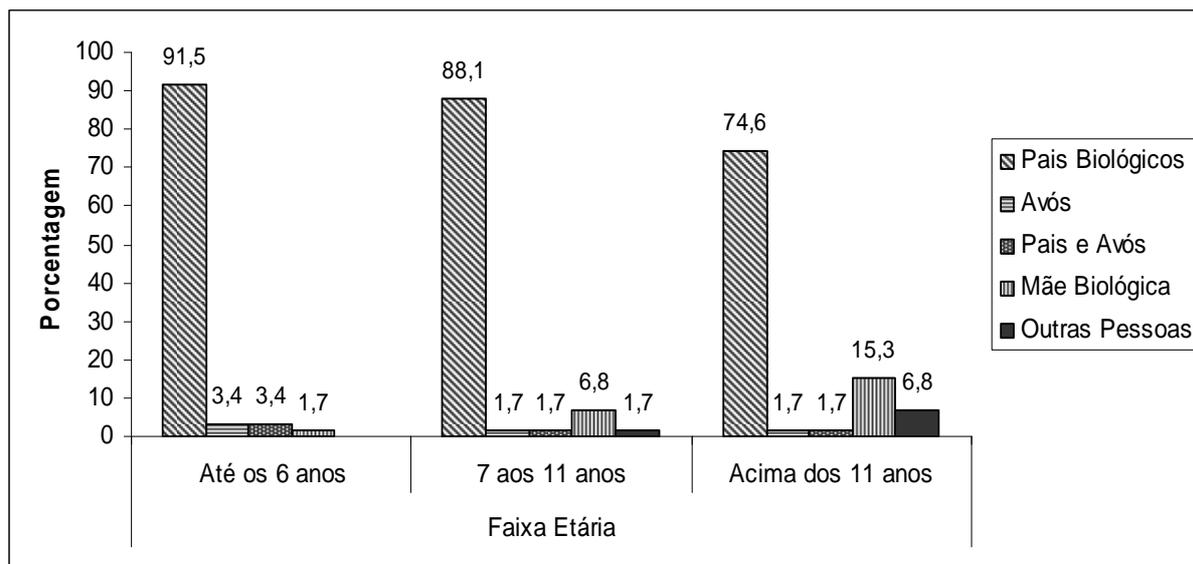


Figura 1: Porcentagem referente ao principal cuidador nas diferentes faixas etárias.

Contudo, através da observação dos gráficos é possível constatar que nas diferentes faixas etárias os pais biológicos foram mencionados como os principais cuidadores para a maioria das participantes. Além disso, pais biológicos e avós, mãe biológica e avós foram também mencionados em todas as faixas etárias investigadas, no entanto, observa-se que com o passar da idade mais pessoas e combinações de cuidadores são referidos pelas participantes, possivelmente devido ao divórcio dos pais e falecimento de um dos progenitores ou ambos, mencionados anteriormente.

Com a finalidade de sintetizar a questão do principal cuidador, as participantes foram questionadas, sobre quem foi a pessoa mais importante que cuidou delas durante infância e juventude e 34 responderam que a mãe biológica foi a pessoa mais importante, 17 responderam que foram os pais biológicos, 3 disseram que foi a avó, 2 que foi o pai biológico, e madrasta; mãe e madrinha; mãe e avó; e pais e avó tiveram uma menção cada, conforme figura 2.

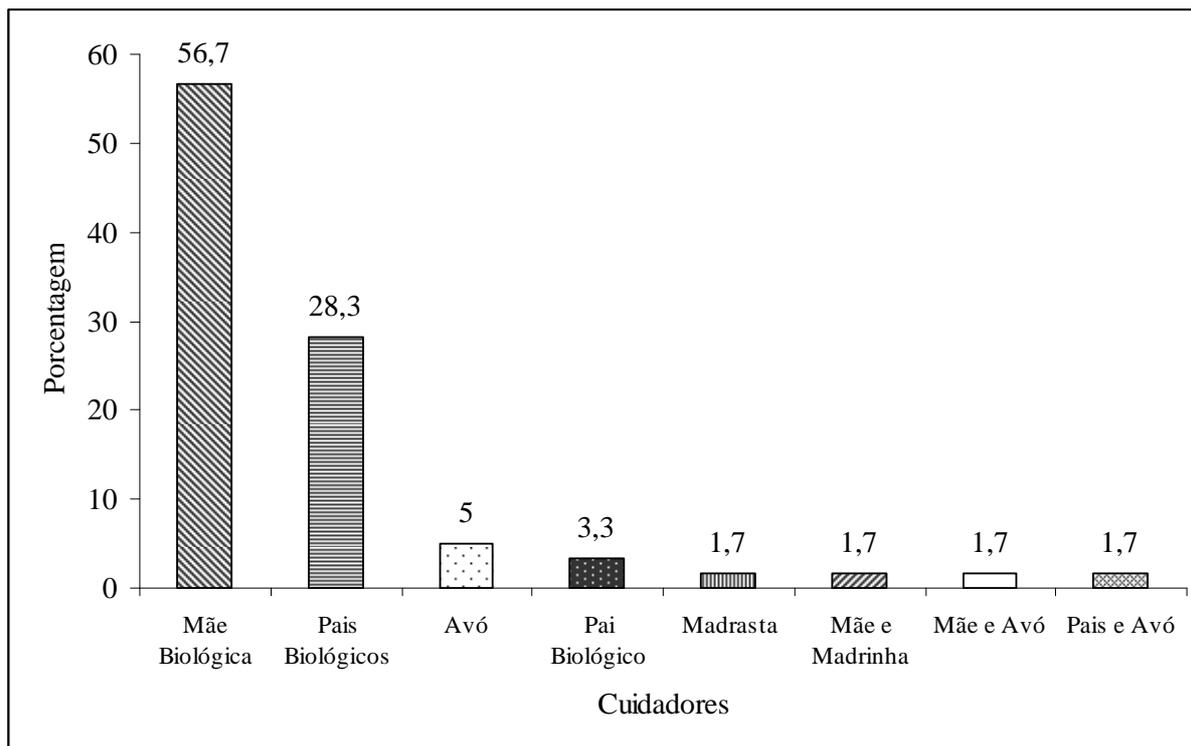


Figura 2: Porcentagem referente à pessoa citada como a mais importante nos cuidados durante a infância e juventude das participantes.

Contudo, apesar dos pais biológicos serem os mais citados como principal cuidador nas diferentes faixas etárias, quando foi colocada a questão: “Quem foi a pessoa mais importante que cuidou de você durante a infância e a adolescência?”, mais da metade da amostra mencionou a mãe biológica como a pessoa mais importante.

5.1.3 Ambiente Familiar

As questões sobre o contexto familiar durante a infância avaliaram: condições materiais, relacionamento conjugal dos pais, relacionamento entre os pais e as respondentes e afetividade por parte dos pais e foram respondidas a partir de uma escala de 1 a 5, que indicavam sempre dois extremos (exemplo em relação ao clima familiar as opções de resposta ficaram entre muito tranquilo e muito tumultuado).

Sobre as condições materiais disponíveis à família durante a infância, 29 participantes avaliaram que viviam bem (15) ou muito bem (14), 20 respondentes avaliaram as condições materiais como médio e 11 passaram dificuldades, das quais, 7 passaram muita dificuldade e 4 passaram dificuldade.

Com relação ao ambiente (clima emocional) familiar durante a infância, mais da metade da amostra avaliou o ambiente como tranquilo: 14 como muito tranquilo e 21 como tranquilo, 8 avaliaram o ambiente com médio, 11 participantes disseram que o ambiente era tumultuado e 6 avaliaram-no como muito tumultuado.

Os resultados sobre o relacionamento conjugal entre os pais foram mais dispersos, 15 participantes relataram que o relacionamento entre os pais era feliz, 14 indicou muito feliz, também 14 o avaliaram como médio, 12 respondentes avaliaram como infeliz e 5 avaliaram o relacionamento conjugal dos pais como muito infeliz. Com relação aos conflitos (brigas e discussões) conjugais presenciados durante a infância, 17 apontaram o relacionamento como nada conflituoso, 14 como pouco conflituoso, 12 como médio, 9 como conflituoso e 8 como extremamente conflituoso.

Cada respondente avaliou também, seu relacionamento, em termos de conflitos (brigas e discussões) e em termos de afeto, com cada progenitor. Sobre os conflitos com o pai ou cuidador masculino obteve-se: 30 avaliaram como nada conflituoso, 14 como pouco conflituoso, 10 atribuíram médio, 3 como extremamente conflituoso e 2 como conflituoso. Apenas uma pessoa não respondeu esta questão. Em termos de afeto percebido por parte do pai durante a infância os resultados ficaram da seguinte forma: 17 apontaram a relação como extremamente afetuosa, 16 como afetuosa, 11 como pouco afetuosa, 9 como mediana e 7 como nada afetuosa.

Na avaliação da relação da respondente com sua mãe ou cuidadora feminina em termos de conflitos, 31 participantes relataram que a relação era nada conflituosa, 14 apontaram como pouco conflituosa, 8 avaliaram-na no nível médio e 6 como conflituosa. A opção extremamente conflituosa não foi mencionada por nenhuma respondente nesta questão. Sobre o afeto dispensado na época da infância por parte da mãe os resultados ficaram do seguinte modo: 27 avaliaram como extremamente afetuosa, 15 como afetuosa, 9 avaliaram a atitude como mediana, 7 como pouco afetuosa e 2 participantes pontuaram a relação com sua mãe como nada afetuosa.

O resumo de todos os resultados referentes ao contexto de criação durante a infância pode ser visualizado na tabela 5.

Tabela 5: Mediana, moda, valores mínimos e máximos sobre o contexto criação na infância das mães pesquisadas.

	Condições materiais	Clima familiar	Relação conjugal dos pais	Conflitos entre os pais	Conflitos com o pai	Conflitos com a mãe	Afeto do pai	Afeto da mãe
Mediana	3	4	3	2	1	1	4	4
Moda	3	4	4	1	1	1	5	5
Mínimo	1	1	1	1	1	1	1	1
Máximo	5	5	5	5	5	4	5	5

Como pode ser visto na tabela 5, as duas medidas de tendência central mediana e moda foram iguais ou variaram muito pouco entre as questões do contexto de criação. Comparando os resultados de todas as participantes, observa-se que de modo geral, as condições materiais durante a infância eram médias, o clima familiar durante a infância foi tranquilo, a relação conjugal entre os pais foi avaliada como feliz e nada conflituosa. Sobre a relação entre participantes e os progenitores: a relação tanto com pai, quanto com a mãe foi nada conflituosa e ambos os pais foram extremamente afetuosos durante a infância das respondentes.

5.2 Resultados do Inventário de Estilos Parentais – Grupo Mães

No preenchimento do IEP, cada participante deveria apontar sobre qual filho responderia o IEP: a idade e o sexo dos mesmos. O resultado ficou do seguinte modo: a média de idade foi 15 anos e 2 meses e 37 eram do sexo feminino e 21 do sexo masculino, entretanto, 2 participantes não responderam esta questão.

Os escores das práticas educativas utilizadas pelas mães são apresentados na tabela 6. Vale lembrar que a pontuação máxima em cada prática educativa era 12 pontos e que a apresentação destes resultados tem apenas a finalidade de demonstrar os escores brutos, que farão mais sentido quando analisados a partir de sua interpretação, o que será apresentado na seqüência.

Tabela 6: Mediana, moda e escore máximo e mínimo das práticas educativas utilizadas pelas participantes.

Práticas Educativas	Monitoria Positiva	Comportamento Moral	Punição Inconsistente	Negligência	Disciplina Relaxada	Monitoria Negativa	Abuso Físico
Mediana	11	11	3	3	3	6	1
Moda	12	12	4	2	4	7	0
Mínimo	5	4	0	0	0	2	0
Máximo	12	12	9	8	8	11	5

A partir da tabela 6 é possível verificar por meio dos escores de todas as práticas educativas que as participantes fizeram uma pontuação maior nas práticas: monitoria positiva e comportamento moral. Entre as práticas negativas, a maior pontuação foi na prática monitoria negativa e a menor pontuação foi em relação a utilização do abuso físico.

Na seqüência são apresentadas inicialmente as práticas positivas: monitoria positiva e comportamento moral, seguidas pelas práticas consideradas negativas: punição inconsistente, negligência, disciplina relaxada, monitoria negativa e abuso físico. São apresentados os dados referentes a cada prática: moda e mediana do grupo, frequência dos escores, e interpretação dos mesmos conforme instruções de Gomide (2006, p. 57 e 58).

Na prática educativa: Monitoria Positiva a mediana e a moda de escore foi 11 e 12 respectivamente, sendo que 27 respondentes obtiveram a pontuação máxima de 12 pontos, o que corresponde ao estilo parental ótimo, 11 mães fizeram 11 pontos (regular, acima da média). Escores entre 10 e 9 se enquadram em regular, abaixo da média, onde ficaram 16 mães: 14 fizeram 10 pontos e 2 participantes fizeram 9 pontos. O escore abaixo de 8 é considerado de risco nesta prática e 6 participantes se enquadraram nesta faixa, 3 fizeram 8 pontos, 1 fez 7 pontos, da mesma forma 1 fez 6 e 5 pontos. A figura 3 mostra como ficou esta distribuição em termos de porcentagem:

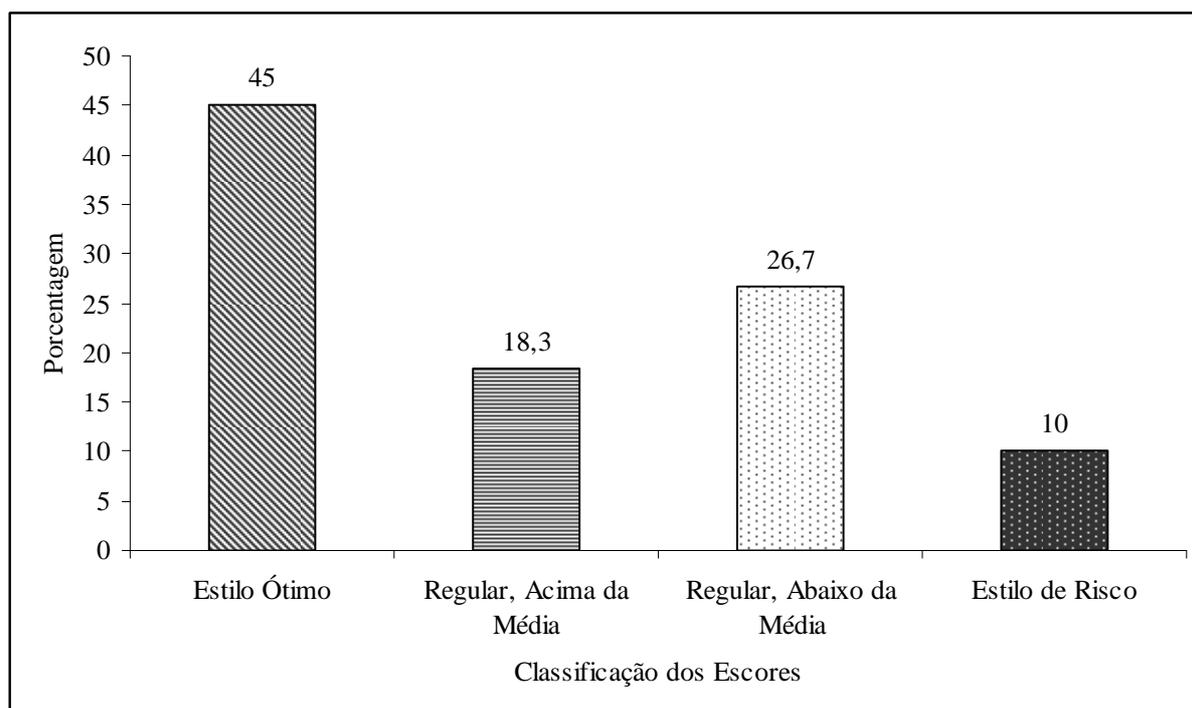


Figura 3: Porcentagem referente aos resultados em monitoria positiva na amostra de mães

Na segunda prática educativa positiva: Comportamento Moral a mediana foi 11 e a moda 12. Nesta prática 45 respondentes totalizaram 10 pontos ou mais, o que corresponde a escore regular, acima da média: 23 somaram 12 pontos (estilo parental ótimo), 16 fizeram 11 pontos e 6 somaram 10 pontos (regular, acima da média). 15 mães tiveram uma pontuação abaixo de 9 (regular, abaixo da média): 9 participantes fizeram 9 pontos e 3 somaram 8 pontos. O escore de risco é considerado abaixo de 7 pontos, onde se encontraram 3 mães: 1 respondente fez 7 pontos, 1 mãe 6 e outra, 4 pontos.

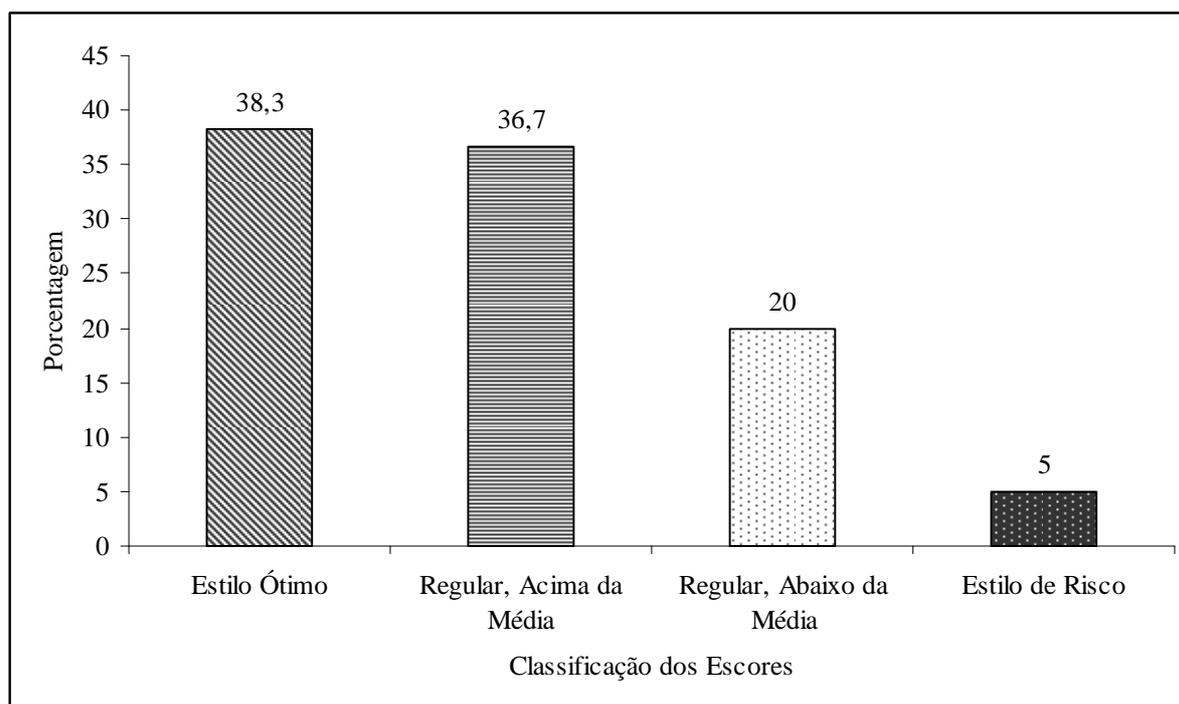


Figura 4: Porcentagem referente aos resultados em comportamento moral na amostra de mães

Em relação às práticas negativas, atenta-se que quanto menor a pontuação, melhor, já que se referem a práticas que estão associadas ao comportamento anti-social. De modo geral, os resultados nestas práticas foram mais baixos. Entretanto, é necessário considerar a interpretação do resultado que é descrita ao longo do texto. Com relação à utilização da Punição Inconsistente a mediana foi 3 e a moda 4 e a pontuação máxima nesta prática 9 (escore de risco) Entre as respondentes 15 se enquadraram no escore referente ao estilo parental ótimo: 8 fizeram 1 ponto e 7 tiveram um somatório que resultou em zero. 17 mães ficaram estilo regular acima da média: 11 fizeram 2 pontos e 6 somaram 3 pontos. Pontuações entre 4 e 5 são consideradas regular, abaixo da média e 21 participantes se enquadraram neste perfil: 9 mães fizeram 5 pontos e 12 fizeram 4. Todavia, escores acima de 5 são considerados de risco, o que foi revelado por 7 participantes: 2 participantes fizeram 6 pontos; 3 mães tiveram 7 pontos; 1 fez 8 e, da mesma forma, 1 fez 9 pontos nesta prática educativa. Estes resultados são mostrados na figura 5:

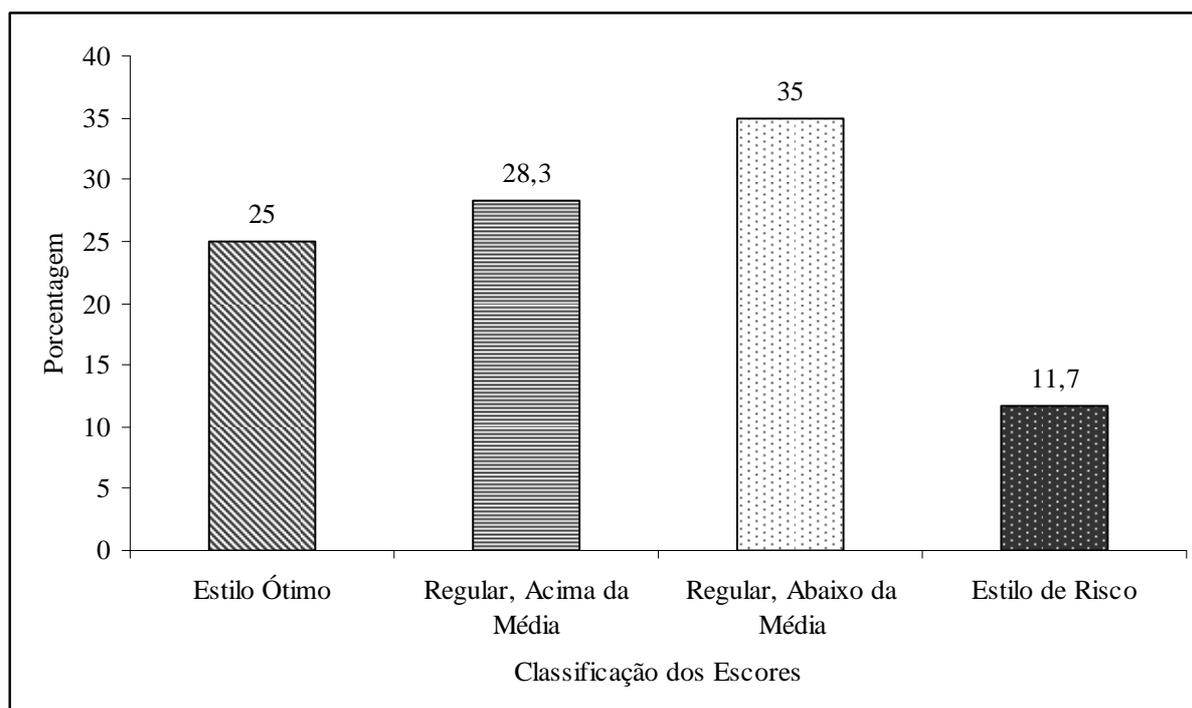


Figura 5: Porcentagem referente aos resultados em punição inconsistente na amostra de mães.

Com relação à prática Negligência a mediana de escore foi 3 e a moda foi 2 e os escores variaram entre zero e 7 pontos. Assim, 4 mães pontuaram zero (estilo parental ótimo) e também 4 fizeram 1 ponto (regular, acima da média). Entretanto, a maior parte do grupo ficou abaixo da média ($n=26$), ou então no estilo parental de risco ($n=26$): 16 respondentes somaram 2 pontos e 10 fizeram 3 pontos (regular, abaixo da média) e 26 se enquadraram no grupo de risco: 7 somaram 4 pontos; 8 mães fizeram 5 pontos; 5 participantes fizeram 6 pontos; 3 fizeram 7 e também 3 fizeram 8 pontos. A distribuição dos resultados em relação à utilização da negligência ficou da seguinte forma:

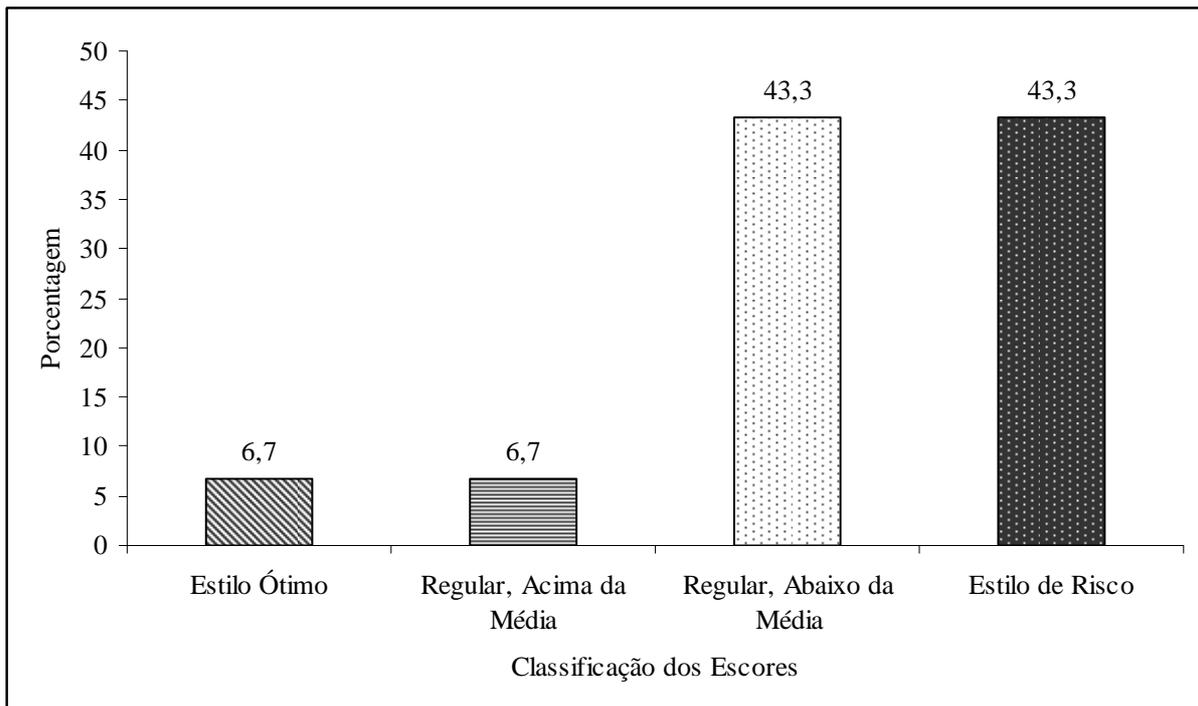


Figura 6: Porcentagem referente aos resultados em negligência na amostra de mães

A pontuação na prática Disciplina Relaxada variou de zero a 8, sendo 3 a mediana e 4 a moda de escores nesta prática educativa. Em relação à utilização desta prática 17 participantes se enquadraram no estilo parental ótimo (zero e 1 ponto): 10 fizeram 1 ponto e 7 participantes obtiveram zero. 8 mães pontuaram 2 pontos, o que equivale a regular, acima da média. 22 mães ficaram abaixo da média: 14 somaram 4 pontos e 8 fizeram 3 pontos nesta prática educativa; e 13 participantes localizaram-se na faixa de risco sendo 6 (5 pontos); 4 (6 pontos); 2 (7 pontos) e 1 que totalizou 8 pontos nesta categoria.

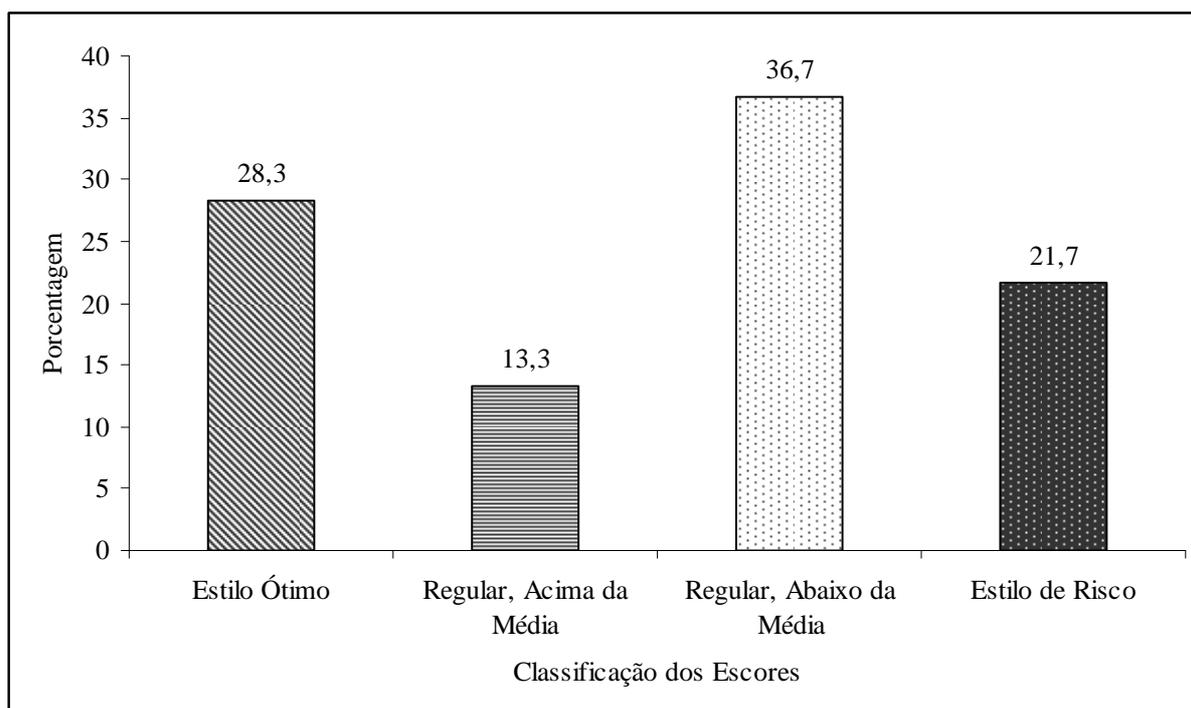


Figura 7: Porcentagem referente aos resultados em disciplina relaxada na amostra de mães.

Entre as práticas negativas, a Monitoria Negativa foi a que obteve o maior escore (11 pontos). Assim, mais participantes obtiveram escores abaixo da média e na área de risco para o filho. A mediana nesta prática foi 6 e a moda 7. Foi observada uma dispersão maior entre os resultados: 8 ficaram no estilo parental ótimo (entre 1 e 3 pontos): 2 obtiveram 2 pontos e 6 tiveram 3 pontos. Entre 4 e 5 é considerado regular, acima da média e 16 mães ficaram nesta faixa: 9 somaram com 4 pontos e 7 com 5 pontos. 19 participantes ficaram abaixo da média: 8 participantes com 6 pontos e 11 mães fizeram 7 pontos. Na área de risco parental ficaram 17 mães: 5 (8 pontos), 5 (9 pontos), 5 (10 pontos) e 2 (11 pontos). Através da figura 8 é possível observar como ficou esta distribuição:

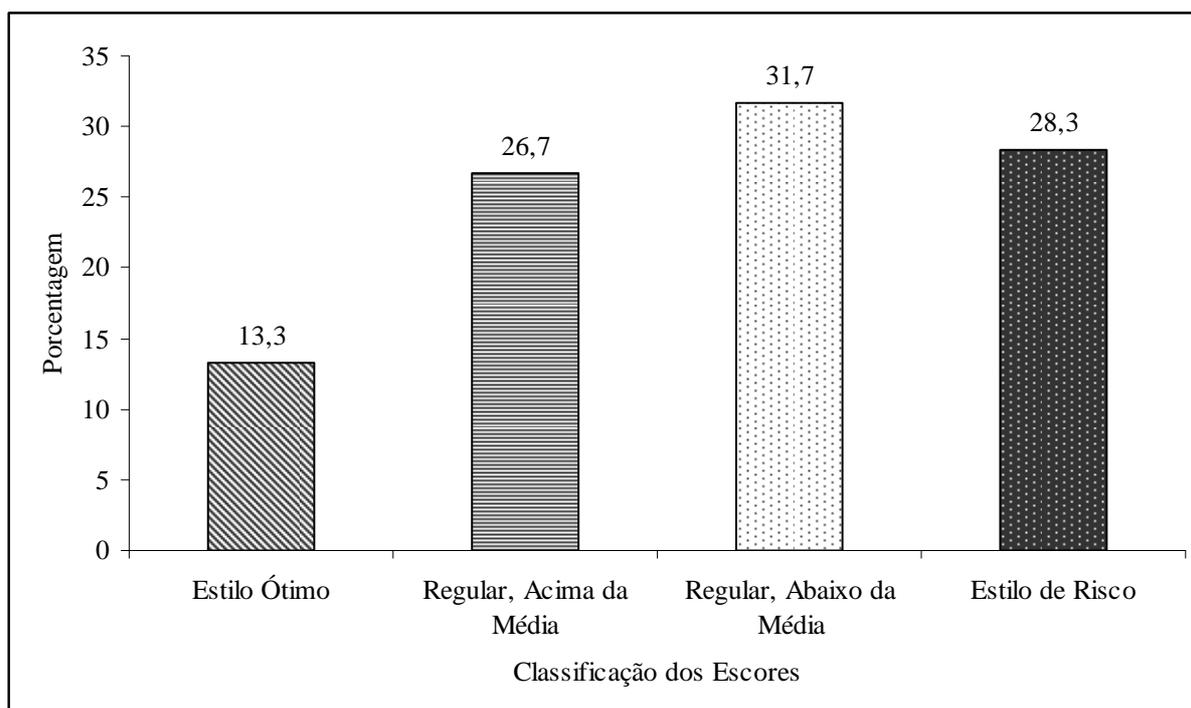


Figura 8: Porcentagem referente aos resultados em monitoria negativa na amostra de mães.

A prática Abuso Físico foi a que obteve a menor pontuação entre as práticas educativas. A mediana para este prática foi 1 e a moda foi 0, havendo variações entre 0 e 5 pontos. Entretanto, na tabela de apuração (Gomide, 2006, p.58) desta prática educativa, pontuação zero condiz à estilo parental ótimo e acima da média (aqui, todas pontuação iguais a zero foram consideradas estilo ótimo), 1 ponto se enquadra em estilo regular abaixo da média e acima de 2 pontos, estilo parental de risco, sendo assim, 23 respondentes pontuaram zero, indicativo de estilo parental ótimo; 15 somaram 1 (regular, abaixo da média). Contudo, 22 mães ficaram na faixa de risco (acima de 2 pontos): 11 obtiveram 2 pontos; 8 fizeram 3 pontos; 2 somaram 5 pontos e 1 mãe fez 4 pontos.

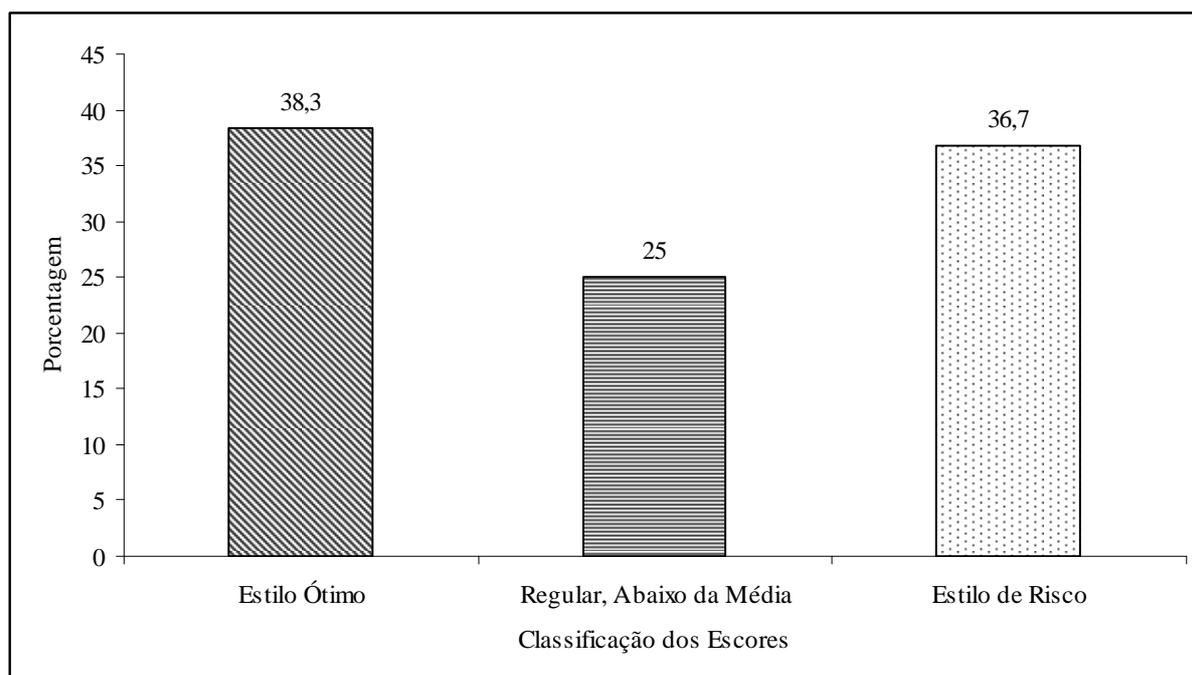


Figura 9: Porcentagem referente aos resultados em abuso físico na amostra de mães.

O *ANOVA de Friedman* mostrou que as diferenças entre escores em cada dimensão do IEP eram significativas ($\chi^2=273,54$; $gl=6$; $p<0.01$). Conforme este teste a prática Monitoria Positiva obteve maior escore, seguida por Comportamento Moral, Monitoria Negativa, Negligência, Punição Inconsistente, Disciplina Relaxada e Abuso Físico, que teve o menor escore. Os postos médios de cada prática educativa a partir do *ANOVA de Friedman* podem ser visualizados na tabela 7:

Tabela 7: Postos médios de cada prática educativa materna

Práticas Educativas	Mean Rank (Posto Médio)
Monitoria Positiva	6,43
Comportamento Moral	6,28
Monitoria Negativa	4,75
Negligência	3,19
Punição Inconsistente	2,89
Disciplina Relaxada	2,82
Abuso Físico	1,64

O índice de estilo parental foi calculado conforme instruções de Gomide (2006) e os resultados foram os seguintes: a mediana e a moda corresponderam ao intervalo de percentuais entre 55-75. Este intervalo, segundo Gomide (2006), indica um estilo parental regular, mas acima da média. Assim, 13 ficaram no intervalo 80-99 (estilo parental ótimo), 5 ficaram entre o estilo parental ótimo e o regular acima da média, 14 mães ficaram no intervalo 55-75 (estilo regular, acima da média). 11 mães corresponderam ao intervalo 30-50 (estilo parental regular, mas abaixo da média), 5 ficaram entre o estilo regular abaixo da média e o de risco, e 12 no intervalo 1-25 (estilo parental de risco). A distribuição dos resultados pode ser visualizada na figura 10:

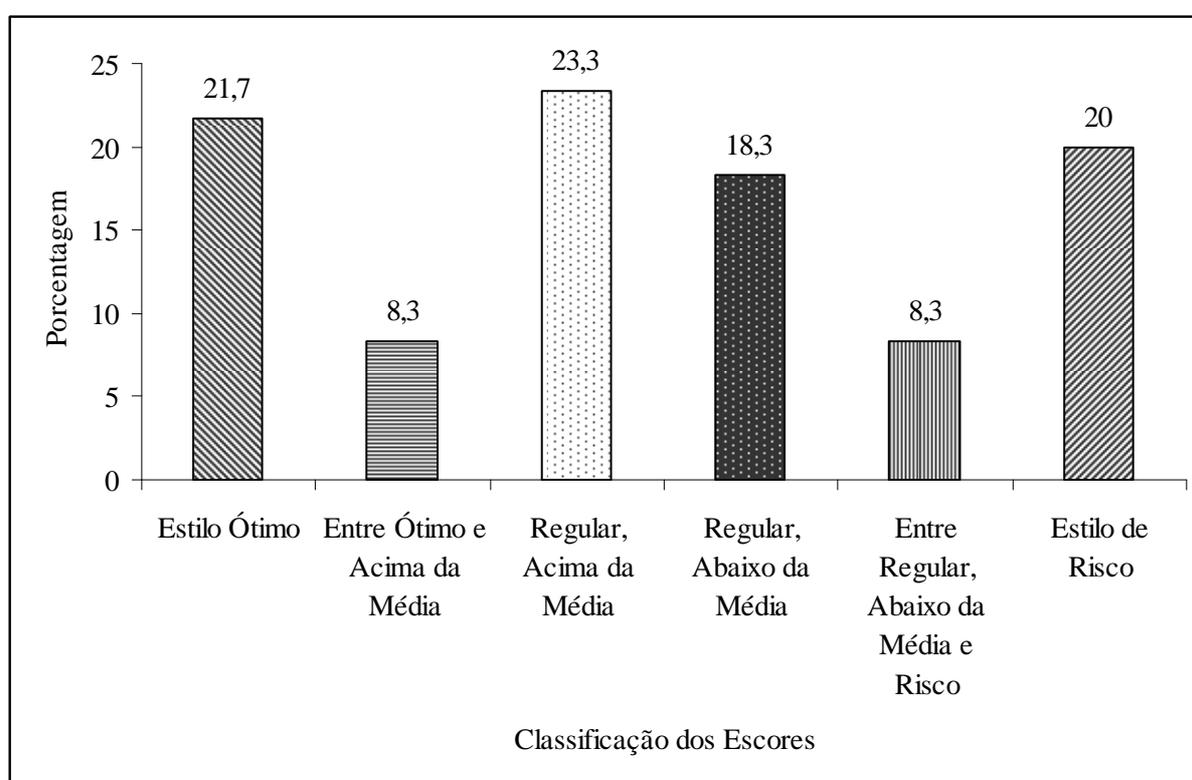


Figura 10: Distribuição em porcentagem do índice de estilo parental na amostra de mães.

Contudo, a interpretação do índice de estilo parental no grupo mães ficou dividida entre as diversas classificações. Assim, 53,3% da amostra foi caracterizada entre estilo parental ótimo e regular, acima da média; 46,6% se enquadraram entre regular, abaixo da média e estilo parental de risco. Além da dispersão entre os resultados, chama-se a atenção para a frequência do estilo parental de risco, o qual está relacionado ao desenvolvimento de comportamento anti-social.

5.2.1 Dimensões do IEP e Variáveis de Caracterização da Amostra

As dimensões do IEP foram comparadas às variáveis dicotômicas de caracterização da amostra, utilizando-se o teste *Mann-Whitney*. Todas as variáveis passíveis de comparação neste teste foram analisadas; entretanto, a única diferença encontrada foi em relação à variável trabalho remunerado. Deste modo, mães com trabalho remunerado obtiveram maiores escores em negligência ($U=174,5$; $p < 0,01$). Os resultados do teste são apresentados na tabela 8.

Tabela 8: Comparação entre as dimensões do IEP das mães e a variável trabalho remunerado.

Dimensões IEP	Trabalho Remunerado	N	Mean Rank (posto médio)	Sum of Ranks (Somatório dos ranks)
Monitoria Positiva	Sim	46	29,04	1336,00
	Não	14	35,29	494,00
Comportamento Moral	Sim	46	31,01	1426,50
	Não	14	28,82	403,50
Punição Inconsistente	Sim	46	30,62	1408,50
	Não	14	30,11	421,50
Negligência*	Sim	46	33,71	1550,50
	Não	14	19,96	279,50
Disciplina Relaxada	Sim	46	30,63	1409,00
	Não	14	30,07	421,00
Monitoria Negativa	Sim	46	31,20	1435,00
	Não	14	28,21	395,00
Abuso Físico	Sim	46	31,00	1426,00
	Não	14	28,86	404,00

* Dimensão que variou conforme presença ou ausência de trabalho remunerado.

Para as variáveis ordinais foram realizados testes de correlação (ρ de Spearman) com as dimensões do IEP. Resultados que são apresentados na seqüência:

5.2.2 Correlações entre as Dimensões do IEP

Na análise das correlações entre as dimensões do IEP encontrou-se correlação positiva entre as práticas chamadas positivas, ou seja, quanto mais monitoria positiva, mais comportamento moral ($\rho=0,519$; $p<0,01$). O mesmo aconteceu entre algumas práticas negativas, entre as quais a punição inconsistente que se correlacionou com as demais práticas, apenas com exceção o abuso físico. Assim, quanto mais punição inconsistente, mais negligência ($\rho=0,386$; $p<0,01$); quanto mais punição inconsistente, mais disciplina relaxada ($\rho=0,298$; $p<0,05$); e quanto mais punição inconsistente, mais monitoria negativa ($\rho=0,265$; $p<0,05$). Negligência e disciplina relaxada também demonstram uma correlação positiva ($\rho=0,399$; $p<0,01$), o mesmo aconteceu entre disciplina relaxada e monitoria negativa e entre monitoria negativa e abuso físico ($\rho=0,321$; $p<0,05$ e $\rho=0,359$; $p<0,01$ respectivamente).

Foi observada também, correlação negativa entre práticas positivas e negativas: quanto mais monitoria positiva, menos negligência ($\rho=-0,360$; $p<0,01$) e menos disciplina relaxada ($\rho=-0,346$; $p<0,01$); quanto mais comportamento moral, menos punição inconsistente ($\rho=-0,361$; $p<0,01$) e menos disciplina relaxada ($\rho=-0,319$; $p<0,05$):

Tabela 9: Correlações entre as dimensões do IEP na amostra de mães

	1.	2.	3.	4.	5.	6.
1. Monitoria Positiva						
2. Comportamento Moral	0,519**					
3. Punição Inconsistente	-0,251	-0,361**				
4. Negligência	-0,360**	-0,139	0,386**			
5. Disciplina Relaxada	-0,346**	-0,319*	0,298*	0,399**		
6. Monitoria Negativa	-0,060	-0,048	0,265*	0,145	0,321*	
7. Abuso Físico	-0,016	0,027	0,226	0,126	0,019	0,359**

* $p<0,05$ ** $p<0,01$

5.2.3 Dimensões IEP e Escolaridade da Respondente

Foram correlacionadas a idade da respondente, a escolaridade e a idade do filho, sobre o qual a participante respondeu o IEP, com as dimensões deste instrumento. Entretanto apenas o quesito escolaridade teve diferenças estatisticamente significantes. Neste sentido, o teste ρ de Spearman revelou que a escolaridade está associada ao uso de práticas positivas: quanto maior a escolaridade da mãe, maior a pontuação em monitoria positiva ($\rho=0,254$; $p<0,05$) e maior o escore em comportamento moral ($\rho=0,323$; $p<0,05$).

Além disso, a escolaridade parece ser um fator de proteção em relação à utilização da prática monitoria negativa, pois quanto maior a escolaridade da mãe, menor o escore em monitoria negativa ($\rho=-0,273$; $p<0,05$).

Tabela 10: Correlações entre as dimensões do IEP e as variáveis: idade, escolaridade e idade do filho.

Variáveis	Monitoria Positiva	Comportamento Moral	Punição Inconsistente	Negligência	Disciplina Relaxada	Monitoria Negativa	Abuso Físico
Idade da respondente	-0,001	-0,048	-0,047	0,156	0,152	0,001	-0,249
Escolaridade	0,254*	0,323*	-0,142	-0,196	-0,199	-0,273*	-0,059
Idade do Filho	-0,107	-0,126	0,002	-0,080	0,168	0,013	-0,242

* $p<0,05$

** $p<0,01$

5.2.4 Dimensões IEP e Condições Materiais, Clima na Infância, Relação Conjugal dos Pais e Conflitos entre os Pais da Respondente

Foram correlacionados os resultados do IEP com o contexto de criação na infância: condições materiais, clima emocional, relação conjugal dos pais e conflitos entre os pais das respondentes, lembrando que nas três primeiras questões pontuações mais próximas a 5 indicam melhores condições materiais, clima emocional e relacionamento conjugal. Já na questão conflitos entre os pais, ocorre o inverso, quanto mais próxima de 5 for a pontuação, mais conflitos foram percebidos na relação conjugal dos pais.

Através da correlação entre as dimensões do IEP e o contexto de criação obteve-se diferenças em relação às condições materiais disponíveis e o clima emocional. Tanto as

condições materiais quanto o clima emocional durante a infância apareceram relacionadas à utilização da monitoria positiva. Assim, constatou-se correlação positiva entre condições materiais e monitoria positiva ($\rho=0,395$; $p<0,01$) e entre clima emocional e monitoria positiva, onde quanto mais tranquilo foi avaliado o ambiente familiar na infância, também mais as participantes relataram fazer uso da monitoria positiva na interação com seus filhos ($\rho=0,267$; $p<0,05$).

Tabela 11: Correlações entre as dimensões do IEP e as variáveis: condições materiais, clima, relação conjugal dos pais e conflitos entre os pais da respondente durante a infância.

Variáveis	Monitoria Positiva	Comportamento Moral	Punição Inconsistente	Negligência	Disciplina Relaxada	Monitoria Negativa	Abuso Físico
Condições materiais	0,395**	0,254	-0,020	-0,066	-0,127	-0,041	-0,116
Ambiente (clima)	0,267*	0,201	-0,194	-0,048	-0,030	-0,070	-0,179
Relação conjugal dos pais	0,192	0,198	-0,210	-0,137	-0,066	0,079	-0,139
Conflitos entre os pais	0,157	0,122	-0,096	-0,050	0,044	0,127	-0,068

* $p<0,05$

** $p<0,01$

5.2.5 Dimensões IEP e Conflitos entre a Respondente e o Pai, Conflitos entre a Respondente e a Mãe, Afetividade do Pai e Afetividade da Mãe

Foram correlacionados também, os dados dos conflitos entre a respondente e o pai, conflitos entre a respondente e a mãe, atitude afetuosa do pai e atitude afetuosa da mãe com as práticas educativas atuais (dimensões do IEP). Novamente atenta-se quanto a escala, que era de 0 a 5, onde maior escore indicava mais conflitos e menor escore, menos conflitos, o contrário das demais questões que possuíam conotações positivas, por exemplo, quanto maior escore, mais afetuosa a relação entre a participante e a mãe.

Os resultados obtidos foram os seguintes: quanto menos conflituosa as participantes perceberam sua relação com o pai, maior a pontuação na prática monitoria positiva ($\rho=-0,312$; $p<0,05$); quanto mais lembranças de conflitos na relação com o pai durante a infância, mais as respondentes utilizam-se do abuso físico com seus filhos ($\rho=0,303$; $p<0,05$). Em

relação às lembranças de conflitos com a mãe, quanto menos conflituosa foi esta relação, maior a pontuação na prática monitoria negativa ($\rho=-0,347$; $p<0,01$).

Com relação à percepção de afeto na relação com os pais da família de origem, através dos resultados constatou-se: a) correlação positiva entre lembranças de afeto por parte do pai e utilização da monitoria positiva, ou seja, quanto mais lembranças de afeto por parte do pai as participantes relataram durante sua infância, maiores escores tiveram em monitoria positiva ($\rho=0,301$; $p<0,05$); b) correlação negativa entre afeto por parte do pai e a prática educativa abuso físico, na qual, quanto menos afetuosa foi a atitude do pai durante a criação, mais abuso físico é utilizado enquanto prática com os filhos ($\rho=-0,263$; $p<0,05$). Todos os resultados podem ser visualizados a seguir:

Tabela 12: Correlações entre as dimensões do IEP e as variáveis: conflitos entre a respondente e o pai, conflitos entre a respondente e a mãe, atitude afetuosa do pai e atitude afetuosa da mãe durante a infância.

Variáveis	Monitoria Positiva	Comportamento Moral	Punição Inconsistente	Negligência	Disciplina Relaxada	Monitoria Negativa	Abuso Físico
Conflitos com o pai	-0,312*	-0,205	0,061	-0,020	-0,051	-0,006	0,303*
Conflitos com a mãe	0,036	0,066	-0,036	-0,013	-0,041	-0,347**	0,121
Afetividade do pai	0,301*	0,236	-0,189	-0,168	-0,234	-0,106	-0,263*
Afetividade da mãe	-0,114	0,064	-0,059	-0,039	-0,161	0,237	-0,177

* $p<0,05$

** $p<0,01$

5.3 Resultados EMBU – Grupo Mães

A análise das lembranças sobre a infância, obtidas através do EMBU ($n=59$), revelaram os seguintes resultados, conforme tabela 13:

Tabela 13: Mediana, moda e escore máximo e mínimo para cada dimensão do EMBU do grupo de mães:

Dimensões EMBU	Rejeição Pai	Calor Emocional Pai	Super-proteção Pai	Rejeição Mãe	Calor Emocional Mãe	Super-proteção Mãe
Mediana	1,43	2,50	2,11	1,43	2,83	2,11
Moda	1,00(a)	1,83	1,44	1,00	3,33	1,89(a)
Mínimo	1,00	1,00	1,00	1,00	1,33	1,33
Máximo	3,71	4,00	3,33	3,71	4,00	3,67

(a) Múltiplas modas existentes. É mostrada a menor

Tanto em relação às lembranças sobre o pai, quanto às lembranças sobre a mãe a maior pontuação foi para calor emocional (variação entre 1 e 4 pontos para pai e entre 1,33 e 4 pontos para mãe) com mediana 2,50 e moda 1,83 e 2,83 e 3,33 respectivamente. Além disso, o *ANOVA de Friedman* mostrou diferenças estatisticamente significantes entre os escores ($\chi^2=78,292$; $gl=5$; $p<0.01$). Assim, Calor Emocional da Mãe obteve o maior escore, seguido por Super-proteção da Mãe, Calor Emocional do Pai, Super-proteção do Pai, Rejeição da Mãe, sendo Rejeição do Pai a dimensão de menor escore.

5.3.1 Correlações entre as Dimensões do EMBU

A partir da correlação entre as dimensões do EMBU ($n=59$) observa-se uma congruência entre os comportamentos do pai e da mãe, ou seja, lembranças de rejeição do pai estão relacionadas às lembranças de rejeição da mãe ($\rho=0,688$; $p<0,01$), as de calor emocional do pai às de calor emocional da mãe ($\rho=0,754$; $p<0,01$) e as de super-proteção do pai às de super-proteção da mãe ($\rho=0,841$; $p<0,01$).

Foi encontrada uma correlação inversamente proporcional entre lembranças de rejeição e lembranças de calor emocional tanto em relação ao pai, quanto à mãe. Assim, quanto mais lembranças rejeição do pai, menos lembranças de calor emocional do pai ($\rho=-0,651$; $p<0,01$) e da mãe ($\rho=-0,472$; $p<0,01$). Do mesmo modo, ocorreu em relação às lembranças de rejeição da mãe, onde mais lembranças de rejeição por parte da mãe, implicaram em menos calor emocional da mãe ($\rho=-0,660$; $p<0,01$) e do pai ($\rho=-0,461$; $p<0,01$).

Uma correlação positiva foi encontrada entre lembranças de rejeição do pai e da mãe e super-proteção de ambos os cuidadores: Quanto mais rejeição do pai, mais memórias de super-proteção do pai ($\rho=0,440$; $p<0,01$) e da mãe ($\rho=0,340$; $p<0,01$); e quanto mais

lembranças de rejeição da mãe, mais lembranças de super-proteção do pai ($\rho=0,326$; $p<0,05$), e da mãe ($\rho=0,513$; $p<0,01$). Todos os resultados podem ser visualizados na tabela 14.

Tabela 14: Correlações entre as dimensões do EMBU no grupo de mães:

Variáveis	1.	2.	3.	4.	5.
1. Rejeição Pai					
2. Calor Emocional Pai	-0,651**				
3. Super-proteção Pai	0,440**	0,006			
4. Rejeição Mãe	0,688**	-0,461**	0,326*		
5. Calor Emocional Mãe	-0,472**	0,754**	-0,046	-0,660**	
6. Super-proteção Mãe	0,340**	0,007	0,841**	0,513**	-0,146

* $p<0,05$

** $p<0,01$

Além das correlações entre as dimensões do EMBU, foram constatadas outras correlações entre as dimensões do EMBU e as demais questões que investigavam o contexto de criação das participantes. Estas correlações apontam a relação entre as duas medidas, o que denota coerência entre as mesmas e provavelmente, fidedignidade das respostas. Resultados que são apresentados na seqüência:

5.3.2 Dimensões do EMBU e Condições Materiais na Infância, Clima na Infância, Relação Conjugal dos Pais e Conflitos entre os Pais da Respondente

Com a utilização do teste ρ de Spearman foram correlacionadas questões do contexto de criação das participantes com os resultados das dimensões do EMBU. Em relação às condições materiais disponíveis durante a infância obtivemos correlação positiva entre estas e as dimensões calor emocional do pai e calor emocional da mãe. Deste modo, quanto melhores as condições materiais durante a infância, mais lembranças de calor emocional do pai ($\rho = 0,357$, $p<0,01$) e de calor emocional da mãe ($\rho = 0,429$, $p<0,01$).

Quanto ao clima emocional durante a infância, quanto melhor o clima, ou seja, quanto mais tranquilo, menos as participantes tinham lembranças de rejeição por parte do pai ($\rho = -0,461$, $p < 0,01$). Além disso, o clima durante a infância se correlacionou às lembranças de calor emocional tanto do pai quanto da mãe. Assim, quanto mais tranquilo foi o clima de criação, mais as respondentes tinham lembranças de calor emocional do pai ($\rho = 0,561$, $p < 0,01$) e de calor emocional da mãe ($\rho = 0,257$, $p < 0,05$).

A avaliação da relação conjugal dos pais durante a infância se correlacionou com as dimensões do EMBU, com exceção apenas da super-proteção do pai e super-proteção da mãe, as quais não se correlacionaram com nenhuma questão do contexto de criação. Assim, obteve-se: quanto mais feliz a relação conjugal dos pais foi percebida durante a infância, menos lembranças de rejeição por parte do pai ($\rho = -0,339$, $p < 0,01$) e por parte da mãe ($\rho = -0,286$, $p < 0,05$), bem como, mais lembranças de calor emocional do pai ($\rho = 0,537$, $p < 0,01$) e da mãe ($\rho = 0,302$, $p < 0,05$) foram pontuadas pelas participantes.

Já em termos de conflitos conjugais entre os pais, as correlações ficaram apenas entre as dimensões paternas do EMBU. Deste modo, quanto mais conflitos na relação dos pais, menos lembranças de calor emocional por parte do pai ($\rho = -0,501$, $p < 0,01$) e mais memórias de rejeição paterna ($\rho = 0,370$, $p < 0,01$) foram percebidas.

Tabela 15: Correlações entre as dimensões do EMBU e as variáveis: condições materiais, clima, relação conjugal dos pais e conflitos entre os pais da respondente durante a infância.

Variáveis	Rejeição Pai	Calor Emocional Pai	Super-proteção Pai	Rejeição Mãe	Calor Emocional Mãe	Super-proteção Mãe
Condições materiais	-0,243	0,357**	0,063	-0,227	0,429**	0,006
Ambiente (clima)	-0,461**	0,561**	-0,203	-0,220	0,257*	-0,139
Relação conjugal dos pais	-0,339**	0,537**	-0,091	-0,286*	0,302*	-0,184
Conflitos entre os pais	0,370**	-0,501**	0,115	0,245	-0,235	0,143

* $p < 0,05$

** $p < 0,01$

5.3.3 Dimensões do EMBU e Conflitos entre a Respondente e o Pai, Conflitos entre a Respondente e a Mãe, Afetividade do Pai e Afetividade da Mãe

Na análise entre conflitos entre a respondente e o pai, conflitos entre a respondente e a mãe, afetividade do pai, afetividade da mãe com as dimensões do EMBU, a única dimensão que não teve correlação com as questões acima foi super-proteção do pai.

A questão sobre conflitos com o pai correlacionou-se com as dimensões paternas de rejeição e calor emocional, nas quais mais conflitos entre a respondente e o pai implicaram em mais lembranças de rejeição por parte pai ($\rho=0,480$, $p < 0,01$) e menos lembranças de calor emocional por parte do pai ($\rho=-0,519$, $p < 0,01$).

A lembrança de conflitos entre a respondente e a mãe teve correlação todas as demais dimensões, exceto super-proteção do pai. Quanto mais conflitos com a mãe durante a infância, mais lembranças de rejeição por parte do pai ($\rho=0,362$, $p < 0,01$) e por parte da mãe ($\rho=0,616$, $p < 0,01$). Mais lembranças de conflitos com a mãe também implicaram em mais lembranças de super-proteção da mãe ($\rho=0,315$, $p < 0,05$). Ao contrário do calor emocional, com a qual a correlação foi negativa: quanto mais conflitos entre a respondente e a mãe, menos lembrança de calor emocional por parte da mãe ($\rho=-0,422$, $p < 0,01$) e por parte do pai ($\rho=-0,304$, $p < 0,05$) foi percebido durante a infância.

A afetividade do pai na infância da respondente teve correlação negativa com lembranças de rejeição do pai e positiva com calor emocional do pai e da mãe. Desta maneira, quanto mais afetuosa foi a atitude do pai na infância, menos as participantes tiveram lembranças de rejeição do pai ($\rho=-0,510$, $p < 0,01$) e mais tiveram lembranças de calor emocional do pai ($\rho=0,723$, $p < 0,01$) e da mãe ($\rho=0,359$, $p < 0,01$).

No que diz respeito à lembrança de afetividade da mãe para com a participante teve correlação positiva com lembrança de calor emocional tanto do pai quanto da mãe: quanto mais afetuosa a mãe foi lembrada, mais memórias de calor emocional da mãe ($\rho=0,678$, $p < 0,01$) e do pai ($\rho=0,530$, $p < 0,01$) as participantes tiveram. As dimensões rejeição paterna e materna tiveram correlações negativas com o afeto por parte da mãe: quanto mais afetuosa foi a atitude da mãe na infância das respondentes, menos elas tiveram lembranças de rejeição por parte da mãe ($\rho=-0,578$, $p < 0,01$) e por parte do pai ($\rho=-0,396$, $p < 0,01$).

Tabela 16: Correlações entre as dimensões do EMBU e as variáveis: conflitos entre a respondente e o pai, conflitos entre a respondente e a mãe, atitude afetiva do pai e atitude afetiva da mãe durante a infância.

Variáveis	Rejeição Pai	Calor Emocional Pai	Super-proteção Pai	Rejeição Mãe	Calor Emocional Mãe	Super-proteção Mãe
Conflitos com o pai	0,480**	-0,519**	0,057	0,101	-0,132	-0,035
Conflitos com a mãe	0,362**	-0,304*	0,192	0,616**	-0,422**	0,315*
Afetividade do pai	-0,510**	0,723**	0,167	-0,103	0,359**	0,253
Afetividade da mãe	-0,396**	0,530**	0,053	-0,578**	0,678**	0,003

* p<0,05

** p<0,01

5.4 Correlações entre Práticas Educativas Parentais e Memórias de Cuidados na Infância – Grupo Mães

Com a finalidade de respaldar o objetivo e interesse principal deste estudo, ou seja, verificar a relação entre as memórias de cuidados recebidos na infância e as práticas educativas parentais, foram correlacionados os resultados dos instrumentos IEP e EMBU, mais especificamente as dimensões resultantes do aferimento de ambos.

A análise destes resultados apontou a relevância das memórias referentes às atitudes paternas no comportamento parental atual das participantes com seus filhos. Assim, memórias de rejeição paterna apresentaram correlação com monitoria positiva, punição inconsistente e a prática do abuso físico. Observou-se que quanto mais lembranças de rejeição as participantes tiveram por parte do pai na infância, menos utilizam a monitoria positiva com seus filhos ($\rho=-0,269$, $p< 0,05$) e mais observa-se a presença da punição inconsistente ($\rho=0,267$, $p< 0,05$) e do abuso físico nas práticas educativas ($\rho=0,309$, $p< 0,05$).

Contudo, parece que o calor emocional do pai na infância é um fator de proteção para os filhos destas mães, pois quanto mais calor emocional do pai foi lembrado na criação das participantes, mais estas fazem uso da monitoria positiva na educação de seus filhos ($\rho=0,266$, $p<0,05$). Além disso, mais calor emocional do pai na infância, também está

relacionado a menos a punição inconsistente ($\rho=-0,314$, $p < 0,05$) e menos abuso físico com seus filhos ($\rho=-0,381$, $p < 0,05$).

Em relação às lembranças de cuidado por parte da mãe, a única correlação encontrada nesta amostra de mulheres foi a dimensão calor emocional da mãe, a qual teve, como no caso do calor emocional do pai, uma relação inversa com a prática do abuso físico. Assim, quanto mais calor emocional da mãe é lembrado na infância, e a menos o abuso físico é utilizado enquanto prática educativa ($\rho=-0,337$, $p < 0,05$).

Tabela 17: Correlações entre as dimensões do EMBU e as dimensões do IEP no grupo de mães.

Variáveis	Rejeição Pai	Calor Emocional Pai	Super-proteção Pai	Rejeição Mãe	Calor Emocional Mãe	Super-proteção Mãe
Monitoria Positiva	-0,269*	0,266*	-0,002	-0,020	0,019	0,056
Comportamento Moral	-0,166	0,247	0,125	-0,023	0,141	0,155
Punição Inconsistente	0,267*	-0,314*	0,099	0,137	-0,189	0,073
Negligência	0,198	-0,182	-0,116	0,146	-0,107	-0,030
Disciplina Relaxada	0,136	-0,063	-0,118	0,010	-0,061	-0,131
Monitoria Negativa	0,160	-0,071	0,254	-0,166	0,020	0,077
Abuso Físico	0,309*	-0,381**	0,092	0,147	-0,337**	0,102

* $p < 0,05$

** $p < 0,01$

Na seqüência serão apresentados os resultados obtidos através da amostra de pais, que apesar do pequeno número de participantes ($n=20$), quando comparado ao grupo de mães, revela-se com dados peculiares que valem ser apresentados e discutidos.

5.5 Contexto de Criação - Grupo Pais

5.5.1 Local de Criação e Presença dos Pais Biológicos

Os dados referentes às condições de criação da amostra de pais revelou que 12 foram criados na zona urbana e 8 na zona rural. Sobre a conformação familiar, verificamos que, quase a totalidade dos participantes, ou seja, 17 pais, não presenciaram situação de separação ou divórcio dos pais e nem mesmo morte de um dos cuidadores, pois apenas 3 respondentes o relataram quando tinham mais de 11 anos de idade (1 participante perdeu a mãe, 1 o pai e 1 ambos).

5.5.2 Principal Cuidador

Os participantes mencionaram que foram criados principalmente pelos pais biológicos. Ao analisar esta questão conforme as diferentes faixas etárias têm-se os seguintes resultados: até os 6 anos de idade, 17 pais responderam que seus pais biológicos foram os principais cuidadores, 1 participante relatou que foram os pais e a avó, 1 mencionou a mãe biológica e igualmente 1 pai fez menção dos avós.

Entre os 7 e 11 anos, 18 participantes relataram que foram criados pelos pais biológicos, 1 relatou que o foi pela mãe biológica e da mesma forma 1 mencionou os avós. Acima dos 11 anos, 18 pais relataram que os pais biológicos foram os principais cuidadores e 1 participante mencionou a avó e 1 pai não respondeu esta questão.

Através da figura 11 pode-se constatar que os pais biológicos foram as pessoas mais presentes no contexto de criação dos participantes nas diferentes faixas etárias. Dado que também apareceu quando questionados os respondentes foram questionados sobre a pessoa mais importante que cuidou deles durante a infância e adolescência. Neste sentido, 8 disseram que os pais biológicos foram as pessoas mais importantes, 7 que a mãe foi a pessoa mais importante, 2 mencionaram o pai biológico, 1 disse que foram os pais e os avós, 1 mencionou os avós e 1 relatou que a avó foi a pessoa mais importante na sua criação (Figura 12).

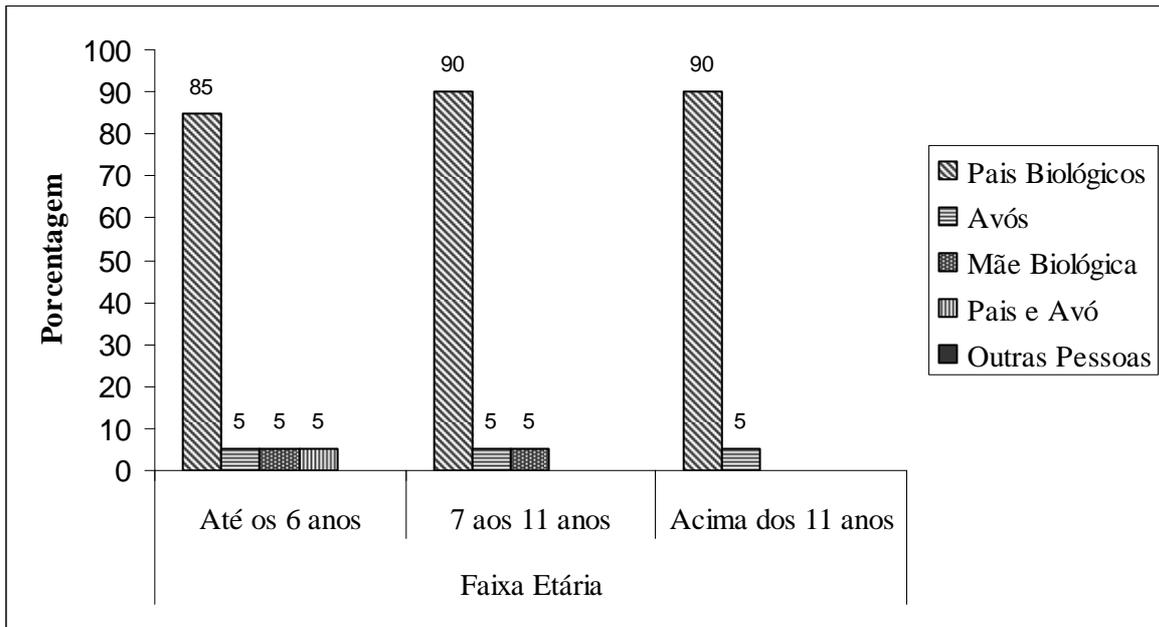


Figura 11: Porcentagem referente ao principal cuidador apontado pelos pais nas diferentes faixas etárias

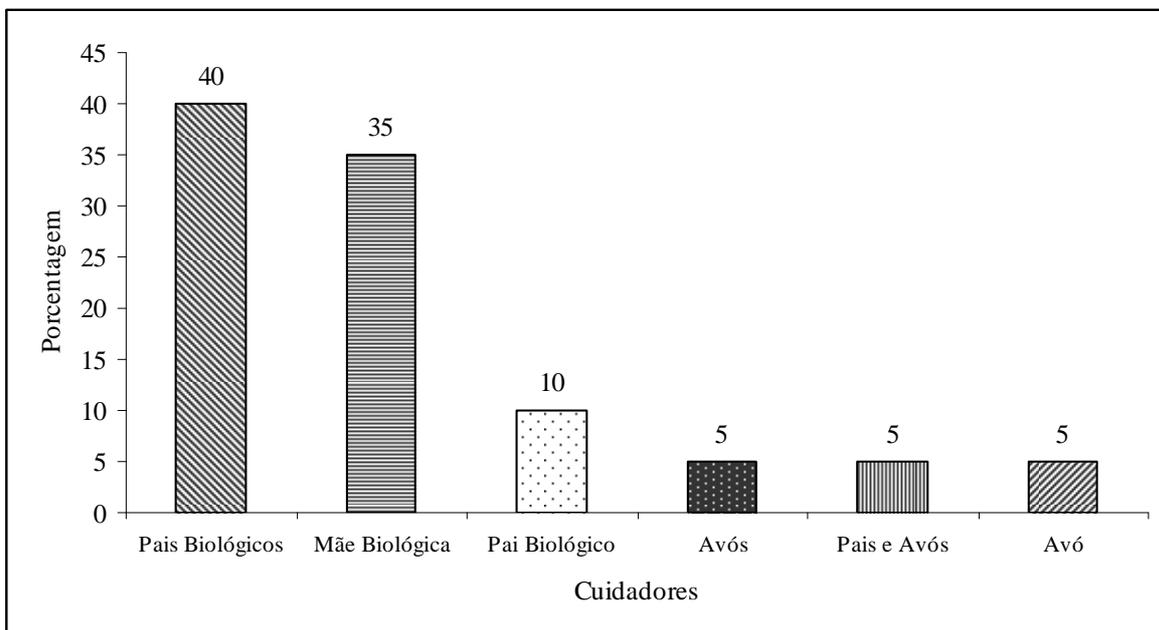


Figura 12: Porcentagem referente à pessoa citada como a mais importante nos cuidados durante a infância e juventude no grupo de pais.

5.5.3 Ambiente Familiar

Os participantes tiveram que avaliar o ambiente familiar, tanto em relação às condições materiais, quanto ao clima entre os membros da família durante a infância e adolescência. Na primeira, 8 participantes relataram que as condições materiais eram medianas, 6 citaram que viviam bem, 5 que viviam muito bem e apenas 1 relatou que passou necessidade. Quanto ao clima emocional da família tivemos: 9 respondentes que avaliaram-no como tranquilo, 7 como muito tranquilo, 3 como médio e 1 pai avaliou o clima familiar como tumultuado.

Os integrantes deste grupo também responderam duas questões sobre o relacionamento conjugal dos seus pais na época em que eram crianças e 9 relacionou-o como muito feliz, 8 como feliz, 1 avaliou como sendo médio e 2 relataram que o relação conjugal dos seus pais era infeliz. Do mesmo modo, em relação aos conflitos entre os pais: 9 que referiram que não era nada conflituoso, 6 que era pouco conflituoso, 4 médio e apenas 1 participante avaliou como conflituoso este relacionamento.

Os participantes da pesquisa também foram questionados quanto ao comportamento do pai e da mãe separadamente em termos de conflitos e afeto. Quanto aos conflitos entre o respondente e seu pai, 9 disseram que não era nada conflituoso, 7 pouco conflituoso, 2 médio e também 2 como conflituoso. Em relação à mãe, os resultados foram ainda melhores: 13 avaliaram a relação com a mãe como nada conflituosa, 5 como pouco conflituosa, 1 como conflituosa e também 1, como extremamente conflituosa.

Sobre a atitude do pai e da mãe com relação ao afeto, os resultados em relação ao pai foram: 9 citaram que o pai era afetuoso, 6 que era extremamente afetuoso, 4 avaliaram que a atitude do pai em termos de afeto era mediana e 1 admitiu que o seu pai era pouco afetuoso. Sobre a atitude da mãe 10 participantes avaliaram que a mãe era extremamente afetuosa, 8 que ela era afetuosa, 1 a avaliação ficou no nível médio e 1 também citou que a mãe era pouco afetuosa.

5.6 Resultados Inventário de Estilos Parentais - Grupo Pais

Cada participante teve que apontar o filho sobre o qual responderia o Inventário de Estilos Parentais. Assim, a média de idade foi 15 anos e 4 meses, sendo 10 do sexo masculino e 9 do feminino. Apenas um respondente não mencionou a idade e sexo do filho sobre o qual respondeu este inventário.

O resultado geral da aplicação deste inventário pode ser visualizado na tabela 18, na qual se pode constatar que as práticas positivas: monitoria positiva e comportamento moral atingiram a pontuação máxima (12 pontos), sendo também 12, a moda na dimensão comportamento moral. O escore máximo em monitoria negativa também foi alto (10 pontos) sabendo-se que está é uma prática negativa, apesar da mediana e moda se constituírem em valores menores. A pontuação mais baixa entre as categorias foi na dimensão abuso físico, sendo a pontuação máxima 5 e a mediana e moda zero, o que indica baixa utilização desta prática entre os pais.

Tabela 18: Mediana, moda e escore máximo e mínimo das práticas educativas paternas.

Práticas Educativas	Monitoria Positiva	Comportamento Moral	Punição Inconsistente	Negligência	Disciplina Relaxada	Monitoria Negativa	Abuso Físico
Mediana	11	10,5	2	4	2	6,5	0
Moda	11	12	1	4	0	4*	0
Mínimo	5	7	0	1	0	3	0
Máximo	12	12	5	9	6	10	5

* Múltiplas modas. É mostrada a menor.

Utilizou-se a *ANOVA de Friedman* para avaliar se as diferenças entre os escores em cada dimensão do IEP eram significativas. Conforme o teste ($\chi^2=99,21$; gl=6; $p<0.01$), o comportamento moral obteve maior escore, seguido pela monitoria positiva, monitoria negativa, negligência, disciplina relaxada, punição inconsistente e por final, o abuso físico, com o menor escore.

Na prática Comportamento Moral 7 pais fizeram a pontuação máxima de 12 pontos, 3 fizeram 11 pontos (ambas correspondem ao estilo parental ótimo). 8 participantes ficaram no estilo parental regular, acima da média: 6 (com 10 pontos) e 2 com (9 pontos), e 2 pais fizeram 7 pontos (regular, abaixo da média). Nenhum pai se enquadrou na área de risco para o filho. Como é possível perceber, esta dimensão foi a que apresentou maiores pontuações e também teve uma dispersão que variou entre os maiores resultados: 7 a 12 pontos.

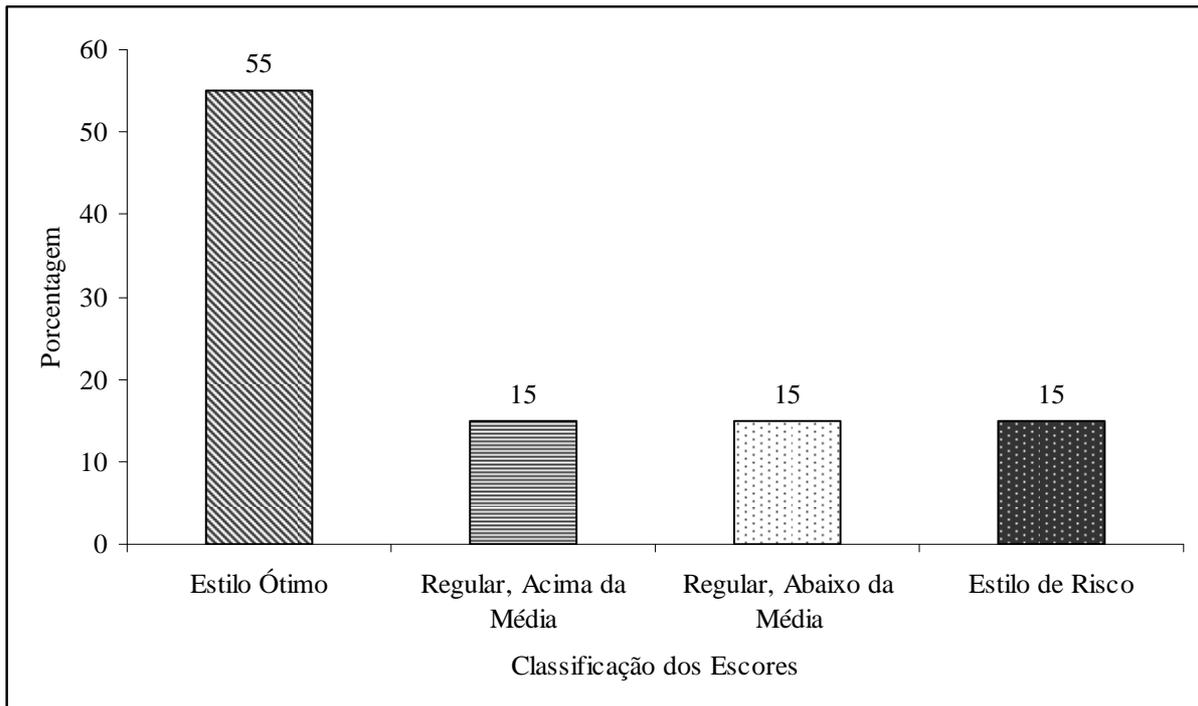


Figura 13: Porcentagem referente aos resultados da prática comportamento moral no grupo de pais.

Na Monitoria Positiva, a segunda mais alta pontuação de acordo com o *ANOVA de Friedman*. Entre os resultados: 4 pais fizeram 12 pontos e 7 somaram 11 pontos (estilo parental ótimo). 3 participantes pontuaram 10 (faixa regular, acima da média), também 3 fizeram 9 pontos (regular, abaixo da média) e 1 fez 7 pontos (também regular, abaixo da média). As pontuações 6 e 5 pontos foram obtidas cada qual, igualmente por 1 participante, sendo as pontuações abaixo de 7 representativas do estilo parental de risco, 2 pais ficaram dentro desta categoria.

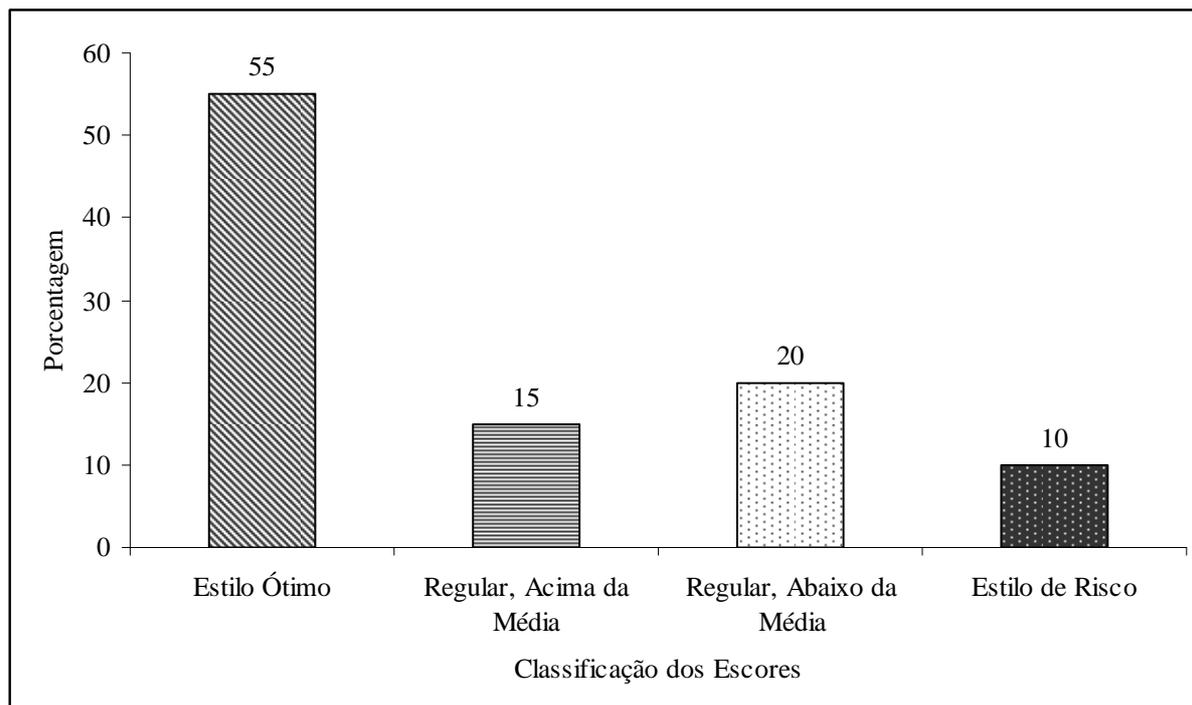


Figura 14: Porcentagem referente aos resultados da prática monitoria positiva no grupo de pais.

Nas práticas negativas os resultados ficaram da seguinte forma: A dimensão Monitoria Negativa, a mais alta entre as práticas negativas, teve pontuações que variaram entre 3 (regular, acima da média) e 10 pontos (estilo de risco). Resultados estes que ficaram bastante dispersos: 5 pais ficaram no estilo regular, acima da média: 1 (3 pontos) e 4 (4 pontos), 5 ficaram no estilo regular, abaixo da média: 3 respondentes obtiveram 5 pontos e 2 pais fizeram 6. O grupo de risco somou 10 participantes: 2 (7 pontos), 4 (8 pontos), 2 (9 pontos) e 2 (10 pontos). Na figura 15 pode-se observar esta distribuição dos resultados, verificando-se que a maior parte da amostra deste grupo se enquadrou na área de risco e nenhum pai teve pontuação condizente ao estilo parental ótimo:

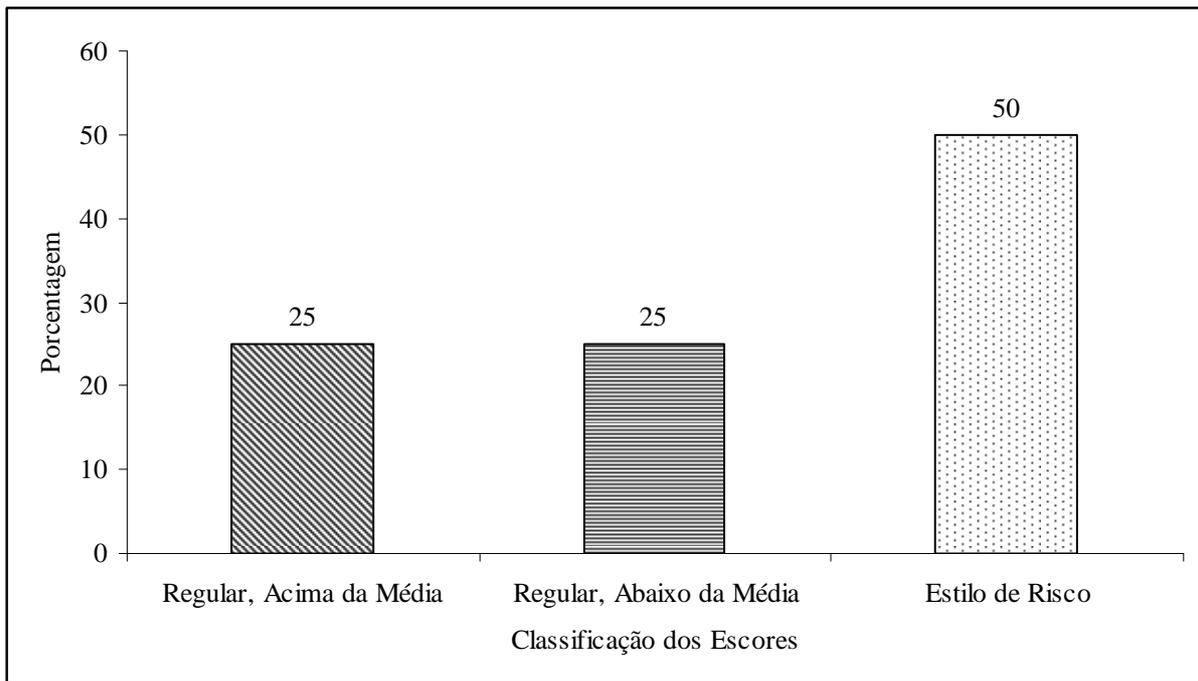


Figura 15: Porcentagem referente aos resultados da prática monitoria negativa no grupo de pais.

Com relação à utilização da Negligência os escores tiveram uma variação de zero a 9 pontos. Os resultados ficaram da seguinte maneira: 2 respondentes fizeram 1 ponto (estilo ótimo), 4 que fizeram 2 pontos (regular, acima da média), 9 ficaram na categoria regular, abaixo da média: 2 (3 pontos) e 7 (4 pontos). Dentro do estilo parental de risco para esta prática educativa teve-se 5 pais: 1 pai (5 pontos), 1 (6 pontos), 1 (8 pontos) e 2 (9 pontos). Resultados que são visualizados na figura 16:

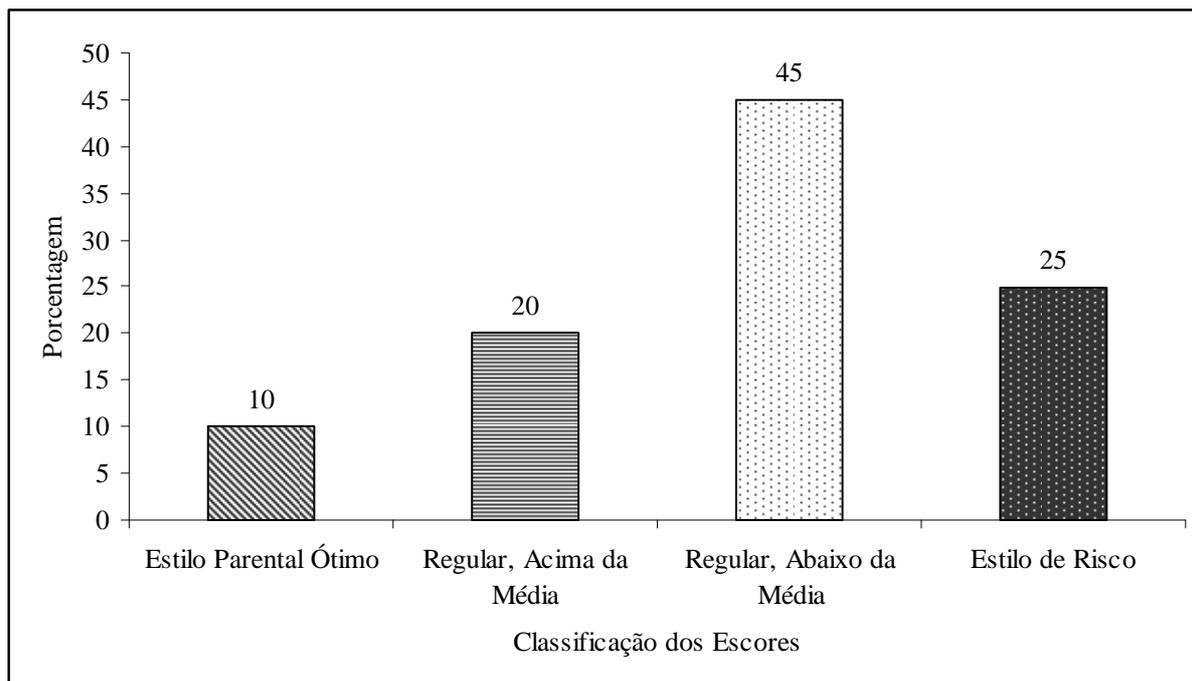


Figura 16: Porcentagem referente aos resultados da prática negligência no grupo de pais.

Na Disciplina Relaxada a mediana foi 2 e a moda foi zero, sendo 6 a pontuação máxima. 9 pais ficaram no estilo parental ótimo dentre: 5 pais pontuaram zero e 4 fizeram 1 ponto. 3 respondentes se enquadraram no estilo regular, acima da média, obtendo 2 pontos. No estilo regular, abaixo da média para esta prática ficaram 5 participantes: 3 com 3 pontos e 2 com 4 pontos. Apenas 3 pais se situaram na área de risco parental, 2 com 6 pontos e 1 que obteve 5 pontos.

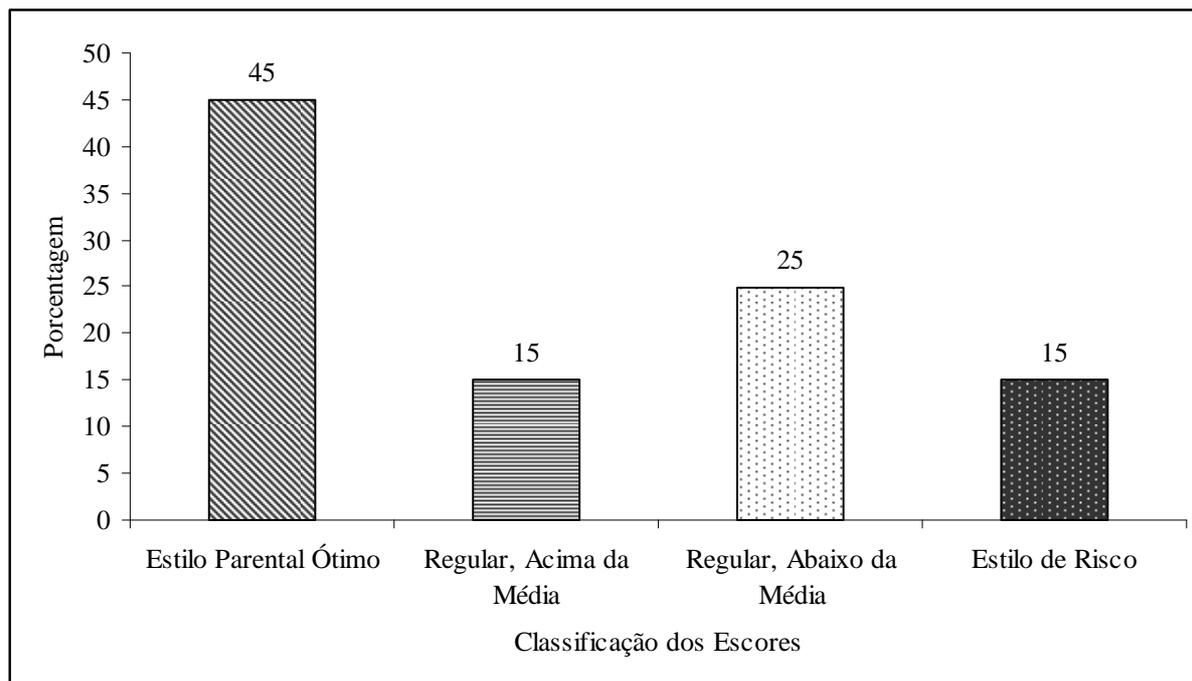


Figura 17: Porcentagem referente aos resultados da prática disciplina relaxada no grupo de pais.

Com relação à prática Punição Inconsistente a variação de escores foi entre zero e 5 pontos, sendo a mediana e moda respectivamente 2 e 1. Nesta prática educativa, 9 pais ficaram no estilo parental ótimo: 2 que tiveram o somatório igual a zero e 7 que fizeram apenas 1 ponto. 6 respondentes se situaram no estilo regular, acima da média: 2 pais (2 pontos) e 4 fizeram 3 pontos. A categoria regular, abaixo da média, teve 4 participantes, que fizeram 4 pontos. A pontuação máxima neste grupo foi 5, resultado obtido por 1 participante, que se enquadrou no estilo parental de risco referente a esta prática educativa.

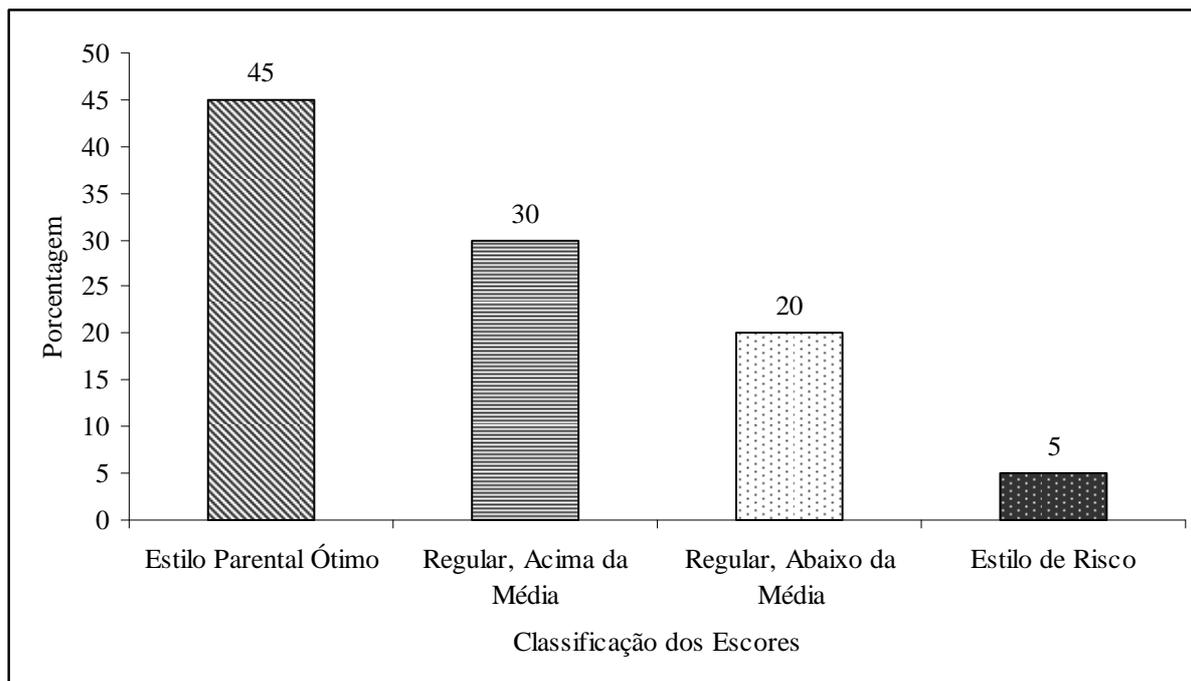


Figura 18: Porcentagem referente aos resultados da prática punição inconsistente no grupo de pais.

A dimensão Abuso Físico foi a de menor escore entre todas as práticas, sendo a modo e a mediana zero. Os seus resultados ficaram da seguinte forma: a maioria dos pais (15) fez uma pontuação igual a zero (estilo parental ótimo). 1 pai fez um ponto e ficou na faixa regular, abaixo da média. Os 4 demais participantes com mais de 2 pontos, se enquadram dentro da área de risco: 1 pai (2 pontos), 1 com 4 pontos e 2 participantes que obtiveram 5 pontos. Deste modo, estes resultados tiveram a seguinte conformação:

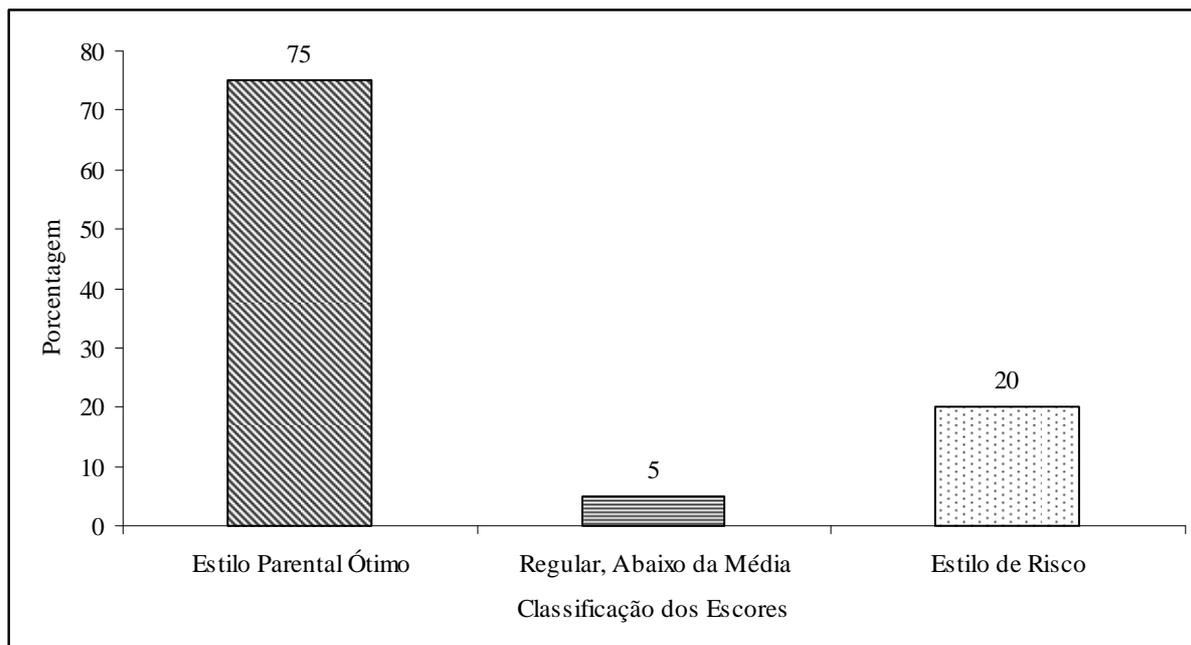


Figura 19: Porcentagem referente aos resultados da prática abuso físico no grupo de pais.

Foi calculado também o Índice de Estilo Parental da amostra, bem como, foi realizada a conversão destes em percentuais conforme Gomide (2006). Deste modo, observou-se que 7 pais obtiveram um percentual entre 80 a 99, o que indica um estilo parental ótimo, com presença marcante das práticas positivas em detrimento das negativas, 5 pais ficaram com percentuais entre 55 e 75, indicativo de estilo parental regular, mas acima da média. Igualmente, 5 participantes tiveram percentuais entre 30 e 50, correspondente a estilo regular abaixo da média. No qual Gomide (2006) alerta para a importância da participação em grupos para treinamento de pais. E por fim, o percentual de risco (1-25) foi caracterizado por 3 participantes, que segundo Gomide (2006) necessitam de programas de intervenção terapêutica destinados a pais com dificuldades nas práticas educativas.

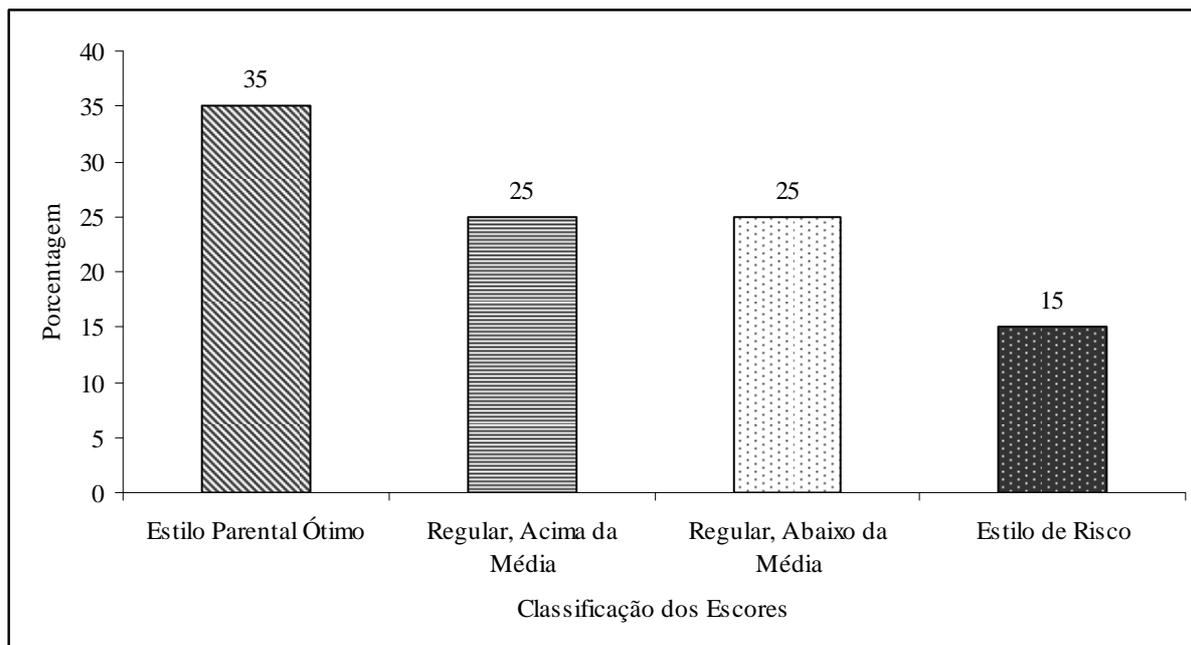


Figura 20: Distribuição em porcentagem do índice de estilo parental do grupo de pais.

Constata-se a partir dos resultados acima relatados, que os pais investigados neste estudo, em todas as práticas educativas, com exceção da monitoria negativa e negligência, tiveram suas práticas com mais freqüência dentro de estilo parental ótimo. As diferenças nos resultados da monitoria negativa e negligência refletiram no índice de estilo parental, que embora com freqüência estivesse no estilo parental ótimo, ficou disperso entre as quatro classificações.

5.6.1 Dimensões do IEP e Variáveis de Caracterização da Amostra

Através do teste *Mann-Whitney* foram comparadas as dimensões do IEP às variáveis dicotômicas de caracterização da amostra. Todas as variáveis passíveis de comparação neste teste foram analisadas, entretanto encontramos uma diferença significativa com relação ao sexo do filho ($U=15,5$; $p<0,05$). Assim, pais utilizam mais punição inconsistente com seus filhos do sexo masculino. Lembra-se que a punição inconsistente ou não contingente condiz à utilização da punição não em relação ao comportamento do filho, mas a partir do estado emocional do pai ou da mãe. Gomide (2003) exemplifica esta prática utilizando a seguinte situação: um pai que ao chegar em casa com raiva, bate em seu filho,

independente do que este esteja fazendo e adverte que através deste comportamento a criança aprende a discriminar o humor do pai e não o ato praticado.

Tabela 19: Comparação entre dimensões do IEP e a variável sexo do filho no grupo de pais:

Dimensões IEP	Sexo do Filho	N	Mean Rank (posto médio)	Sum of Ranks (Somatório dos ranks)
Monitoria Positiva	Masculino	10	10,85	108,50
	Feminino	09	9,06	81,50
Comportamento Moral	Masculino	10	10,15	101,50
	Feminino	09	9,83	88,50
Punição Inconsistente*	Masculino	10	12,95	129,50
	Feminino	09	6,72	60,50
Negligência	Masculino	10	11,55	112,50
	Feminino	09	8,61	77,50
Disciplina Relaxada	Masculino	10	11,55	115,50
	Feminino	09	8,28	74,50
Monitoria Negativa	Masculino	10	12,10	121,00
	Feminino	09	7,67	69,00
Abuso Físico	Masculino	10	11,00	110,00
	Feminino	09	8,89	80,00

Dimensão que variou conforme sexo do filho.

Na seqüência são apresentados os resultados obtidos através do teste de correlação (*ρ* de Spearman) entre as dimensões do IEP e as variáveis ordinais no grupo pais:

5.6.2 Correlações entre as Dimensões do IEP

As correlações entre as dimensões do IEP foram um pouco diferentes dos resultados da amostra de mães: as correlações que foram semelhantes entre os dois grupos foram: correlação positiva entre monitoria positiva e comportamento moral ($\rho=0,660$, $p < 0,01$); entre disciplina relaxada e punição inconsistente ($\rho=0,452$, $p < 0,05$); entre disciplina relaxada e negligência ($\rho=0,489$, $p < 0,05$); e entre monitoria negativa e abuso físico ($\rho=0,485$, $p < 0,05$).

Entretanto, constatou-se também neste grupo a correlação positiva entre monitoria positiva e monitoria negativa, ou seja, quanto maior o escore em monitoria positiva, maior também em monitoria negativa ($\rho=0,533$, $p< 0,05$).

Tabela 20: Correlações entre as dimensões do IEP no grupo de pais:

Variáveis	1.	2.	3.	4.	5.	6.
1. Monitoria Positiva						
2. Comportamento Moral	0,660**					
3. Punição Inconsistente	-0,21	-0,056				
4. Negligência	-0,416	0,030	0,291			
5. Disciplina Relaxada	-0,330	-0,147	0,452*	0,489*		
6. Monitoria Negativa	0,533*	0,328	0,441	-0,161	0,047	
7. Abuso Físico	-0,019	0,234	0,256	0,320	0,180	0,485*

* $p<0,05$

** $p<0,01$

5.6.3 Dimensões IEP e Escolaridade do Pai

Foram correlacionadas as idades dos participantes, a idades dos filhos e escolaridade com as práticas educativas aferidas pelo IEP. Como no grupo de mães, a correlação com escolaridade também foi observada, entretanto, diferente daquele grupo, entre os pais encontrou-se uma correlação com abuso físico, onde maior escolaridade implica em menor utilização do abuso físico na educação dos filhos ($\rho=-0,518$, $p< 0,05$).

5.6.4 Dimensões IEP e Condições Materiais, Clima, Relação Conjugal e Conflitos entre os Pais Durante a Infância dos Participantes

A partir das correlações entre os resultados do IEP com o contexto de criação na infância: condições materiais, clima emocional, relação conjugal dos pais e conflitos entre os pais dos respondentes obteve-se: quanto melhores condições materiais disponíveis na infância, mais os pais utilizam a monitoria positiva ($\rho=0,574$; $p<0,01$) e o comportamento moral ($\rho=0,622$; $p<0,01$) na prática educativa com seus filhos.

As demais correlações não deram resultados estatisticamente significantes, como pode ser visto na tabela 22:

Tabela 21: Correlações entre as dimensões do IEP e as variáveis: condições materiais, clima, relação conjugal dos pais e conflitos entre os pais dos participantes durante a infância.

Variáveis	Monitoria Positiva	Comportamento Moral	Punição Inconsistente	Negligência	Disciplina Relaxada	Monitoria Negativa	Abuso Físico
Condições materiais	0,574**	0,622**	-0,145	-0,060	-0,232	0,203	0,431
Ambiente (clima)	0,351	0,042	0,133	-0,085	0,212	-0,029	-0,085
Relação conjugal dos pais	0,077	0,197	-0,040	0,00	-0,054	-0,183	0,069
Conflitos entre os pais	-0,246	-0,225	0,147	0,099	0,141	-0,035	-0,082

* $p<0,05$

** $p<0,01$

5.6.5 Dimensões IEP e Conflitos com o Pai, Conflitos com a Mãe, Afetividade do Pai e Afetividade da Mãe

Foram correlacionadas as questões do contexto de criação: conflitos com o pai, conflitos com a mãe, afetividade do pai e afetividade da mãe com as práticas educativas do IEP. Nestas questões da infância, as pontuações eram de 1 a 5 e quanto mais alto o valor mais conflitos e mais afeto estavam presentes.

Assim, obtiveram-se os seguintes resultados: quanto mais os participantes tiveram lembranças de conflitos com seus pais durante a infância, mais eles utilizam a monitoria negativa como prática educativa atual ($\rho=0,468$; $p<0,05$). Por outro lado, nenhuma relação foi encontrada entre as dimensões do IEP e as memórias de conflitos com a mãe.

A lembrança de afeto por parte do pai nos homens implicou na maior utilização de práticas educativas positivas com seus filhos. Quanto mais afetuosa foi a relação com seu pai, mais o filho utiliza a monitoria positiva ($\rho=0,549$; $p<0,05$) e o comportamento moral ($\rho=0,629$; $p<0,01$) na sua interação parental quando adulto.

Um dado controverso foi encontrado em relação a lembrança da afetividade da mãe, que se correlacionou com as práticas negligência ($\rho=0,709$; $p<0,01$) e abuso físico ($\rho=0,548$; $p<0,05$).

Tabela 22: Correlações entre as dimensões do IEP e as variáveis: conflitos entre o respondente e o pai, conflitos com a mãe, afetividade do pai e afetividade da mãe - grupo pais.

Variáveis	Monitoria Positiva	Comportamento Moral	Punição Inconsistente	Negligência	Disciplina Relaxada	Monitoria Negativa	Abuso Físico
Conflitos com o pai	-0,024	-0,228	0,184	0,122	0,030	0,468*	0,055
Conflitos com a mãe	-0,172	-0,394	-0,327	0,074	-0,179	0,221	0,063
Afetividade do pai	0,549*	0,629**	-0,322	-0,251	-0,040	0,054	0,025
Afetividade da mãe	-0,033	0,387	0,093	0,709**	0,359	-0,031	0,548*

* $p<0,05$

** $p<0,01$

5.7 Resultados EMBU – Grupo Pais

A síntese dos resultados obtidos através da aplicação do EMBU no grupo pais pode ser observada na tabela 24, na qual são apresentadas as medidas de tendência central mediana e moda, bem como a pontuação mínima e máxima em cada dimensão:

Tabela 23: Mediana, moda e escore máximo e mínimo para cada dimensão do EMBU no grupo de pais

Dimensões EMBU	Rejeição Pai	Calor Emocional Pai	Super-proteção Pai	Rejeição Mãe	Calor Emocional Mãe	Super-proteção Mãe
Mediana	1,28	2,92	2	1,28	3,33	2,11
Moda	1,14(a)	2,83	2,11	1,14	2,67(a)	2,22
Mínimo	1	1,64	1,22	1	2	1,44
Máximo	2	3,67	2,78	2,57	4	3,11

(a) Múltiplas modas existentes. É mostrada a menor

Pode-se constatar que as dimensões calor emocional da mãe e calor emocional do pai foram as que obtiveram maior pontuação, tanto quando se verifica a mediana e moda, quanto no valor máximo obtido em cada uma destas dimensões. Nas dimensões rejeição do pai e calor emocional da mãe são verificadas múltiplas modas, o que neste caso, indica que esta não é a medida mais adequada.

Contudo, a fim de a existência de diferenças estatisticamente significantes entre os escores de cada dimensão foi utilizado o *ANOVA de Friedman*, que confirmou as diferenças entre os escores ($\chi^2=80,45$; $gl=5$; $p<0.01$). Deste modo, Calor Emocional da Mãe obteve o maior escore, seguido por Calor Emocional do Pai, Super-proteção da Mãe, Super-proteção do Pai, Rejeição da Mãe, e por fim, Rejeição do Pai, dimensão de menor escore. Na tabela 25 é possível verificar o posto médio de cada dimensão, obtido com o *ANOVA de Friedman*:

Tabela 24: Postos médios de cada dimensão do EMBU do grupo pais:

Práticas Educativas	Mean Rank (Posto Médio)
Calor Emocional da Mãe	5,68
Calor Emocional do Pai	5,11
Super-proteção da Mãe	3,74
Super-proteção do Pai	3,13
Rejeição da Mãe	1,89
Rejeição do Pai	1,45

Foram realizados também, testes de correlações entre as medidas do EMBU e demais variáveis ordinais, entretanto não foram encontrados resultados significantes. As correlações entre as próprias dimensões do EMBU são apresentadas a seguir:

5.7.1 Correlações entre as Dimensões do EMBU

Com o auxílio do teste de correlação ρ de Spearman pode-se constatar a relação entre as memórias de calor emocional do pai e da mãe, bem como, das dimensões super-proteção pai e mãe. Desta maneira, quanto mais lembranças de calor emocional por parte do pai, mais lembranças de calor emocional por parte da mãe ($\rho=0,562$; $p<0,01$). Da mesma forma, quanto mais lembranças de super-proteção por parte do pai, mais lembranças de super-proteção por parte da mãe ($\rho=0,711$; $p<0,01$).

A dimensão super-proteção por parte do pai também se correlacionou com calor emocional do pai, onde mais memórias de super-proteção do pai implicaram também em maior calor emocional por parte do pai ($\rho=0,512$; $p<0,05$). Resultados que não são contraditórios, pois a dimensão calor emocional está relacionada com demonstração afeto e carinho por parte dos pais, enquanto super-proteção, de acordo com as questões do inventário, está ligada à preocupação e controle excessivo em relação aos filhos.

Tabela 25: Correlações entre as dimensões do EMBU no grupo de pais:

Variáveis	1.	2.	3.	4.	5.
1. Rejeição Pai					
2. Calor Emocional Pai	-0,034				
3. Super-proteção Pai	0,112	0,512*			
4. Rejeição Mãe	0,223	0,093	0,132		
5. Calor Emocional Mãe	0,251	0,562**	0,420	0,053	
6. Super-proteção Mãe	-0,273	0,348	0,711**	0,387	0,361

* $p<0,05$

** $p<0,01$

Foram realizados testes de correlações entre o instrumento EMBU e as demais questões que também investigaram o contexto de criação. Entretanto, não foram encontrados resultados significativos do ponto de vista estatístico. Os resultados da correlação entre as práticas educativas (IEP) e as memórias da infância (EMBU) são apresentados a seguir:

5.8 Correlações entre Práticas Educativas Parentais e Memórias de Cuidado na Infância – Grupo Pais

Na correlação entre as práticas educativas do IEP e as dimensões do EMBU os resultados deste grupo foram diferentes dos encontrados no grupo mães. Constatou-se neste, a correlação positiva entre super-proteção por parte da mãe e utilização da disciplina relaxada com o filho (a), ou seja, quanto mais lembranças de super-proteção da mãe na infância, mais a disciplina relaxada é utilizada enquanto prática com seus filhos. A síntese dos resultados é apresentada na tabela 27:

Tabela 26: Correlações entre as dimensões do EMBU e as dimensões do IEP no grupo de pais.

Variáveis	Rejeição Pai	Calor Emocional Pai	Super-proteção Pai	Rejeição Mãe	Calor Emocional Mãe	Super-proteção Mãe
Monitoria Positiva	0,319	0,399	0,002	0,166	0,117	-0,162
Comportamento Moral	0,364	0,310	0,264	-0,021	0,080	0,150
Punição Inconsistente	-0,034	0,102	0,190	0,363	0,142	0,369
Negligência	-0,049	-0,296	-0,143	-0,233	0,038	0,121
Disciplina Relaxada	-0,220	-0,207	0,342	-0,050	0,109	0,469*
Monitoria Negativa	0,262	0,108	0,163	0,237	0,230	0,012
Abuso Físico	0,205	-0,101	0,178	0,242	0,228	0,366

* p<0,05

** p<0,01

6. DISCUSSÃO E CONCLUSÃO

Há muito se reconhece o papel dos progenitores no desenvolvimento infantil e diversos teóricos da psicologia advertem sobre a importância dos mesmos, entre os quais, estão Bolwby, Winnicott entre outros. Contudo, os resultados encontrados no presente estudo denotam o quão importante é a relação entre pais e filhos e o quanto ela pode implicar no comportamento parental futuro. Muitos resultados foram encontrados neste sentido e pode-se afirmar que existem relações entre práticas educativas parentais e memórias de cuidados na infância.

As memórias de cuidado na infância na amostra estudada apresentaram correlações com práticas educativas atuais, as quais serão discutidas em maior profundidade neste capítulo. Contudo, sabe-se das limitações deste estudo, especialmente no que diz respeito aos resultados encontrados a partir da amostra de pais, a qual foi constituída por número inferior ao esperado no planejamento inicial da pesquisa. Entretanto, optou-se aqui por discorrer os resultados dos dois grupos ao longo do texto, por facilitar a discussão dos resultados com a literatura da área.

Devido à diversidade de resultados encontrados a discussão será dividida em tópicos e inicialmente serão discutidos os resultados referentes às práticas educativas parentais, seguidas pelas memórias de cuidados na infância e finalmente a relação entre memórias de cuidados na infância e práticas educativas parentais.

6.1 Práticas Educativas Parentais

Através da identificação das práticas educativas utilizadas por mães e pais pôde-se constatar tanto no grupo de mães, quanto no de pais, índices altos nas práticas educativas positivas, denominadas monitoria positiva e comportamento moral. Práticas educativas positivas estão relacionadas de acordo com a literatura a conseqüências positivas nos filhos (Weber et al., 2003; Motta et al., 2006). Salvo et al. (2005) argumentam que através da monitoria positiva, caracterizada pelo real interesse e acompanhamento dos filhos, os pais demonstram afeto, são disponíveis e demonstram manifestações físicas de carinho e mantêm

contatos sociais com a criança, o que faz o filho sentir-se amado e protegido. Motta et al. (2006) encontraram relação entre práticas educativas positivas e comportamento de empatia nas crianças e Weber et al. (2003) investigaram a relação entre estilos parentais e otimismo na criança e encontraram correlação entre o estilo autoritativo e maiores escores de otimismo e a menores de passividade nos filhos.

Além disso, o comportamento moral, de acordo com Gomide (2003), não se refere apenas a comportamentos ligados à justiça e à moral, mas também ao comportamento empático, coerência dos pais, possibilidades de acertos e erros por parte da criança, com a adequada reflexão sobre seus atos. Daí sua importância no desenvolvimento de valores sobre o certo e errado, o respeito às regras e às outras pessoas.

O único fator divergente nos resultados entre pais e mães com relação aos escores das práticas positivas está na ordem em que as mesmas apareceram: mães apresentaram maior pontuação em monitoria positiva e pais tiveram o comportamento moral como prática com maior pontuação. Contudo, a moda da prática educativa comportamento moral foi em ambos os grupos igual a 12 pontos (Tabelas 6 e 19) e a moda em monitoria positiva foi diferente nos grupo (no grupo de mães foi 12 e no de pais a moda foi 11), o que provavelmente interferiu na ordem em que apareceram as práticas positivas nos dois grupos.

A terceira prática educativa com maior pontuação entre pais e mães foi a monitoria negativa (Tabelas 6 e 19). Contudo, mães tiveram principalmente, pontuações indicativas de estilo regular abaixo da média e de estilo de risco e no grupo pais a maioria ficou no estilo de risco. Resultados semelhantes foram encontrados por Carvalho e Gomide (2005), que entre outros resultados, constataram em uma amostra de 41 famílias de jovens em conflito com a lei, índices de monitoria negativa situados na faixa de risco.

A monitoria negativa é também denominada por Gomide (2004) por supervisão estressante e é caracterizada pela exagerada vigilância ou fiscalização dos pais em relação aos filhos responsável por uma interação hostil e irritadiça no convívio familiar. Este comportamento dos pais, conforme comenta Gomide, por sua vez reflete no comportamento dos filhos, que podem desenvolver repertórios de fuga e esquiva a supervisão e reclamação dos pais.

Com relação à utilização das práticas negativas de modo geral, os resultados das mães e alguns resultados dos pais apontam para a necessidade de programas de orientação na educação dos filhos. No grupo de mães os resultados das práticas disciplina relaxada, negligência, monitoria negativa e punição inconsistente, com maior frequência foram representativos de estilo regular abaixo da média (Figuras 7, 8, 9 e 10). No estudo de

Carvalho e Gomide (2005) a média das famílias em negligência e disciplina relaxada também ficaram no estilo regular abaixo da media. Contudo, o referido estudo investigou famílias de risco em uma amostra de adolescentes em conflito com a lei.

Gomide (2004) adverte que quando os pais relaxam no cumprimento das regras estão ensinando aos filhos o desrespeito às regras e à autoridade, desenvolvendo nas crianças insegurança sobre o que é certo e errado, sobre valores morais e éticos e sobre o respeito às pessoas. Efeitos negativos também são percebidos quando os pais agem de acordo com seu humor, como ocorre na punição inconsistente. Segundo Gomide, criança aprende a discriminar o humor dos pais e não o que é certo e o que é errado no seu comportamento, o que pode gerar frustrações na criança que não sabe como agir para agradar os pais, bem como, perda da autoridade parental, já que a criança percebe a instabilidade e passam a rejeitar as orientações dos pais.

Além disso, no grupo mães, monitoria negativa e negligência, estiveram com mais frequência na faixa de estilo regular abaixo da média, o qual foi seguido pelo estilo de risco, segundo mais alto neste grupo (Figuras 8 e 10). Os resultados das práticas negligência e abuso físico chamaram a atenção, a primeira porque quase totalidade da amostra (52) ficou ou abaixo da média ou então no estilo de risco, a segunda por um terço da amostra se enquadrar no estilo de risco em relação à utilização do abuso físico. Este resultado é corroborado pelo estudo de Weber, Viezzer, et al. (2004), que encontram em uma amostra de 472 crianças e adolescentes entre 8 e 16 anos, que 88, 1% já tinham recebido punições corporais, entre estes 86,1% tinham apanhado da mãe e 58,6% o tinham do pai.

Os resultados referentes às práticas negativas no grupo mães também se evidenciou no índice de estilo parental deste grupo. Assim, das 60 participantes, 12 localizaram-se no estilo parental de risco (Figura 12). Gomide (2003) alerta sobre os resultados encontrados nas pesquisas de validação do IEP, que se correlacionaram no mesmo sentido do índice de estilo parental. Segundo a autora, famílias com índice de estilo parental de risco obtiveram também, maiores índices em depressão, ansiedade, estresse, agressividade e comportamentos anti-sociais na escola e menores níveis de habilidades sociais. Além disso, o índice parental de risco é um indicador de que as crianças ou adolescentes têm alta probabilidade de desenvolver comportamento anti-social (Gomide, 2003).

Os resultados do grupo pais nas práticas negativas foram diferentes dos das mães, pois em punição inconsistente, disciplina relaxada e abuso físico com maior frequência os resultados se enquadraram em estilo parental ótimo (Figuras 21, 22 e 23). Esta diferença entre pais e mães é apontada por Gomide (2006), que encontrou índices maternos mais

elevados em: monitoria positiva, comportamento moral, monitoria negativa, punição inconsistente e disciplina relaxada, quando comparados aos índices paternos. Os pais, por sua vez no estudo de Gomide (2006) tiveram índices superiores em abuso físico e negligência.

Entretanto, no presente estudo os resultados referentes à negligência e monitoria negativa no grupo de pais ficaram, como no grupo mães, abaixo de média e risco parental (Figuras 19 e 20). Níveis altos de negligência também foram encontrados em um estudo realizado por Weber, Prado, et al. (2004), que em uma amostra de 239 crianças, 45,4% dos pais e mães foram classificados como negligentes. Contudo o índice de estilo parental, que é o resultante final de todas as práticas educativas, no grupo de pais foi maior, quando comparado ao grupo de mães, tendo a seguinte ordem quanto à frequência: 1) estilo parental ótimo; 2) estilo regular, acima da média; 3) estilo regular, abaixo da média e 4) estilo de risco (Figura 24).

O termo negligência pode ser entendido como falta de cuidado, indolência e, se reportado para a interação pais e filhos, como passividade, falta de compromisso e cuidado para com os filhos. Gomide (2004) argumenta que pais negligentes, agem como expectadores na vida dos filhos e não de forma ativa e participativa, caracterizando ausência dos pais, falta de atenção, descaso, omissão e até mesmo falta de amor.

Reppold e Hutz (2003) investigaram os níveis de depressão, responsividade e exigência parental em uma amostra de 456 adolescentes e constataram que níveis de responsividade e exigência maternos e paternos foram as variáveis que mais se correlacionaram com os escores de depressão. Além disso, na investigação entre os diferentes estilos parentais, observou-se que o estilo negligente foi o segundo maior entre os participantes e entre o qual se constatou a maior média na escala de depressão.

Na amostra de mães, a escolaridade se correlacionou com maior pontuação em monitoria positiva e comportamento moral e menor em monitoria negativa. Já no grupo de pais observamos uma correlação negativa com abuso físico: quanto maior o nível de escolaridade, menos os pais utilizam abuso físico com seus filhos. Este resultado corrobora o estudo de Prust e Gomide (2007), que constataram que as famílias de não-risco possuíam nível de escolaridade maior quando comparadas a famílias de risco. Além, disso a escolaridade já foi demonstrada como fator importante em estudos sobre crenças parentais (Seidl de Moura et al, 2004; Ribas Jr et al., 2003), os quais a identificaram como variável relevante e favorável ao desenvolvimento infantil, no sentido que maior escolaridade estava relacionada a mais conhecimentos sobre o desenvolvimento e necessidades da criança.

Um dado merece destaque é relação encontrada entre negligência e trabalho remunerado no grupo mães (Tabela 8). Uma hipótese explicativa deste resultado seria a ausência física exigida pelo trabalho remunerado, caracterizada mais especificamente nos itens 4 (Meu trabalho atrapalha na atenção que dou a meu filho) e 11 (Meu filho sente dificuldades em contar seus problemas para mim, pois vivo ocupada) do IEP. Contudo, estes itens por si só não justificam a pontuação maior, pois muitas respondentes pontuaram zero nestes itens, apesar de possuírem trabalho remunerado. Parece que o trabalho interfere na relação mãe-filho em uma amplitude maior, pois tendo menos tempo com seus filhos, as mães não conseguem dar-lhes atenção, bem como, conversar com eles sobre seus problemas e conhecê-los mais, no sentido de saber dizer do que gostam. Estes dados são corroborados pelo estudo de Carvalho e Gomide (2005), que constataram altos índices de negligência e verificaram que através do discurso dos pais durante a coleta de dados que, em virtude do trabalho, passavam muito tempo fora de casa e não podiam dar muita atenção aos filhos.

Entretanto, Sicuro e Löhr (2006) realizaram uma pesquisa com 30 crianças, cujas mães na sua maioria não trabalhavam fora de casa. Entre as 30 mães, apenas 6 possuíam trabalho remunerado, mas o faziam quando seu filho/filha estava na escola. A média de percentil do IEP neste estudo foi -6 para os meninos e -3 para as meninas, o que representa estilo parental de risco e maior utilização de práticas negativas em detrimento às positivas. Sicuro e Löhr (2006) argumentam que a presença materna contínua não assegura práticas educativas pró-sociais.

No grupo de pais foi encontrada relação entre punição inconsistente e gênero do filho (Tabela 20). Pais demonstram ser mais inconsistentes com os filhos do sexo masculino. No estudo de Weber, Prado, et al. (2004) foi constatado que pais (pais e mães) são tão responsivos com os filhos, quanto com as filhas, embora, sejam um pouco mais exigentes com as filhas do que com os filhos. Entretanto na pesquisa citada, mães e pais foram mais exigentes com as filhas e aqui apenas encontramos diferenças na amostra de pais. Contudo, Gomide (2006) também encontrou resultados diferentes dos aqui encontrados. Na pesquisa de Gomide, os pais apresentaram maiores índices de comportamento moral com as filhas e maiores índices de abuso físico com os filhos.

O resultado encontrado difere também, do estudo de Salvador (2007) que investigou as práticas educativas a partir de inventários aplicados em 348 adolescentes, verificou os pais utilizavam mais punição física com os meninos, não demonstrando maior tolerância e concessão aos filhos do mesmo sexo. Todavia, esta questão não parece totalmente elucidada, pois Keller e Zach (2002) constataram que pais passam mais tempo

com seus filhos e mães com suas filhas, demonstrando existir uma preferência entre os pais por filhos do mesmo sexo.

6.1.1. Interrelações entre as Práticas Educativas

Foram constatadas correlações entre as práticas educativas, especialmente no grupo mães (Tabela 9). Constatou-se que as práticas educativas positivas atuaram no sentido de minimizar algumas práticas negativas, o que é defendido pelo modelo de Gomide (2006). Já maiores escores em punição inconsistente implicaram em maiores pontuações em monitoria negativa, negligência e disciplina relaxada. Esta por sua vez se correlacionou também com escore alto em monitoria negativa e baixos nas práticas positivas. Assim, disciplina relaxada teve tanto correlação negativa com monitoria positiva e comportamento moral, como apresentou correlações inversas às apresentadas nas práticas positivas. Já abuso físico teve correlação apenas com monitoria negativa.

No grupo de pais, estas correlações entre as práticas educativas tiveram uma conformação diferente, algumas de forma similar ao grupo das mães, entretanto menos correlações foram encontradas entre as dimensões do IEP (Tabela 21). No caso dos pais, monitoria positiva teve correlação positiva com comportamento moral e com monitoria negativa. Punição inconsistente apresentou correlação positiva com disciplina relaxada. Negligência e disciplina relaxada e, abuso físico e monitoria negativa também tiveram correlação positiva.

Entretanto, algumas correlações entre as dimensões do IEP foram encontradas nos dois grupos (pais e mães). Assim, tanto no grupo de mães, quanto no grupo de pais, verificaram-se correlações positivas entre: monitoria positiva e comportamento moral, monitoria negativa e abuso físico, disciplina relaxada e negligência e, entre disciplina relaxada e punição inconsistente

Contudo, através dos resultados referentes às práticas educativas de pais e mães, constatam-se diferenças entre os grupos tanto na utilização das práticas educativas e nas variáveis correlacionadas a elas, como na interligação entre as diferentes práticas. Assim, sugere-se que pais e mães agem de modo diferente na educação de seus filhos. O que é apoiado por alguns estudos (Keller & Zach, 2002; Weber, Prado et al, 2004; Gomide, Millan, et al., 2005; Gomide, 2006). Porém, alerta-se novamente para as limitações do presente

estudo quanto ao número de pais estudados e ao fato do tamanho das amostras de pais e mães não terem sido pareadas.

6.2. Memórias de Cuidados na Infância

Tanto mães como pais demonstraram mais lembranças de calor emocional da mãe, sendo rejeição do pai o fator de menor escore em ambos os grupos. No grupo de mães, lembranças de calor emocional da mãe foi seguido por super-proteção da mãe, calor emocional do pai, super-proteção do pai, rejeição da mãe e rejeição do pai (Tabela 14). No grupo dos pais calor emocional da mãe (maior escore), foi seguido por calor emocional do pai, o que revela predominância de lembranças positivas entre os pais, na seqüência apareceu super-proteção da mãe, super-proteção do pai, rejeição da mãe e rejeição do pai (Tabela 25).

Calor emocional, no estudo de Arrindell et al. (1999), correlacionou-se negativamente em homens e mulheres com traços de neuroticismo e positivamente com extroversão, feminilidade e masculidade e altos níveis de auto-estima. Por outro lado, rejeição teve correlação positiva com traço de neuroticismo, correlação negativa na amostra de mulheres com auto-estima. Entre os homens esta predição foi confirmada tanto em rejeição do pai e quanto rejeição da mãe, apenas na amostra da Grécia, a correlação foi negativa entre auto-estima e rejeição da mãe, mas não do pai.

Os resultados de ambos os grupos sobre lembranças de calor emocional são positivos quando se analisa os estudos sobre a qualidade do vínculo. Neste sentido, Pacheco et al. (2003) argumentam que é a partir do estilo de vinculação que cada pessoa constrói e dinamiza suas relações com os outros, sendo assim, a relação que a mãe tem com seu filho dependerá de como ela mesma representa a sua relação com seus pais.

Os menores escores em relação às lembranças de cuidados durante a infância foram as categorias de rejeição pela mãe e pelo pai em ambos os grupos, o que também é positivo no sentido de que estudos como o de Belsky et al. (1990) encontraram que lembranças de rejeição durante a infância associadas a pouca satisfação conjugal, refletiu negativamente na emocionalidade materna para com o filho.

As correlações observadas no grupo mães entre as variáveis do contexto de criação e os resultados do EMBU indicaram a consistência das respostas, tendo em vista que ambos

os instrumentos avaliavam questões do passado, mais especificamente da infância dos participantes. No grupo de mães tanto calor emocional da mãe quanto do pai se correlacionaram positivamente com condições materiais na infância. Se o clima durante a infância foi percebido como tranquilo, as participantes também tinham menos lembranças de rejeição do pai e mais calor emocional de ambos os progenitores (Tabela 16).

No grupo de mães, o relacionamento conjugal dos pais também foi um bom indicador tanto de maiores níveis de calor emocional do pai e da mãe, quanto de menores índices de rejeição do pai e da mãe. Por outro lado, conflitos entre os pais se associaram positivamente com lembrança de rejeição do pai e negativamente com calor emocional do pai (Tabela 16). A qualidade do relacionamento conjugal já tinha sido apontada por outros autores como Braz et al.(2005), que entre os resultados encontraram que um bom relacionamento conjugal favorece o compartilhamento de tarefas domésticas e práticas educativas entre maridos e esposas e favorece o desenvolvimento de sentimentos de segurança nos filhos.

A presença de conflitos com o pai se correlacionou positivamente com lembranças de rejeição do pai e negativamente com calor emocional do pai. Já conflitos com a mãe na infância correlacionou-se com diversas dimensões do EMBU (positivamente com rejeição do pai, rejeição da mãe e super-proteção da mãe e negativamente com calor emocional do pai e da mãe), demonstrando a influência exercida por este fator. Afetividade por parte do pai teve correlação positiva com calor emocional do pai e da mãe e correlação negativa com rejeição do pai. Afetividade da mãe por sua vez, teve correlação positiva com calor emocional do pai e da mãe, e negativa com rejeição do pai e da mãe (Tabela 17).

No caso da amostra de pais, não foram constadas correlações com as medidas do contexto de criação. Assim, levanta-se duas hipóteses: 1) o tamanho da amostra interferiu neste resultado e 2) as lembranças de cuidados afetam de modo diferentes homens e mulheres, o que será discutido mais a seguir.

6.3. Memórias de Cuidados na Infância e Práticas Educativas Parentais

A principal pergunta deste estudo a respeito da relação entre as lembranças dos cuidados na infância e as práticas educativas atuais foi respondida. A partir dos resultados

encontrados pode-se afirmar que existe relação entre as memórias de cuidados na infância e as práticas educativas parentais atuais e isto foi observado tanto na relação entre estas e os dados do contexto de criação, quanto com memórias de cuidados na infância, obtidas a partir do EMBU.

As variáveis do contexto em que as mães foram criadas interferiram de três formas diferentes nas práticas educativas utilizadas com seus filhos: quanto à utilização da monitoria positiva, do abuso físico e da monitoria negativa (Tabela 11 e 12). Boas condições materiais na infância, bom clima emocional familiar, boa relação com o pai e atitude afetuosa do pai durante a infância refletiram na utilização da monitoria positiva pelas mães. Por outro lado, pouco afeto do pai e conflitos com o pai refletiu em maior abuso físico.

As correlações encontradas denotam a importância da figura do pai, mais especificamente de demonstrações de afeto por parte do pai para com suas filhas e a relação com a utilização de práticas positivas com a terceira geração. Porém, como aponta Pinheiro (2003) há muito, estudos psicológicos designam a importância das mães no desenvolvimento dos filhos e no funcionamento da família. Além disso, ainda atualmente se encontra muito mais estudos realizados com as mães, comparados aos realizados com pais sobre desenvolvimento infantil e interação pais e filhos.

Entretanto, um dado que não pode ser explicado através da literatura é a relação entre bom relacionamento com a mãe durante a infância e o emprego da monitoria negativa na vida adulta. Biasoli-Alves (2002) coloca as transformações durante a história a respeito crenças e práticas educativas promoveram insegurança nos pais a respeito de como educar seus filhos, o que pode ser uma hipótese para o resultado encontrado, contudo esta é uma variável que deve ser mais estudada.

Pode-se constatar que o contexto de criação afetou de modo diferente mães e pais, entre os quais foram observadas outras interrelações com as práticas educativas parentais. Deste modo, os resultados do grupo de pais, neste sentido, apresentaram quatro conformações diferentes sobre o modo como o contexto de criação interferiu nas práticas educativas paternas (Tabelas 22 e 23). Boas condições materiais e atitude afetuosa do pai, tanto no grupo de mães, quanto no de pais, refletiu em monitoria positiva com o filho. Entre os pais, estes dois aspectos, juntamente com bom relacionamento com a mãe, refletiram também na utilização do comportamento moral. Aspectos do contexto de criação dos pais que se mostram protetores para os filhos, já que se relacionaram à utilização de práticas educativas positivas, relacionadas na literatura a conseqüências positivas nos filhos (Weber et al., 2003; Salvo et al., 2005; Motta et al., 2006).

Na amostra de pais ainda tivemos conflitos com o pai durante a infância, correlacionado à utilização da monitoria negativa na vida adulta. Caberia aqui uma pesquisa qualitativa, com a finalidade de verificar as causas dos conflitos com o pai durante a infância e se possuem alguma semelhança com a monitoria negativa, que como apontada por Gomide (2004) também pode resultar em conflitos entre pais e filhos. Também foi encontrado neste grupo, lembranças de atitude afetuosa da mãe na infância relacionada a abuso físico e negligência paterna na vida adulta. No entanto, Pinheiro (2003) em uma análise de profundidade com quatro famílias, observou um dado controverso: 1 pai empregava estratégias negativas com seu filho, apesar de ter sido exposto a práticas positivas durante a infância.

Através da observação dos resultados dos grupos de pais e de mães sobre a relação entre lembranças do contexto de criação e práticas educativas atuais se constatada a ênfase de lembranças do relacionamento com pai e sua relação com as práticas educativas parentais atuais. Veneziano (2003) ao estudar a importância da afeição e amor paterno em diferentes culturas ocidentais, verificou sua influência positiva no desenvolvimento infantil. Entre os resultados, o autor constatou a menor ocorrência de comportamentos agressivos por parte da criança quando o pai mantinha uma atitude afetuosa e calorosa com o filho.

Além disso, Prado et al. (2004) apontam que a qualidade do relacionamento entre pai e filho pode interferir no desenvolvimento infantil e na transformação da criança em um adulto hábil para enfrentar as adversidades da vida adulta. Neste sentido, os resultados do presente estudo, vão um pouco mais longe, podendo-se afirmar a partir deles que a qualidade do relacionamento pais/filhos pode influenciar além da vida adulta, as habilidades parentais futuras e as práticas educativas a serem utilizadas na interação pais e filhos.

As memórias da infância foram medidas por dois instrumentos diferentes. Com relação às lembranças de cuidados recebidos na infância, obtidos a partir da aplicação do EMBU e sua relação com as práticas educativas (Tabela 18 e 27). No grupo de mães as dimensões do EMBU demonstraram correlação com as práticas negativas: abuso físico e punição inconsistente e também monitoria positiva. Constatou-se correlação positiva entre calor emocional do pai e monitoria positiva e correlação negativa entre rejeição do pai e monitoria positiva, ou seja, quanto mais lembranças de calor emocional e menos lembranças de rejeição do pai, mais as mães utilizaram a monitoria positiva com seu filho.

Verificou-se também correlação positiva entre rejeição e abuso físico e, negativa entre calor emocional do pai e da mãe e abuso físico. Assim, quanto mais lembranças de rejeição do pai e menos lembranças de calor emocional do pai e da mãe, maior abuso físico

com o filho. Já punição inconsistente apresentou correlação negativa com calor emocional do pai e positiva com rejeição do pai, ou seja, quanto mais rejeição do pai e menos calor emocional do pai na infância, mas punição inconsistente da mãe para como filho.

No grupo de pais foi constatada apenas a correlação positiva entre lembrança de super-proteção da mãe na infância e prática atual de disciplina relaxada com seu filho. Resultado que vai de acordo a estudos que apontam a descontinuidade geracional como o de Benincá e Gomes (1998). Estes autores argumentam a existência de duas forças: por um lado a continuidade, no sentido de promoção da linearidade da família e por outro, a descontinuidade através da busca de padrões alternativos. Como super-proteção e disciplina relaxada implicam em conceitos antagônicos, parece que na amostra de pais pesquisados, as memórias de infância (EMBU) implicaram na descontinuidade geracional. Contudo, este resultado fica em desacordo com grande parte da literatura (Oliveira et al, 2002; Dias & Lopes, 2003; Vitali, 2004; Weber et al, 2006) que apontam a transmissão intergeracional dos estilos parentais. No entanto, entre os estudos mencionados, apenas Vitali (2004) estudou mães e pais e encontrou resultados a favor da continuidade intergeracional.

Contudo, as memórias da infância neste estudo foram avaliadas por dois instrumentos diferentes: por meio de questões referentes ao contexto de criação (ficha de identificação) e de forma mais específica, nas memórias de cuidados na infância (EMBU), considerando que ambos os instrumentos avaliaram o passado dos participantes, optou-se pela organização de todos os resultados que denotam a correlação entre lembranças de infância e práticas educativas atuais (Figura 21) a fim de facilitar a visualização global dos resultados e aprimorar a discussão teórica.

Mães	Pais
<ul style="list-style-type: none"> - Boas Condições Materiais - Bom Clima Emocional Familiar - Bom Relacionamento com o Pai <ul style="list-style-type: none"> - Atitude Afetuosa do Pai - Calor Emocional do Pai (EMBU) - Pouca Rejeição do Pai (EMBU) <p style="text-align: center;">↓</p> <p style="text-align: center;">Monitoria Positiva</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Boas Condições Materiais - Atitude Afetuosa do Pai <p style="text-align: center;">↓</p> <p style="text-align: center;">Monitoria Positiva</p>
<ul style="list-style-type: none"> - Pouco Afeto do Pai - Conflitos com o Pai - Rejeição do Pai (EMBU) - Pouco Calor Emocional do Pai (EMBU) - Pouco Calor Emocional da Mãe (EMBU) <p style="text-align: center;">↓</p> <p style="text-align: center;">Abuso Físico</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Atitude Afetuosa da Mãe <p style="text-align: center;">↓</p> <p style="text-align: center;">Abuso Físico Negligência</p>
<ul style="list-style-type: none"> - Bom Relacionamento com a Mãe <p style="text-align: center;">↓</p> <p style="text-align: center;">Monitoria Negativa</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Conflitos com o Pai <p style="text-align: center;">↓</p> <p style="text-align: center;">Monitoria Negativa</p>
<ul style="list-style-type: none"> - Rejeição do Pai (EMBU) - Pouco Calor Emocional do Pai (EMBU) <p style="text-align: center;">↓</p> <p style="text-align: center;">Punição Inconsistente</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Boas Condições Materiais - Atitude Afetuosa do Pai <p style="text-align: center;">↓</p> <p style="text-align: center;">Comportamento Moral</p> <hr/> <ul style="list-style-type: none"> - Super-proteção da Mãe (EMBU) <p style="text-align: center;">↓</p> <p style="text-align: center;">Disciplina Relaxada</p>

Figura 21: Correlação entre as lembranças da infância e as práticas educativas parentais de mães e pais.

De modo geral, no grupo de mães, lembranças do pai durante a infância tiveram impacto nas práticas educativas na vida adulta. Lembranças de calor emocional por parte do pai e rejeição do pai mostraram correlação com monitoria positiva, punição inconsistente e abuso físico.

Lembranças de calor emocional por parte do pai mostraram-se como um fator de proteção para o filho, já que esteve associada a maiores níveis de monitoria positiva e menores escores em punição inconsistente e abuso físico. Calor emocional por parte da mãe também se correlacionou com menor utilização de abuso físico. A importância das lembranças de cuidados paternos também foi evidenciada em relação à dimensão rejeição por parte do pai: quanto menos lembranças de rejeição paterna, mais as mães utilizam a monitoria positiva e menos fazem uso da punição inconsistente e do abuso físico nas suas interações parentais. Estes resultados trazem um dado novo e muito importante, pois é consenso na literatura a transmissão de práticas abusivas ou punitivas (Capaldi & Paterson, 1991; Simons et al, 1991; Dubow et al., 2003; Hops et al, 2003) e o presente estudo demonstra fatores de proteção associados a intergeracionalidade.

Além disso, os resultados referentes às lembranças de rejeição e utilização de práticas negativas (punição inconsistente e abuso físico) estão de acordo com o estudo de Belsky et al. (1990) que constataram que lembranças de falta de apoio e rejeição na infância refletiram de forma negativa na emocionalidade materna para com a criança. No entanto, estes autores encontram que esta associação era neutralizada quando o relacionamento conjugal era percebido como positivo, porém no presente estudo não foi avaliada esta categoria.

Alguns estudos da literatura buscaram o efeito da transmissão intergeracional investigando as práticas educativas em relação ao gênero, geralmente avós e mães (Almeida, 1987; Oliveira et al, 2002; Dias & Lopes, 2003) ou então, avós, mães e netas (Weber et al., 2006). Entretanto, entre os demais estudos, que levaram em conta tanto mães quanto pais, alguns encontram maior similaridade de práticas educativas entre o mesmo gênero, mães e avós e pais e avôs (Vitali, 2004); e no presente estudo constatou-se a importância das lembranças do pai e sua relação com as práticas educativas maternas. Outro fato que merece ênfase aqui é que apesar das mães terem assinalado a mãe biológica como a pessoa mais importante nos cuidados durante a infância e juventude (Figura 4), foram as lembranças do pai que mais implicaram no comportamento parental atual.

Esta importância das memórias de cuidado por parte do pai corrobora a assertiva de Rohner e Veneziano (2001) de que a “qualidade do relacionamento entre pais e filhos” está

relacionada ao calor, apoio, conforto, cuidados e criação. Assim, o afeto paterno estaria tão implicado no bem-estar e saúde dos filhos como o materno, assim como uma variedade de problemas psicológicos e comportamentais.

No grupo de pais os resultados do EMBU tiveram uma conformação diferente em todas as correlações, inclusive com as práticas educativas atuais. Mais resultados foram obtidos sobre a relação entre memórias e práticas educativas atuais a partir da ficha de identificação, comparadas as obtidas por meio do EMBU, o que demonstra que aquele instrumento foi mais sensível para captar os resultados entre os pais. No entanto, sugerem-se novas pesquisas com um número maior de participantes a fim de verificar se esta asserção é verdadeira.

Entre os resultados de lembranças do contexto de criação do grupo pais, foi constatado correlações entre memórias de infância maternas e paternas com as práticas educativas atuais. Quando incluída a estes resultados a correlação obtida através da aplicação do EMBU a influência das memórias de cuidados paternas nas práticas parentais forma um pouco maiores quando comparadas às memórias maternas. Vale lembrar, que os pais apontaram ambos os progenitores como pessoas mais importantes durante a infância e juventude (Figura 16).

Entre os pais, os resultados do EMBU não demonstraram impacto sobre as práticas educativas, exceto com relação à lembrança de super-proteção da mãe que teve correlação positiva com disciplina relaxada. Neste caso, a hipótese explicativa novamente está no sentido da descontinuidade intergeracional, já que passando por excesso de proteção na infância, caracterizada por preocupação exagerada das mães para com os filhos, estes se tornando pais poderiam buscar ser diferente daquelas relaxando a disciplina com os seus descendentes. Entretanto, pesquisas qualitativas que aprofundem esta problemática são sugeridas, pois este resultado também pode ser fruto da insegurança apontada por Biasoli-Alves (2002) de pais e mães sobre a educação de seus filhos.

De modo geral ficou evidente em ambos os grupos a relação entre memórias de afeto na infância e sua repercussão nas práticas educativas, sua presença relacionada a práticas positivas (monitoria positiva e comportamento moral) e sua ausência a utilização de práticas negativas (punição inconsistente, abuso físico). Resultados que evidenciam a importância do afeto parental e suas conseqüências em longo prazo.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O papel da mulher e do homem na sociedade, de modo geral, e na educação dos filhos tem mudado ao longo dos anos. Contudo, o foco dos estudos ainda tem sido sobre a mãe e pouco ainda se tem estudado sobre o pai. Assim, apesar do número reduzido de pais no presente estudo, o que impõe limites às generalizações dos resultados, optou-se por incluí-los na análise.

As práticas educativas de pais e mães foram influenciadas de alguma forma pelas memórias de cuidado na infância, a maioria das correlações ocorreu no mesmo sentido das lembranças de cuidados recebidos na infância, no entanto, algumas se deram no sentido oposto dos cuidados recebidos, o que levanta a hipótese da existência de outros fatores influenciando as práticas educativas e que não puderam ser obtidos por meio dos instrumentos utilizados no presente estudo.

Apesar do menor número de pais e da impossibilidade de comparar os dois grupos por meio de recursos estatísticos, pôde-se constatar que duas correlações apareceram em ambos os grupos: boas condições materiais e atitude afetuosa do pai na infância implicaram na utilização da monitoria positiva tanto na amostra de pais, quanto na de mães. Entretanto, de modo geral, a relação entre memórias de infância e práticas educativas atuais foram diferentes entre pais e mães.

No grupo de mães, diversas relações entre lembranças e práticas educativas foram observadas, tanto por meio das questões de infância presentes na ficha de identificação, quanto através da aplicação do EMBU, que se revelou um excelente instrumento para avaliar os cuidados recebidos na infância, o que confirma a sua utilização em diversos países (Perris et al., 1980; Ross et al., 1982; Huang et al., 1996; Arrindell et al., 1999; Arrindell et al., 2001; Aluja et al., 2006a; Aluja et al., 2006b).

Entre as mães, ficou evidente a importância das memórias relacionadas à demonstração de afeto e calor emocional paterno na sua relação com as práticas educativas atuais. Memórias que parecem ser fator de proteção para a terceira geração já que sua presença esteve relacionada à utilização de prática positiva (monitoria positiva) e sua ausência, a presença de práticas negativas (abuso físico e punição inconsistente). Neste sentido, a afirmativa de Prado et al. (2004) é verdadeira, realmente a qualidade da relação entre pai e filho interfere não apenas no desenvolvimento infantil, mas também na

transformação da criança em um adulto hábil para enfrentar as adversidades da vida adulta. Além disso, a qualidade dessa relação interfere ainda nos comportamentos parentais futuros com a terceira geração, o que foi observado especialmente entre as mães de estudo.

Ficou evidente neste estudo, considerando o grupo mães, que memórias da infância referentes aos cuidados paternos tiveram uma repercussão maior nas práticas educativas quando comparadas as memórias de cuidados recebidos da mãe. Assim, como apontam Dubow et al. (2003) futuros estudos devem considerar se a continuidade entre gerações é mais forte para o mesmo sexo ou de forma combinada (ambos os pais).

Na amostra de pais também foram encontradas relações entre memórias da infância e práticas educativas atuais, no entanto com conformações diferentes do grupo mães. Grande parte das correlações constatadas se deram a partir da ficha de identificação e IEP, sendo apenas uma correlação constatada entre dimensões do EMBU e do IEP. A partir deste resultado levantam-se duas hipóteses: 1) o tamanho da amostra interferiu neste resultado; 2) as dimensões do EMBU não foram sensíveis para captar as correlações e 3) existem diferenças entre pais e mães, tanto em relação às práticas educativas, quanto no modo como as memórias de cuidados de interferem nos comportamentos atuais. Alguns estudos demonstram que a terceira hipótese pode ser verdadeira: Vitali (2004) encontrou maiores níveis de exigência e responsividade entre mães e as avós. Já os pais tiveram níveis de exigência e responsividade menores e de modo similar ao de seus pais. Dubow et al. (2003) também apontam que os 4 estudos analisados transmissão da agressividade, incluindo dois com grandes amostras (521 e 296 participantes) apontaram evidências de mais continuidade nas mulheres do que nos homens. No entanto, sugerem-se novas pesquisas que visem testar estas hipóteses e para isso considerem tanto uma amostra maior de pais e amostras pareadas entre homens e mulheres, quanto utilizem de diferentes instrumentos e métodos para avaliar memórias de cuidados recebidos na infância.

A questão da continuidade e descontinuidade não está fechada e embora não tenha sido propósito desde estudo avaliá-las e sim verificar a influência exercida pelas memórias de cuidados na infância nas práticas atuais, observou-se a tanto entre pais, quanto mães, que apesar demonstrarem lembranças positivas na infância, utilizam práticas educativas negativas e desfavoráveis na interação com seus filhos (Gomide, 2004; 2006). Assim, na amostra de mães, bom relacionamento com sua mãe correlacionou-se a utilização da monitoria negativa com o filho, já na amostra de pais, lembranças de afetividade da mãe correlacionou-se à abuso físico e negligência e memória de super-proteção da mãe à disciplina relaxada. Resultados difíceis de serem explicados pela literatura, no entanto, semelhantes ao de

Pinheiro (2003), que encontrou entre os demais resultados, um pai que utilizava estratégias educacionais negativas, mesmo tendo tido pais positivos. Além disso, como afirma Dubow et al. (2003) futuras pesquisas devem incluir entre suas medidas potenciais moderadores e mediadores que possam explicar a continuidade e descontinuidade intergeracional.

Deve-se considerar, também, que o presente estudo utilizou-se do método retrospectivo para a análise intergeracional, criticado por alguns autores como Chen e Kaplan (2001). Esses autores argumentam que a memória pode sofrer falhas ou enganos ao longo dos anos. Entretanto, o método retrospectivo tem sido utilizado em diversos estudos (Pinheiro, 2003; Pacheco et al., 2003; Rodrigues et al., 2004; Vitali, 2004; Weber et al., 2006), além de todos os já mencionados anteriormente com a utilização do EMBU, instrumento que tem este propósito. Além disso, o método retrospectivo mostra-se menos oneroso e mais acessível comparado ao método longitudinal. Foi objetivo do presente estudo verificar a relação entre as memórias de cuidados na infância e as práticas educativas atuais, importando aqui as lembranças que os participantes tinham a respeito da sua infância e não se estas eram verdadeiras ou não, pois se partiu do pressuposto que estas poderiam interferir nos comportamentos atuais. Sobre isso, Whitbeck et al (1992) afirmam que os estudos retrospectivos das lembranças de adultos sobre sua relação com seus pais na infância podem provavelmente ser distorcidos e difíceis de serem interpretados. Whitbeck também alerta que há evidências de que relatos retrospectivos das experiências na família de origem são estáveis ao longo de curtos períodos do tempo e independentes de outros fatores como, por exemplo, sintomas depressivos atuais.

Por fim, o presente estudo trouxe contribuições ao cenário das práticas educativas parentais no sentido dos antecedentes relacionados aos comportamentos atuais de pais e mães. Pôde-se constatar que as práticas educativas parentais são influenciadas pela memória de cuidados recebidos na infância, a qual se revela como um fator, porém não o único envolvido na complexidade do tema. Assim, outros fatores devem influenciar o comportamento parentais de pais e mães entre eles, escolaridade (também observada neste estudo), acesso a informações científicas sobre as práticas educativas, presença de outras pessoas significativas durante a infância, relacionamento conjugal atual, entre outros, que devem ser considerados em futuras pesquisas. Entre os resultados encontrados ficou clara a importância dos cuidados na infância e sua inter-relação com as práticas educativas entre as gerações posteriores, resultado que abre espaço para intervenções direcionadas a prevenção. Os resultados aqui encontrados são esperançosos neste sentido, pois demonstraram fatores relacionados à utilização de práticas positivas no futuro. Supõe-se que programas para pais

que ressaltem a importância do afeto, calor emocional e práticas positivas (monitoria positiva e comportamento moral) tragam tanto consequências imediatas: melhores níveis de empatia, autoestima e desempenho escolar, quanto consequências em longo prazo, possibilitando a estas crianças tornarem-se melhores pais e mães.

Contudo e diante dos resultados e limitações deste estudo sugerem-se futuras pesquisas com amostras equiparadas de pais mães, a fim de verificar se as diferenças aqui encontradas se mantêm e que estudos de caráter qualitativo sejam empregados, considerando as limitações do uso de questionários.

8. REFERÊNCIAS

- Almeida, A. (1987). Maternidade: um destino inevitável. São Paulo: E.P.U.
- Alvarenga, P. (2001). Práticas educativas parentais como forma de prevenção de problemas de comportamento. In: H. J. Guilhardi (Org.), Sobre comportamento e cognição: Vol.8 (pp. 52-57). Santo André, SP: ESETec.
- Alvarenga, P. & Piccinini, C. (2001). Práticas Educativas Maternas e Problemas de Comportamento em Pré-Escolares. Psicologia Reflexão Crítica, 14 (3), 449-460.
- Aluja, A., Del Barrio, V. & Garcia, L. F. (2006a). Do parents and adolescents differ in their perceptions of rearing styles? Analysis of the EMBU versions for parents and adolescents. Scandinavian Journal of Psychology, 47, 103-108.
- Aluja, A., Del Barrio, V. & Garcia, L. F. (2006b). Comparison of several shortened versions of the EMBU: exploratory and confirmatory factor analyses. Scandinavian Journal of Psychology, 47, 23-31.
- Arrindell, W. A., Richter, J., Eisemann, M., Gärling, T., Rydén, O., Hanson, S. B., Kasielke, E., Frindte, W. & Gillholm, R. (2001). The short-EMBU in East-Germany and Sweden: A cross-national factorial validity extension, Scandinavian Journal of Psychology, 42, 157-160.
- Arrindell, W. A., Sanavio, E., Aguilar, G., Sica, C., Hatzichristou, C., Eisemann, M., Recinos, L. A., Gaszner, P., Peter, M., Battagliese, G., Kállai, J. & Van der Ende, J. (1999). The development of a short form of EMBU: its appraisal with students in Greece, Guatemala, Hungary and Italy. Personality and Individual Differences, 27, 613-628.
- Aunola, K., Stattin, H. & Nurmi, J. E. (2000). Parenting styles and adolescents' achievement strategies. Journal of Adolescence, 23, 205-222.
- Bandura, A. (1979). Modelação e Processos Vicários In: Bandura, A. Modificação do Comportamento (pp. 69-83). Rio de Janeiro: Interamericana.

- Baumrind, D. (1966). Effects of authoritative control on child behavior. Child Development, 37, 887-907.
- Belsky, J., Youngblade, L. & Pensky, E. (1990). Childrearing history, marital quality, and maternal affect: Intergenerational transmission in a low-risk sample. Development and Psychopathology, 1, 291-304.
- Bem, L. A. de & Wagner, A. (2006). Reflexões sobre a construção da parentalidade e o uso de estratégias educativas em famílias de baixo nível socioeconômico, Psicologia em Estudo, 11 (1), 63-71.
- Benincá, C. R. S. & Gomes, W. B. (1998). Relatos de mães sobre transformações familiares em três gerações, Estudos de psicologia (Natal), 3 (2), 177-205.
- Berri, G. C. (2004). Programa de intervenção em práticas parentais para mães de adolescentes em conflito com a lei. Dissertação de Mestrado não-publicada. Curitiba, Universidade Federal do Paraná.
- Biasoli-Alves, Z. M. M. (2002). A questão da disciplina na prática de educação da criança, no Brasil, ao longo do século XX, Veritati, 2 (2), 243-259.
- Bolsoni-Silva, A. T. & Maturano, E. M. (2002). Práticas Educativas e Problemas de Comportamento: Uma Análise à Luz das Habilidades Sociais, Estudos de Psicologia (Natal), 7 (2), 227-235
- Brandão, C. R. (1998). Memória no outono. Psicologia USP, 9 (2), 297-310.
- Braz, M. P.; Dessen, M. A. & Silva, N. L. P. (2005). Relações conjugais e parentais: uma comparação entre famílias de classes sociais baixa e média, Psicologia Reflexão e Crítica, 18 (2), 151-161.
- Bussab, V. S. R. (2000). A Família Humana Vista na Perspectiva Etológica: Natureza ou Cultura? Interação em Psicologia, 4, 9-22
- Canavarro, M. (1996). A avaliação das práticas educativas através do EMBU: estudos psicométricos. Psychologica, 16, 5-18.

- Capaldi, D. M. & Patterson, G. R. (1991). Relation of Parental Transitions to Boys' Adjustment Problems: I. A Linear Hypothesis.: II. Mothers at Risk for Transitions and Unskilled Parenting. Developmental Psychology, 27 (3), 489–504.
- Carvalho, M. C. N. de (2003). Efeito das práticas educativas parentais sobre o comportamento infrator de adolescentes. Dissertação de Mestrado não-publicada. Curitiba, Universidade Federal do Paraná.
- Carvalho, M. C. N. de & Gomide, P. I. C. (2005). Práticas educativas parentais em famílias de adolescentes em conflito com a lei. Estudos de psicologia (Campinas), 22 (3), 263-275.
- Cecconello, A. M. (2003). Resiliência e vulnerabilidade em famílias em situação de risco. Tese de Doutorado não-publicada, Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Cecconello, A. M.; Antoni, C. de & Koller, S. H. (2003). Práticas educativas, estilos parentais e abuso físico no contexto familiar, Psicologia em Estudo, 8, 45-54.
- Chen, Z. & Kaplan, H. B. (2001). Intergenerational transmission of parenting. Journal of Marriage and Family, 63, 17-31.
- Cia, F.; Pereira, C. de S.; Del Prette, Z. & Del Prette, A. (2006). Habilidades sociais parentais e o relacionamento entre pais e filho, Psicologia em estudo, 11 (1), 73-81.
- Coelho, M. V. & Murta, S. G. (2007). Treinamento de pais em grupo: um relato de experiência. Estudos de Psicologia (Campinas), 24 (3), 333-341
- Cohen, D. A. & Rice, J. (1997). Parenting styles, adolescent substance use, and academic achievement. Journal of Drug Education, 27, 199-211.
- Connerton, P. (1999). Como as sociedades recordam. (2ª ed.). Oeiras: Celta.
- Costa, F. T. da; Teixeira, M. A. P. & Gomes, W. B. (2000). Responsividade e Exigência: Duas Escalas para Avaliar Estilos Parentais Psicologia Reflexão e Crítica, 13 (3), 465 - 473.

- Dancey, C. P. & Reidy, J. (2006). Estatística sem matemática para a psicologia. Porto Alegre: Artmed.
- Darling, N. (1999). Parenting style and its correlates. ERIC/EECE Digests. [On-line], Disponível: <http://ceep.crc.uiuc.edu/eecearchive/digests/1999/darlin99.html>
- Darling, N. & Steinberg, L. (1993). Parenting style as context: an integrative model. Psychological Bulletin, 113, 487-496.
- Dias, A. C. G. & Lopes, R. de C. S. (2003). Representações de maternidade de mães jovens e suas mães, Psicologia em Estudo, 8, 63-73.
- Dubow, E. F., Huesmann, L. R. & Boxer, P. (2003). Theoretical and methodological considerations in cross-generational research on parenting and child aggressive behavior. Journal of Abnormal Child Psychology, 31 (2), 185-192.
- Gomide, P.I.C. (2001). Efeitos das práticas educativas no desenvolvimento do comportamento anti-social In: Marinho, M. L. & Caballo, V. E. (orgs.) Psicologia Clínica e da Saúde (p.33-53) Londrina (Brasil), Granada (Espanha). Editora UEL/APICSA.
- Gomide, P.I.C. (2003). Estilos parentais e comportamento anti-social. In: Del Prette, Z. & Del Prette, A. (Orgs). Habilidades sociais, desenvolvimento e aprendizagem: questões conceituais, avaliação e intervenção (p.21-60). Campinas, SP: Editora Alínea.
- Gomide, P. I. C. (2004). Pais presentes pais ausentes: regras e limites, Petrópolis: RJ: Vozes.
- Gomide, P. I. C. (2006). Inventário de estilos parentais – IEP: modelo teórico, manual de aplicação, apuração e interpretação, Petrópolis, RJ: Editora Vozes.
- Gomide, P. I. C.; Millan, D. C.; Boaron, M.; Rasquim, S., Czezko, N. G. & Ribas, C. P. M. (2005). Práticas educativas e gravidez na adolescência. Revista medicina do Paraná, 63 (2), 32-36.
- Gomide, P. I. C.; Salvo, C. G., Pinheiro, D. P. N. & Sabbag, G. M. (2005). Correlação entre práticas educativas, depressão, estresse e habilidades sociais. PsicoUsf, 10 (2), 169-178.
- Halbwachs, M. (1990). A memória coletiva. São Paulo:Vértice.

- Hohner, R. P. & Veneziano, R. A. (2001). The importance of father love history and contemporary evidence. Review of General Psychology, 5, 382-405.
- Hops, H., Davis, B., Lavee, C. & Scheeber, L. (2003). Cross-generational transmission of aggressive parent behavior: a prospective, mediational examination. Journal of Abnormal Child Psychology, 31 (2), 161-169.
- Huang, Y., Someya, T., Takahashi, S., Reist, C. & Tang, S. W. (1996). A pilot evaluation of the EMBU scale in Japan and the USA. Acta Psychiatrica Scandinavica, 94, 445-448.
- Jedlowski, P. (2001). Memory and Sociology: themes and issues. Time & Society, 10 (1), 29-44
- Keller, H. (1998). Diferentes Caminhos de Socialização até a Adolescência. Revista Brasileira de crescimento e Desenvolvimento Humano, 8 (1/2), 1-14.
- Keller H. & Zach U. (2002). Gender and birth order as determinants of parental behaviour. International Journal of Behavioral Development, 20 (2), 177-84.
- Lamborn, S. D., Mounts, N. S., Steinberg, L. & Dornbusch, S. M. (1991). Patterns of competence and adjustment among adolescents from authoritative, authoritarian, indulgent, and neglectful families. Child Development, 62, 1049-1065.
- Lordelo, E. da R., Fonseca, A. L. & Araújo, M. L. V. B. de (2000). Responsividade do ambiente de desenvolvimento: crenças e práticas como sistema cultural de criação de filhos, Psicologia. Reflexão e Crítica, 13 (1), 73-80.
- Lundberg, M., Perris, C., Schlette, P. & Adolfsson, R. (2000). Intergenerational transmission of perceived parenting. Personality and Individual Differences, 28, 865-877.
- Maia, J. M. D. & Willians L. C. de A. (2005). Fatores de risco e proteção ao desenvolvimento infantil: uma revisão da área. Temas em Psicologia, 13 (2), 91-103.

- Miller, A. M. & Harwood, R. L. (2001). Long-term socialization goals and the construction of infants' social networks among middle class Anglo and Puerto Rican mothers. International Journal of Behavioral Development, 25, 450-457.
- Motta, D. de C., Falcone, E. M. de O., Clark, C. & Manhães, A. C. (2006). Práticas educativas positivas favorecem o desenvolvimento da empatia em crianças, Psicologia em Estudo, 11 (3), 523-532.
- Muller, R. T., Hunter, J. E. & Stollak, G. (1995). The intergenerational transmission of corporal punishment: A comparison of social learning and temperament models. Child Abuse & Neglect, 19, 1323-1335.
- Nascimento, A.R.A. & Menandro, P.R.M. (2005). Memória social e saudade: especificidades e possibilidades de articulação na análise psicossocial de recordações. Memorandum, 8, 5-19.
- Oliveira, E. A. de (1998). Modelos de risco na psicologia do desenvolvimento. Psicologia: Teoria e Pesquisa, 14, 19-26.
- Oliveira, E. A, Marin, A. H., Pires, F. B., Frizzo, G. B., Ravello, T. & Rossato, C. (2002). Estilos parentais autoritário e democrático-recíproco intergeracionais, conflito conjugal e comportamentos de externalização e internalização. Psicologia Reflexão e Crítica, 15, 1-11.
- Pacheco, A. P., Costa, R. A. & Figueiredo, B. (2003). Estilo de vinculação, qualidade da relação com figuras significativas e da aliança terapêutica e sintomatologia psicopatológica: um estudo exploratório com mães adolescentes. International Journal of Clinical and Health Psychology, 3, (1), 35-59.
- Pleck, E. H. & Pleck, J. H. (1997). Fatherhood ideals in the United States: historical dimensions. In: M. E. Lamb (Org.) The role of the father in child development (pp. 65-103). New York, Chichester, Brisbane, Toronto, Singapore: John Wiley & Sons.
- Perris, C., Jacobson, L., Lindstorm, H., Von Knorring, L. & Perris, H. (1980). Development of a new inventory for assessing memories of parental rearing behaviour. Acta Psychiatrica Scandinavica, 61, 265-274.

- Picanço, C. S. da C. (2006). Insuficiência renal crônica: práticas educativas parentais e adesão infantil ao tratamento. Dissertação de Mestrado não-publicada, Florianópolis. Universidade Federal de Santa Catarina.
- Piccinini, C. A.; Castro, E. K., Alvarenga, P.; Vargas, S. & Oliveira, V. Z. (2003). A doença crônica orgânica na infância e as práticas educativas maternas, Estudos de Psicologia (Natal), 8 (1), 75-83.
- Pinheiro, D. P. N. (2003). Estilo parental: uma análise qualitativa. Dissertação de Mestrado não-publicada. Curitiba, Universidade Federal do Paraná.
- Prado, A. B., Piovanotti, M. R.A. & Vieira, M. L. (2004). Não basta ser pai, tem que participar. Psicologia Brasil, 12-16.
- Prust, L. W. & Gomide, P. I. C. (2007). Relação entre comportamento moral dos pais e dos filhos adolescentes. Estudos de Psicologia (Campinas), 24 (1), 53-60.
- Radziszewska, B., Richardson, J. L., Dent, C. W. & Flay, B. R. (1996). Parenting style and adolescent depressive symptoms, smoking, and academic achievement: Ethnic, gender, and SES differences. Journal of Behavior Medicine, 19, 289-305
- Reppold, C. T., Pacheco, J., Bardagi, M. & Hutz, C. S. (2002). Prevenção de problemas de comportamento e desenvolvimento de competências psicossociais em crianças e adolescentes: Uma análise das práticas educativas e dos estilos parentais. In: C. S. Hutz (Org.), Situações de risco e vulnerabilidade na infância e adolescência: Aspectos teóricos e estratégias de intervenção (pp. 9-51). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Reppold, C. T. & Hutz, C. S. (2003). Prevalência de indicadores de depressão entre adolescentes no Rio Grande do Sul. Avaliação Psicológica, 2 (2), 175-184.
- Ribas Jr, R. de C., Seidl de Moura, M. L. & Bornstein, M. H. (2003). Socioeconomic status in Brazilian psychological research: II. socioeconomic status and parenting knowledge, Estudos de psicologia (Natal), 8 (3), 375-383.
- Ribeiro, M. J. S. (2003). Ser família: construção, implementação de um programa de educação parental. Dissertação de mestrado não-publicada. Braga. Universidade do Minho.

- Rodrigues, A. Figueiredo, B., Pacheco, A., Costa, R., Cabeleira, C. & Magarinho, R.(2004). Memória de cuidados na infância, estilo de vinculação e qualidade da relação com pessoas significativas: estudo com grávidas adolescentes. Análise Psicológica, 4 (12), 643-665.
- Ross, M. W., Campbell, R. L. & Clayer, J. R. (1982). New inventory for measurement of parental rearings patterns. Acta Psychiatrica Scandinavica, 66 (6), 499-507.
- Rutter, M. (1998). Some research considerations on intergenerational continuities and discontinuities: Comment on the special section. Developmental Psychology, 34, 1269-1273.
- Salvador, A. P. V. (2007). Análise da relação entre práticas educativas parentais, envolvimento com tarefas escolares, depressão e desempenho acadêmico de adolescentes. Dissertação de mestrado não-publicada. Curitiba. Universidade Federal do Paraná.
- Salvo, C. G. de, Silveiras, E. F. M. & Toni, M. de (2005). Práticas educativas como forma de predição de problemas de comportamento e competência social. Estudos de Psicologia (Campinas), 22, (2), 187-195.
- Sampaio, I. T. A. & Gomide, P. I. C. (2007). Inventário de estilos parentais (IEP) – Gomide (2006) percurso de padronização e normatização, Psicologia Argumento, 25, (48), 15-26.
- Seidl de Moura, M. L., Ribas Jr., R. C., Piccinini, C. A., Bastos, A. C. S., Magalhães, C. M. C., Vieira, M. L., Salomão, N. M. R., Silva, A. M. P. M. & Silva, A. K. (2004). Conhecimento sobre desenvolvimento infantil em mães primíparas de diferentes centros urbanos do Brasil. Estudos de Psicologia (Natal), 9 (3), 421-429.
- Seligman, M. E. P. & Csikszentmihalyi, M. (2000). Positive psychology: An introduction. American Psychologist, 55, 5-14.
- Serbin, L. A., Cooperman, J. M., Peters, P. L., Lehoux, P. M., Stack, D. M. & Schwartzman, A. E. (1998). Intergenerational Transfer of Psychosocial Risk in Women With Childhood Histories of Aggression, Withdrawal, or Aggression and Withdrawal. Developmental Psychology, 34 (6), 1246–1262.

- Sicuro, C. G. & Löhr, S. S. (2006). Habilidades sociais de filhos cujas mães não trabalham fora. In: Guilhardi, H. J. & Aguirre, N. C. Sobre Comportamento e Cognição – Expondo a Variabilidade, Vol 17 (pp.89-93). Santo André-SP: ESETec.
- Simons, R. L., Whitbeck, L. B., Conger, R. D. & Chyi-In, W. (1991). Intergenerational transmission of harsh parenting. Developmental Psychology, 27, 159-171.
- Steinberg, L., Darling, N. & Fletcher, A. C. (1995). Authoritative parenting and adolescent adjustment: An ecological journey. In: P. Moen, G. H. Elder, Jr. & K. Luscher (Orgs.), Examining lives in context: Perspectives on the ecology of human development (pp. 423-466). Washington, DC: APA.
- Steinberg, L., Lamborn, S. D., Darling, N., Mounts, N. S. & Dornbusch, S. M. (1994). Over-time changes in adjustment and competence among adolescents from authoritative, authoritarian, indulgent, and neglectful families. Child Development, 65, 754-770.
- Steinberg, L., Mounts, N. S., Lamborn, S. D. & Dornbusch, S. M. (1991). Authoritative parenting and adolescent adjustment across varied ecological niches. Journal of Research on Adolescence, 1, 19-36.
- Veneziano, R. A. (2003). The importance of paternal warmth. Cross-Cultural Research, 37, 265-81.
- Vitali, I. L. (2004). Como nossos pais? A transmissão intergeracional dos estilos parentais Dissertação de mestrado não publicada. Curitiba. Universidade Federal do Paraná.
- Weber, L. (2004). Efeito do comportamento moral dos pais sobre o comportamento moral dos filhos adolescentes. Dissertação de mestrado não-publicada. Curitiba. Universidade Federal do Paraná.
- Weber, L. N. D., Biscaia, P., Paivei, C. A. & Galvão, A. (2002). A relação entre o estilo parental e o *stress* infantil [Abstracts]. Conselho Regional de Psicologia do Paraná (Org.), *X Encontro Paranaense de Psicologia*, Curitiba – PR.
- Weber, L. N. D.; Prado, P. M.; Viezzer, A. P. & Brandenburg, O. J. (2004). Identificação de estilos parentais: o ponto de vista dos pais e dos filhos Psicologia Reflexão e Crítica, 17 (3), 323-331.

- Weber, L. N. D., Selig, G. A., Bernardi, M. G. & Salvador, A. P. V. (2006). Continuidade dos estilos parentais através das gerações: transmissão intergeracional de estilos parentais. Paidéia, 16 (35), 407-414.
- Weber L. N. D., Viezzer A. P. & Brandenburg O. J. (2003). A relação entre o estilo parental e o otimismo da criança. PsicoUSF, 8, (1), 71-79.
- Weber, L. N. D.; Viezzer, A. P. & Brandenburg, O. J. (2004). O uso de palmadas e surras como prática educativa. Estudos de psicologia (Natal), 9 (2), 227-237.
- Whitbeck, L. B., Hoyt, D. R., Simons, R. L., Conger, R. D., Elder, Jr., G. H., Lorenz, F. O. & Huck, S. (1992). Intergenerational continuity of parental rejection and depressed affect. Journal of Personality and Social Psychology, 63, 1036-1045.
- Zavaschi, M. L. S., Salter, F., Poester, D., Vargas, C. F., Piazenski, R., Rohde, L. A. P. & Eizirich, C. L. (2002). Associação entre trauma por perda na infância e depressão na vida adulta. Revista brasileira de psiquiatria, 24 (4), 189-95.

ANEXOS

Anexo 1

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA COM SERES HUMANOS
PARECER CONSUBSTANCIADO - PROJETO Nº 030/07**

I – Identificação:

- Título do Projeto: **MEMÓRIAS DE CUIDADOS NA INFÂNCIA E PRÁTICAS EDUCATIVAS PARENTAIS**
- Pesquisador Responsável: Mauro Luis Vieira
- Pesquisador Principal: Francieli Hennig

- Data Coleta dados: Início: Março/2007 Término previsto: Dezembro/ 2007

- Local onde a pesquisa será conduzida: Hospital, Comunidade e Outras

II - Objetivos:

Objetivo Geral: Identificar as relações entre memórias de cuidados na infância e práticas educativas parentais.

Objetivos Específicos:

- Identificar as práticas educativas parentais utilizadas por pais e mães;
- Comparar as práticas educativas parentais utilizadas por pais e mães;
- Caracterizar os cuidados parentais na infância, através da memória de pais e mães;
- Relacionar estilos parentais dos participantes às lembranças do modo como foram educados.

III – Comentário.

Trata-se de projeto devidamente documentado. O tema é relevante, pois as práticas parentais revelam-se como estratégias para suprimir comportamentos inadequados ou incentivar a ocorrência de comportamentos adequados. Com o projeto objetiva-se questionar: “Qual a melhor forma de educar os filhos? e Quais são as conseqüências que podem ser provocadas no desenvolvimento das crianças educadas por diferentes modelos de pais? O princípio da autonomia está atendido, porquanto há um TCLE bem elaborado. O projeto, ademais, está em consonância com os demais princípios bioéticos, tais como da beneficência, não-maleficência e justiça.

IV – Parecer final:

Ante o exposto, sou pela aprovação do projeto em análise.

Aprovado

Prof. Washington Portela de Souza

Coordenador do CEP

Data da Reunião do Conselho de Ética: 26 de março de 2007.

Fonte: CONEP/ANVS - Resoluções 196/96 e 251/97 do CNS

Anexo 2

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Meu nome é Francieli Hennig, sou orientada pelo Prof. Dr. Mauro Luis Vieira e estou desenvolvendo minha dissertação de mestrado na Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC. Convido você a participar da pesquisa, que terá por objetivo compreender as práticas educativas parentais.

Sua participação, completamente voluntária, acontecerá por meio do preenchimento dos questionários e da realização de uma entrevista se necessário. As informações fornecidas são confidenciais. Isto não traz riscos e desconfortos para os participantes e esperamos que traga como benefícios um maior entendimento sobre as práticas educativas, o que possibilitará avanço de conhecimento sobre o fenômeno e intervenções mais eficazes em áreas profissionais relacionadas.

Além disso, os participantes interessados poderão ter acesso a uma explicação dos resultados obtidos ao fim da pesquisa, preenchendo seu e-mail para contato no questionário.

Após ler este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e aceitar participar do estudo, solicito a assinatura do mesmo em duas vias, sendo que uma delas permanecerá em seu poder. Se você tiver alguma dúvida em relação ao estudo ou decidir posteriormente não fazer parte do mesmo, pode entrar em contato diretamente com o pesquisador pelo telefone (47)9952-1730 ou com o Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Desenvolvimento Infantil (NEPEDI) da UFSC (48) 3331-8606.

Francieli Hennig - Pesquisadora principal

Mauro Luis Vieira - Pesquisador responsável

Eu,..... fui esclarecido sobre a pesquisa *Memórias de Cuidado na Infância e Práticas educativas Parentais* e concordo que meus dados sejam utilizados na realização da mesma. Declaro ainda, que estou ciente de seu objetivo e métodos, e de meus direitos de anonimato e de desistência.

Blumenau, ____/____/____

Assinatura: _____ RG: _____

Anexo 3

Inventário de estilos parentais (IEP)
Práticas educativas maternas e paternas
Auto-aplicação

Paula Inez Cunha Gomide

O objetivo deste instrumento é estudar a maneira utilizada pelos pais na educação de seus filhos. Não existem respostas certas ou erradas. Responda cada questão com sinceridade e tranquilidade. Suas informações serão sigilosas. Escolha, entre as alternativas a seguir, aquelas que mais refletem a forma como **você** educa seu/sua filho(a).

Responda a tabela a seguir fazendo um X no quadrinho que melhor indicar a frequência com que você age nas situações relacionadas; mesmo que a situação descrita nunca tenha ocorrido, responda considerando o seu possível comportamento naquelas circunstâncias.

Utilize a legenda de acordo com o seguinte critério:

NUNCA: se, considerando 10 episódios, você agiu daquela forma entre 0 a 2 vezes.

ÀS VEZES: se, considerando 10 episódios, você agiu daquela forma entre 3 a 7 vezes.

SEMPRE: se, considerando 10 episódios, você agiu daquela forma entre 8 a 10 vezes.

Entre 10 episódios

	8 a 10 Sempre	3 a 7 Às vezes	0 a 2 Nunca
1. Quando meu filho(a) sai, ele(a) conta espontaneamente onde vai.			
2. Ensino meu filho(a) a devolver os objetos ou dinheiro que não pertencem a ele(a)			
3. Quando meu filho(a) faz algo errado, a punição que aplico é mais severa dependendo do meu humor.			
3. Meu trabalho atrapalha na atenção que dou a meu filho(a).			
5. Ameaço que vou bater ou castigar e depois não faço nada.			
6. Critico qualquer coisa que meu filho(a) faça, como o quarto estar desarrumado ou estar com os cabelos despenteados.			
7. Bato com cinta ou outros objetos nele(a).			
8. Pergunto como foi seu dia na escola e ouço atentamente.			
9. Se meu filho(a) colar na prova, explico que é melhor tirar nota baixa do que enganar a professora ou a si mesmo(a).			
10. Quando estou alegre, não me importo com as coisas erradas que meu filho(a) faça.			
11. Meu filho(a) sente dificuldade em contar seus problemas para mim, pois vivo ocupado.			
12. Quando castigo meu filho(a) e ele pede para sair do castigo, após um pouco de insistência, permito que saia do castigo.			

13. Quando meu filho(a) sai, telefono procurando por ele(a) muitas vezes.			
14. Meu filho(a) tem muito medo de apanhar de mim.			
15. Quando meu filho(a) está triste ou aborrecido(a), interesse-me em ajuda-lo a resolver o problema.			
16. Se meu filho(a) estragar alguma coisa de alguém, ensino a contar o que fez e pedir desculpas.			
17. Castigo-o(a) quando estou nervoso(a); assim que passa a raiva, peço desculpas.			
18. Meu filho(a) fica sozinho em casa a maior parte do tempo.			
19. Durante uma briga, meu filho(a) xinga ou grita comigo e, então, eu o(a) deixo em paz.			
20. Controlo com quem meu filho(a) fala ou sai.			
21. Meu filho(a) fica machucado fisicamente quando bato nele(a).			
22. Mesmo quando estou ocupado (a) ou mesmo viajando, telefono para saber como meu filho(a) está.			
23. Aconselho meu filho(a) a ler livros, revistas ou ver programas de TV que mostrem os efeitos negativos do uso de drogas.			
24. Quando estou nervoso(a), acabo descontando em meu filho(a).			
25. Percebo que meu filho(a) sente que não dou atenção a ele(a).			
26. Quando mando meu filho(a) estudar, arrumar o quarto ou voltar para casa, e ele não obedece, eu “deixo pra lá.”			
27. Especialmente nas horas das refeições, fico dando as “brincas.”			
28. Meu filho(a) sente ódio de mim quando bato nele(a).			
29. Após uma festa, quero saber se meu filho(a) se divertiu.			
30. Converso com meu filho(a) sobre o que é certo e errado no comportamento dos personagens dos filmes e dos programas de TV.			
31. Sou mal-humorado(a) com meu filho(a).			
32. Não seu dizer do que meu filho(a) gosta.			
33. Aviso que não vou dar um presente para meu filho(a) caso não estude, mas na hora “H”, fico com pena e dou o presente.			
34. Se meu filho(a) vai a uma festa, somente quero saber se bebeu, se fumou ou se estava com aquele grupo de maus elementos.			
35. Sou agressivo(a) com meu filho(a).			
36. Estabeleço regras (o que pode e o que não pode ser feito) e explico as razões sem brigar.			

37. Converso sobre o futuro trabalho ou profissão de meu filho, mostrando os pontos positivos ou negativos de sua escolha.			
38. Quando estou mal-humorado(a), não deixo meu filho(a) sair com os amigos.			
39. Ignoro os problemas de meu filho(a).			
40. Quando meu filho fica muito nervoso(a) numa discussão ou briga, ele(a) percebe que isto me amedronta.			
41. Se meu filho(a) estiver aborrecido(a), fico insistindo para ele me contar o que aconteceu, mesmo que ele(a) não queira contar.			
42. Sou violento(a) com meu filho(a).			

Anexo 4

Memórias de Infância

INSTRUÇÕES: Em seguida ser-lhe-ão colocadas algumas questões relativas à sua infância e adolescência

É importante lembrar-se dos comportamentos dos seus pais em relação a si, tal como os recorda, até ter a idade de 16 anos. Mesmo que às vezes seja difícil relembrar como é que os nossos pais se comportavam em relação a nós, quando eramos crianças e adolescentes, cada um de nós tem certas memórias dos princípios por eles utilizados na nossa educação.

Leia cada questão cuidadosamente e considere qual a resposta que melhor se aplica ao seu caso. Responda separadamente, em relação ao comportamento da sua mãe e do seu pai, colocando, para cada questão, uma X num dos quadrados em frente a **Pai**, para avaliar o comportamento do seu pai e outra num dos quadrados em frente a **Mãe**, para avaliar o comportamento da sua mãe.

Por exemplo:

		Não, nunca	Sim, ocasionalmente	Sim, frequentemente	Sim, a maior parte do tempo
Os meus pais eram amáveis comigo	Pai <input type="checkbox"/> Mãe <input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
1. Os meus pais eram severos ou zangavam-se comigo sem me explicarem porquê	Pai <input type="checkbox"/> Mãe <input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2. Os meus pais elogiavam-me	Pai <input type="checkbox"/> Mãe <input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3. Desejava que os meus pais se preocupassem menos com o que eu fazia	Pai <input type="checkbox"/> Mãe <input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4. Os meus pais deram-me mais castigos físicos do que eu merecia	Pai <input type="checkbox"/> Mãe <input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5. Quando chegava a casa tinha de contar tudo o que tinha feito	Pai <input type="checkbox"/> Mãe <input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6. Os meus pais contribuíram para que a adolescência fosse uma época de aprendizagens importantes, na minha vida.	Pai <input type="checkbox"/> Mãe <input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7. Os meus pais criticavam-me à frente dos outros	Pai <input type="checkbox"/> Mãe <input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8. Os meus pais proibiam-me de fazer coisas que a outras crianças eram permitidas por terem medo que me pudesse acontecer alguma coisa	Pai <input type="checkbox"/> Mãe <input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

		Não, nunca	Sim, ocasionalmente	Sim, frequentemente	Sim, a maior parte do tempo
9. Os meus pais incentivavam-me a sobressair em tudo o que eu fazia	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10. Através do seu comportamento, parecendo tristes, por exemplo, os meus pais faziam-me sentir culpado por os tratar mal	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11. Eu penso que a ansiedade dos meus pais de que alguma coisa me pudesse acontecer era exagerada	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
12. Se as coisas me corressem mal, eu sentia que os meus pais me tentavam confortar e encorajar	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
13. Eu era tratado(a) como a «ovelha ranhosa» ou como o «bode expiatório» da família	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
14. Os meus pais mostravam com gestos e palavras que gostavam de mim	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
15. Eu sentia que os meus pais gostavam mais do(s) meu(s) irmão(s) e/ou irmã(s) do que de mim	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
16. Os meus pais faziam-me sentir vergonha de mim mesmo	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
17. Os meus pais não se preocupavam muito com as minhas saídas.	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
18. Sentia que os meus pais interferiam com tudo aquilo que eu fazia	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
19. Sentia que havia ternura, entre mim e os meus pais.	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
20. Os meus pais estipulavam limites sobre o que me era permitido e sobre o que não me era permitido fazer, que seguiam rigorosamente	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
21. Os meus pais castigavam-me mesmo por pequenos erros	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
22. Os meus pais é que decidiam sobre como eu me devia vestir ou parecer	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
23. Eu sentia que os meus pais ficavam orgulhosos quando eu era bem sucedido(a) em qualquer coisa na qual me havia empenhado	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>